

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - SACOD**

**Letícia Alves Graton**

**ABENÇOADO SEJA O FRUTO: A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NA  
SÉRIE THE HANDMAID'S TALE.**

**CURITIBA**  
**2018**

**Letícia Alves Graton**

**ABENÇOADO SEJA O FRUTO: A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NA  
SÉRIE THE HANDMAID'S TALE.**

Trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. Departamento de Comunicação Social, setor de Artes, Comunicação e Design. Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Valquíria Michela John

**CURITIBA  
2018**

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha mãe e meu pai que sempre me apoiaram nos estudos, acreditando na minha capacidade, me incentivando a ir atrás dos meus sonhos e me proporcionando o privilégio de morar e estudar fora de casa. Agradeço às minhas irmãs, Natália, que é um dos meus maiores exemplos de mulher batalhadora que corre atrás dos seus sonhos, e Isabela, que percorreu esse caminho comigo desde o momento de escolha do curso, até o trabalho final, estando sempre presente mesmo morando em outra cidade.

Agradeço especialmente ao meu namorado Artur Lira por sempre me motivar, crescer comigo e me inspirar inclusive com a escolha do tema deste trabalho, que surgiu depois de horas de crise quando eu precisava fazer um pré-projeto e ele simplesmente disse “Por que você não fala de *The Handmaid’s Tale*?”.

Um imenso obrigada aos meus amigos da gestão No Fluxo (2015/2016) do Centro Acadêmico de Comunicação Social, ao Grupo do Twitter, e às minhas amigas Carolina, Bárbara e Clarice, todos vocês transformaram esses últimos 4 anos nos melhores da minha vida, a minha experiência dentro da UFPR só foi especial porque vocês estiveram lá em todas as festas, trabalhos, noites mal dormidas, prêmios, piadas e viagens comigo. Gostaria de agradecer também às minhas amigas já formadas Thais Barbosa, Alexia Saraiva, Agnes do Amaral, Ana Carolina Maoski, Isabelle Santos e Mariana Caxambu por serem minhas inspirações dentro e fora da universidade. Agradeço as minhas amigas Izabel Stockey e Veronique LaFrance, que mesmo morando longe estiveram sempre ao meu lado.

Um agradecimento especial à professora Doutora e Diretora do SACOD Regiane Ribeiro, pois o tema deste trabalho surgiu em uma das suas matérias, e por último à professora Valquíria John, que aceitou o desafio de me orientar e me ajudar em tudo que eu precisava nessa etapa final da universidade.

*No dia que for possível à mulher amar-se em  
sua força e não em sua fraqueza; não para  
fugir de si mesma, mas para se encontrar;  
não para se renunciar, mas para se afirmar,  
nesse dia então o amor tornar-se-á para ela,  
como para o homem, fonte de vida e não  
perigo mortal. - Simone de Beauvoir*



## Resumo

O trabalho utiliza a análise de conteúdo para verificar como a série de ficção distópica *The Handmaid's Tale* faz uma crítica à opressão patriarcal sofrida por mulheres na atualidade através da representação do papel social da mãe. Para isso, através dos estudos da autora americana E. Ann Kaplan foram criadas 8 categorias de análise sobre maternidade: dever biológico, justificativa para violência, dever sagrado, esperança, união feminina, força feminina, poder social e escolha. O objetivo, ao escolher esse recorte, é compreender como essa representação em uma produção audiovisual distópica consegue levantar questões pertinentes sobre a sociedade atual, como a autonomia corporal feminina, a violência sexual e a opressão religiosa, se tornando um símbolo de luta pelo direito das mulheres ao redor do mundo.

**Palavras-chave:** Distopia; Mídia; Feminismo; Representações sociais; Audiovisual; Séries.

## Lista de ilustrações

Figura 1 – Gráfico sobre trabalhos publicados na plataforma Archive of Our Own	17
Figura 2 – Gráfico sobre trabalhos publicados na plataforma Fanfiction.net . . .	18
Figura 3 – Pesquisas feitas no Google sobre o título da obra de George Orwell entre 2014 e 2016 . . . . .	26
Figura 4 – Intervenção em Brasília na frente do STF durante o início da audiên- cia pública da ADPF 442 . . . . .	50
Figura 5 – Manifestantes do movimento “Nem presa nem morta” durante o “Amanhecer #PelaVidaDasMulheres” . . . . .	51
Figura 6 – Aias: June e um grupo de três outras mulheres. . . . .	58
Figura 7 – Esposa: Serena Joy . . . . .	60
Figura 8 – Martha: Rita . . . . .	62
Figura 9 – Tias: Tia Lydia . . . . .	63
Figura 10 – Manifestantes americanas utilizam o uniforme das Aias para protestar contra a nomeação de Brett Kavanaugh. . . . .	66
Figura 11 – Episódio 1, Primeira temporada, Cena 3 . . . . .	67
Figura 12 – Episódio 1, Primeira temporada, Cena 3 . . . . .	68
Figura 13 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 3 . . . . .	68
Figura 14 – Episódio 6, Temporada 1, Cena 3 . . . . .	69
Figura 15 – Episódio 6, Temporada 1, Cena 3 . . . . .	70
Figura 16 – Episódio 6, Temporada 1, Cena 3 . . . . .	70
Figura 17 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 7 . . . . .	71
Figura 18 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 7 . . . . .	72
Figura 19 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 7 . . . . .	72
Figura 20 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 5 . . . . .	73
Figura 21 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 5 . . . . .	74
Figura 22 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 5 . . . . .	74
Figura 23 – Episódio 4, Temporada 2, Cena 3 . . . . .	75
Figura 24 – Episódio 10, temporada 1, Cena 4 . . . . .	76
Figura 25 – Episódio 11, Temporada 2, Cena 4 . . . . .	77
Figura 26 – Episódio 11, Temporada 2, Cena 4 . . . . .	77
Figura 27 – Episódio 11, Temporada 2, Cena 4 . . . . .	78
Figura 28 – Episódio 8, Temporada 2, Cena 3 . . . . .	79
Figura 29 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 11 . . . . .	80
Figura 30 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 11 . . . . .	80
Figura 31 – Episódio 12, Temporada 2, Cena 10 . . . . .	81
Figura 32 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 2 . . . . .	82
Figura 33 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 2 . . . . .	82

Figura 34 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 2 . . . . .	83
Figura 35 – Episódio 1, Temporada 2, Cena 1 . . . . .	84
Figura 36 – Episódio 1, Temporada 2, Cena 1 . . . . .	84
Figura 37 – Episódio 1, Temporada 2, Cena 1 . . . . .	85
Figura 38 – Gráfico criado a partir da análise das cenas de The Handmaid's Tale: Qual discurso sobre maternidade prevalece na série? . . . . .	86
Figura 39 – Gráfico criado a partir da análise das cenas de The Handmaid's Tale: Qual categoria discursiva de análise prevalece na série? . . . . .	87

## **Lista de tabelas**

Tabela 1 – Categorias de discurso cúmplice definidas por E. Ann Kaplan Legenda 41

## Sumário

	<b>Introdução</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>A cultura das séries</b>	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>O surgimento do streaming</b>	<b>14</b>
<b>1.2</b>	<b>As séries na era da convergência</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>Distopias</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>Da utopia à distopia</b>	<b>21</b>
<b>2.2</b>	<b>Uma análise crítica da realidade</b>	<b>22</b>
2.2.1	1984	22
2.2.2	Admirável mundo novo	24
2.2.3	Fahrenheit 451	24
<b>2.3</b>	<b>A distopia na ficção audiovisual contemporânea</b>	<b>26</b>
<b>3</b>	<b>Representação da maternidade</b>	<b>30</b>
<b>3.1</b>	<b>Gênero, uma construção social</b>	<b>30</b>
<b>3.2</b>	<b>A maternidade na história</b>	<b>32</b>
3.2.1	Revolução industrial: mãe consumidora	32
3.2.2	Primeira Guerra Mundial: mãe modernista	34
3.2.3	Segunda Guerra Mundial: construção pós-moderna da mãe	35
<b>3.3</b>	<b>A maternidade na psicanálise</b>	<b>36</b>
<b>3.4</b>	<b>A mãe na cultura pop</b>	<b>39</b>
3.4.1	Discurso cúmplice	41
3.4.2	Discurso de resistência	42
3.4.3	Discurso pós-moderno	42
<b>4</b>	<b>A análise de conteúdo como metodologia</b>	<b>44</b>
<b>4.1</b>	<b>Referencial teórico</b>	<b>45</b>
<b>4.2</b>	<b>Categorias de análise</b>	<b>45</b>
4.2.1	Dever biológico (discurso cúmplice)	46
4.2.2	Justificativa de violência (discurso cúmplice)	47
4.2.3	Papel sagrado (discurso cúmplice)	48
4.2.4	Esperança (discurso de resistência)	52
4.2.5	União feminina (discurso de resistência)	53
4.2.6	Força feminina (discurso de resistência)	53
4.2.7	Escolha (discurso pós-moderno)	54
4.2.8	Poder social (discurso pós-moderno)	55

<b>5</b>	<b>Análise dos episódios . . . . .</b>	<b>57</b>
<b>5.1</b>	<b>O universo de The Handmaid's Tale . . . . .</b>	<b>57</b>
5.1.1	A história . . . . .	57
5.1.2	As personagens mulheres e as classes sociais . . . . .	57
5.1.2.1	Aias . . . . .	57
5.1.2.2	Esposas . . . . .	59
5.1.2.3	Marthas . . . . .	61
5.1.2.4	Tias . . . . .	62
5.1.2.5	Outras classes sociais . . . . .	63
5.1.3	A recepção da série . . . . .	64
<b>5.2</b>	<b>A seleção de episódios e cenas . . . . .</b>	<b>67</b>
<b>5.3</b>	<b>Resultado da análise . . . . .</b>	<b>85</b>
<b>6</b>	<b>Considerações finais . . . . .</b>	<b>89</b>
	<b>Referências bibliográficas . . . . .</b>	<b>91</b>
	 <b>APÊNDICES</b>	 <b>95</b>

## Introdução

Por causa do seu caráter de crítica social, histórias de distopias passam por um período de alta que começou em 2017 desde que Donald Trump se tornou presidente dos Estados Unidos. Segundo o jornal O Globo<sup>1</sup>, o romance 1984 de George Orwell teve suas vendas disparadas na Amazon quando a conselheira da Casa Branca usou o termo orwelliano “fatos alternativos” em uma entrevista na TV americana. Outros livros considerados clássicos também voltaram a ser best-sellers vários anos depois do seu lançamento: O Admirável Mundo Novo (1932) de Aldous Huxley, e O Concorrente (1982) de Stephen King são bons exemplos disso, mas um dos que mais se destacou foi “O Conto da Aia” da autora canadense Margaret Atwood, que subiu rapidamente na lista de mais vendidos em fevereiro de 2017.

Lançado em 1985, O Conto da Aia, que pode ser considerado uma distopia feminista, ganhou também uma adaptação em formato de série, chamada “*The Handmaid’s Tale*”, produzida e distribuída pela plataforma de *streaming* Hulu, que já recebeu onze estatuetas do Emmy. A série tem chamado atenção do público por apresentar um futuro distópico que não estaria muito longe da real. Nele, por causa de um problema de baixa natalidade, o Estados Unidos teria sofrido um golpe parlamentar de uma instituição religiosa que passa a implementar um governo autoritário e teocrático onde as poucas mulheres férteis são tratadas como propriedade dos homens mais poderosos, se tornando “Aias” que tem o objetivo apenas de engravidarem e não tem direitos nenhum perante a sociedade. As outras mulheres são divididas em classes sociais de serventia de acordo com as suas origens, todas tem seus direitos básicos retirados. A própria Margaret Atwood explicou em seu artigo no New York Times em março de 2017<sup>2</sup>:

Tendo nascido em 1939 (...) eu sabia que a ordem estabelecida podia desaparecer da noite para o dia. Mudanças podem ser rápidas como um relâmpago. Não podemos confiar na impressão de que ‘Não vai acontecer aqui’: qualquer coisa pode acontecer em qualquer lugar, dadas as circunstâncias. (...) Uma das minhas regras era que eu não colocaria nenhum evento no livro que já não tivesse acontecido naquilo que James Joyce chama de ‘pesadelo’ de história. (Atwood, 2017, tradução nossa)<sup>3</sup>

<sup>1</sup> O Globo. Narrativas distópicas viram best seller após eleição de Trump. Disponível em : < <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/narrativas-distopicas-viram-best-seller-apos-eleicao-de-trump-20945259> > Acesso em 19 de novembro de 2018

<sup>2</sup> Margaret Atwood on What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>> Acesso em 21 de novembro de 2018.

<sup>3</sup> “Having been born in 1939, (...) I knew that established orders could vanish overnight. Change could also be as fast as lightning. “It can’t happen here” could not be depended on: Anything could happen anywhere, given the circumstances. (...) One of my rules was that I would not put any events into the book that had not already happened in what James Joyce called the “nightmare” of history.” (2017)

Diante deste panorama, nosso problema de pesquisa é: como *The Handmaid's Tale* utiliza a narrativa distópica para representar e criticar a opressão patriarcal da sociedade através do papel da mãe? Nosso pressuposto é que o conteúdo da série *The Handmaid's Tale* faz referência direta aos problemas enfrentados por mulheres na realidade, visando criticar o papel social que é imposto pela maternidade.

Sendo *The Handmaid's Tale* tanto um objeto de comunicação quanto de significação, o objetivo geral deste trabalho é analisar como a série constrói a narrativa de um futuro distópico que consegue representar a opressão sofrida por mulheres. Contando assim, a história de um público raramente representado na mídia sem estar em um local de objetificação ou estereotipação. Entre os objetivos específicos está a análise da linguagem e de elementos do audiovisual, como figurino, fala e fotografia, para entender como eles constroem a representação do papel da mãe na ficção e qual o objetivo deles dentro da narrativa.

Com base na problemática levantada, utiliza-se a técnica da análise de conteúdo para compreender como são construídos os episódios a série, o conceito de “female gaze” para entender qual a importância de uma narrativa distópica audiovisual ser contada através do ponto de vista de uma mulher e as categorias de análise criadas pela autora E. Ann Kaplan (1992) para entender como a mãe é representada na ficção. A análise de conteúdo se caracteriza por “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter [...] indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2000, p.42)” enquanto o olhar feminino (female gaze), aparece nos estudos de Laura Mulvey como uma forma de criticar a forma com que as produções audiovisuais priorizavam o protagonismo masculino nas suas narrativas, e o trabalho de Kaplan permitiu a criação de categorias específicas para enquadrar as cenas, histórias e personagens do nosso objeto de pesquisa, os três serão explorados no capítulo de metodologia.

Cabe ressaltar que *The Handmaid's Tale*, diferente da maioria das distopias famosas, foi escrito por uma mulher e tem como seu foco principal as violências e as dificuldades enfrentadas por mulheres na história. Dessa forma, a sua adaptação para o audiovisual não é apenas uma narrativa distópica que realiza o recorte temático de gênero entre as suas personagens, mas sim uma que coloca esse recorte como aspecto central da trama. Portanto, mais do que vítimas de uma opressão estrutural, as mulheres em *The Handmaid's Tale* são as protagonistas da história, e assim a série se destaca por conseguir representar a opressão e a resistência de uma minoria que luta até hoje por direitos básicos, como o de ir e vir em segurança e de ter a sua autonomia corporal respeitada.

O presente trabalho é uma tentativa de compreender como uma produção



audiovisual consegue refletir o nosso contexto atual de opressão patriarcal através da ficção distópica, representando lutas sociais e dando espaço para pessoas que foram apagadas da história contarem a sua história. Para isso, serão analisadas cenas dos episódios da primeira e da segunda temporada de *The Handmaid's Tale*, transmitidos pelo serviço de *streaming* Hulu entre abril e junho de 2017 e abril e julho de 2018, tendo como recorte a representação de um dos mais complexos papéis de gênero: a maternidade.

O primeiro capítulo do trabalho fala sobre a história das séries, as características principais desse produto midiático e a influência da tecnologia no seu desenvolvimento. O segundo capítulo apresenta o conceito de distopia para mostrar qual é a importância desse gênero narrativo dentro da cultura e do audiovisual, exemplificando histórias famosas e os seus efeitos no mundo para justificar a escolha de *The Handmaid's Tale* como objeto de pesquisa. O terceiro capítulo aborda a maternidade como uma construção histórica, psicanalítica e cultural que serve aos objetivos masculinos dentro de uma sociedade patriarcal e, portanto, surge na cultura audiovisual através de representações que não contemplam o papel verdadeiro exercido pelas mulheres. No quarto capítulo explicamos a metodologia utilizada durante a análise do trabalho, enquanto o sexto apresenta como foi o processo dessa análise e quais resultados ela gerou. Por fim, nas considerações finais iremos nos aprofundar nos resultados da análise e também identificar outros pontos da série que poderão ser analisados em trabalhos futuros.

## 1 A cultura das séries

Descendente dos romances e das dramaturgias, a ficção seriada pode ser considerada uma das narrativas audiovisuais mais importantes da cultura pop contemporânea. A sua fórmula, que consiste em contar uma história contínua através de diversos episódios, surgiu nos anos 50 com o sucesso de produções como *I Love Lucy* e *Dragnet* e aos poucos foi ganhando espaço na televisão e sendo cada vez mais replicada. A popularização veio alguns anos depois, na década de 80, com a famosa *Dallas*, mas foi só a partir de 1992, com a criação de canais a cabo como HBO e Showtime, que as séries se desenvolveram tecnicamente e criativamente nas produções que conhecemos hoje em dia.

Para Esquenazi a fórmula narrativa da produção seriada pode ser definida como:

O ponto principal das negociações entre produtores e difusores, o instrumento essencial da formação dos técnicos e dos atores que vão participar na produção, a garantia dada aos públicos de que estes encontram o mesmo universo em todos episódios. (2010, p.82)

Portanto, é a partir dela que podemos começar a entender o sucesso dos seriados, e a formação de uma “cultura das séries” (SILVA, 2013), que abrange produtores, distribuidores e diferentes públicos, na medida em que surge como o resultado de mudanças sociais e tecnológicas na forma de consumir televisão.

Essa cultura pode ser notada facilmente na produção norte-americana que esteve sempre se reinventando e se adaptando às diferentes formas de consumo e hábitos de cada época, mantendo-se “ambiciosa e plena de ensinamentos” (Esquenazi, 2010). Para o autor francês:

Tanto no plano dos modelos de produção, da invenção narrativa e genérica, da consciência de questões culturais, políticas, feministas, econômicas e sociais, como no da exploração de territórios ficcionais inéditos, as séries televisivas americanas continuam à frente das outras produções nacionais, que, em muitos casos, as copiam. (2010, p. 11)

Dessa forma, mais do que um produto midiático feito para o entretenimento, a ficção seriada pode ser compreendida como representante de um contexto histórico e tecnológico que “introduz uma relação singular com a realidade, e suscita interpretações plurais pelos seus diferentes públicos” (Esquenazi, 2010). Essas interpretações possibilitaram a criação de comunidades e laços entre pessoas que compartilham e constroem juntas um mesmo repertório cultural. Para entender esse fenômeno e a sua importância podemos analisar dois fatores principais dentro dessa cultura:

## 1.1 O surgimento do streaming

A criação e a popularização das séries acompanhou o desenvolvimento da televisão americana, dependendo dela até o final dos anos 90. Ao longo da sua história, as produções audiovisuais foram exibidas primeiro ao vivo, depois em formato de broadcast, definido pela “coordenação do público a partir da definição de horários; na administração da publicidade” (Ladeira, 2016, p. 31) e, mais recentemente através do multicanal, que “se contrapunha ao broadcast como um modelo capaz de rever a lógica pautada pela massificação” (Ladeira, 2016, p.32) ao apresentar uma maior diversidade de canais e programações mais segmentadas.

Com o surgimento da internet, as produções passam a não depender mais do aparelho televisivo e, assim, a sua circulação se torna mais rápida e a lógica de consumo passa da tradicional para uma nova que é agora pautada por diferentes plataformas de *streaming*:

Se o broadcast se constitui a partir de oportunidades restritas para apropriar audiovisual; se o multicanal se consolida a partir de certo excesso; o streaming então, radicaliza-o. Torna-se o principal recurso para permitir a proliferação acelerada de novos instrumentos de difusão. Cada nova plataforma se justifica a partir da quantidade de imagem que consegue dispor. (Ladeira, 2016, p.33).

A Netflix surge como plataforma pioneira nesta área. Criada por Reed Hastings e Marc Randolph em 1997, o seu intuito inicial era ser um catálogo online de filmes que entregava DVDs a domicílio. O serviço de *streaming* foi lançado 10 anos depois, em 2007, e a partir daí a marca não parou de crescer e se desenvolver, tendo ultrapassado em 2017 o marco de 100 milhões de assinantes em todo o mundo<sup>1</sup>, e conquistado mais 7,41 milhões de assinantes entre janeiro e março deste ano<sup>2</sup>. Para Ladeira (2016), esse sucesso pode ser explicado por causa do foco que a plataforma coloca na criação de conteúdo original: “A netflix se apresenta como uma alternativa em termos de audiovisual. Introduz, para criadores, novas chances de distribuição. Expande o vínculo entre criação e difusão em outra direção.” (p. 79) De fato, pesquisas apontam que o investimento em produção de séries próprias tem sido um dos fatores principais para o crescimento da plataforma, segundo a revista Exame<sup>3</sup> o sucesso de produções

<sup>1</sup> O Globo. Número de assinantes da Netflix passa de 100 milhões e lucro sobre 60%. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/numero-de-assinantes-da-netflix-passa-de-100-milhoes-lucro-sobre-60-21602347>> Acesso em 24 de abril de 2018.

<sup>2</sup> Exame. Netflix dispara em números de assinantes e investidores comemoram. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mercados/netflix-dispara-em-numero-de-assinantes-e-investidores-comemoram/>> Acesso em 24 de abril de 2018.

<sup>3</sup> Exame. Netflix dispara em números de assinantes e investidores comemoram. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mercados/netflix-dispara-em-numero-de-assinantes-e-investidores-comemoram/>> Acesso em 24 de abril de 2018.

estrangeiras, como a espanhola *La Casa de Papel*<sup>4</sup>, refletem o resultado desse investimento que está sendo feito principalmente em conteúdos de outros idiomas. Outras produções que demonstram esse investimento são a alemã *Dark* e as brasileiras *O Mecanismo* e *3%* lançadas entre 2017 e 2018.

Assim, mais do que um grande acervo de produções, a Netflix se tornou também uma nova criadora, competindo, em qualidade e criatividade nas maiores premiações da televisão com outras emissoras famosas, como HBO e Showtime. Apesar de ainda muitas vezes perder para esses canais mais famosos, até o ano passado o serviço de *streaming* já contava com 91 indicações no Emmy<sup>5</sup>, número surpreendente para uma produtora que começou a apostar recentemente em conteúdo original. O modelo de negócio da Netflix introduz, portanto novas possibilidades de desenvolvimento de ficção que agradam aos criadores de série, agora com mais oportunidades criativas de trabalho, e os consumidores, que podem assistir conteúdo onde, quando e quantas vezes quiserem.

Esse modelo é utilizado também pelo Hulu que foi criado em 2007 como uma parceria entre as empresas Disney, 21st Century Fox, Comcast e Time Warner para expor um catálogo com conteúdo desses canais. A princípio, o Hulu era um site de *streaming* que tinha apenas conteúdo de graça com anúncios, que no entanto não podia ser acessado pela televisão para não competir com os canais a cabo, mas depois foi lançado o Hulu Plus que consiste na versão paga do serviço e que pode ser acessada por dispositivos televisivos. Apesar de estar presente apenas nos Estados Unidos e no Japão, o Hulu é um grande concorrente da Netflix, pois também tem se destacado com a produção de conteúdo original, sendo o seu maior caso de sucesso a série *The Handmaid's Tale*, objeto de estudo desta pesquisa, que desbancou as concorrentes do Netflix e ganhou a estatueta de melhor série no Emmy de 2017.

Além de modificar o mercado de produção e difusão de séries, o *streaming* cria também novos hábitos de consumo que merecem destaque dentro da cultura de séries por determinar como ela está presente na vida dos consumidores, um desses novos hábitos é o binge-watching. O termo em inglês, que pode ser definido como o ato de consumir diversos episódios de uma mesma série, um atrás do outro de forma

<sup>4</sup> Apesar de não ter sido desenvolvida pela Netflix, *La Casa de Papel* se tornou um sucesso internacional ao ter os seus direitos de transmissão comprados pela plataforma de streaming. Antes, segundo o El País, a audiência espanhola da série era em torno de 1.780.000 espectadores, hoje em dia esses números já aumentaram muito mais, principalmente em outros países como Brasil, Itália, França e Turquia. Por causa desse sucesso, que pode ser explicado pelo conteúdo e formato da série, além dos episódios que já haviam sido transmitidos na Espanha, a Netflix pediu uma terceira parte que será lançada em 2019. El País. Por que “La Casa de Papel” foi um inesperado sucesso internacional. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/cultura/1522083264\\_215034.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/cultura/1522083264_215034.html)> Acesso em 13 de maio de 2018.

<sup>5</sup> Emmy 2017: O triunfo de *The Handmaid's Tale* é uma derrota para o Netflix. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2017/09/emmy-2017-triunfo-de-handmaids-tale-e-derrota-para-netflix.html>> Acesso em 25 de abril de 2018.

“compulsiva”, é definido por Silva (2013) como “um novo hábito, comportamento ou tendência no consumo midiático” (p.7). Dessa forma, podemos dizer que ele cria um novo tipo de consumidor, que agora não procura mais esperar um horário específico para ver um episódio de série e esperar uma semana para ver a sua continuação, mas sim poder assistir o máximo de episódios possíveis de uma única vez. Para o autor essa prática “se encaixa bem nas estruturas do capitalismo pós-moderno, onde os hábitos de consumo e a construção da identidade estão interligados” (JENNER, p. 15, 2014 tradução nossa)<sup>6</sup>. Portanto, o *streaming* utiliza características já presentes na nossa sociedade atual para introduzir hábitos, como o binge-watching, que se tornam marca registrada das suas produções originais.

Apesar de existirem críticas a essa nova forma de consumir conteúdo, é impossível negar a sua importância quando falamos de séries na contemporaneidade. Assim, a grande relevância das duas plataformas mencionadas, Netflix e Hulu, como influenciadoras na criação da cultura de séries reside no fato de que elas transformam todas as relações entre criadores, distribuidores e públicos. Segundo Ladeira (2016, p.85): “A conexão entre audiovisual e internet iluminada nestas operações iniciais desencadeia consequências que, a partir daí, definirão o audiovisual para o século XXI.”

## 1.2 As séries na era da convergência

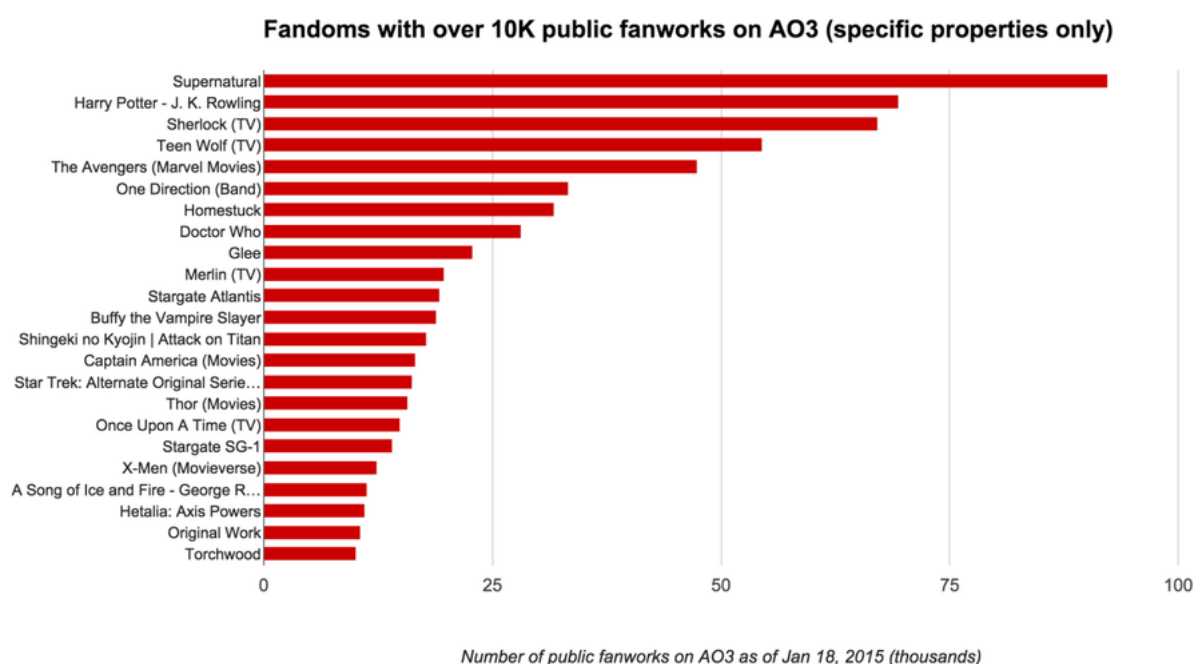
Além de ser determinante no surgimento das plataformas de *streaming*, que criaram uma novas possibilidades de produção, distribuição e consumo de produtos midiáticos, a internet também modificou completamente a forma como as pessoas se relacionam, interagem e se identificam com a narrativa seriada. Se antes já era possível descrever um coletivo que reage de forma comum a um objeto simbólico como uma “Comunidade de interpretação” (FISH, 1980), hoje, as comunidades virtuais expandiram esse conceito, possibilitando que, mais do que interpretar uma determinada história, o público consiga também participar dela, se tornando uma extensão das narrativas ficcionais através da produção de conteúdos próprios que integram o universo de cada série. Como aponta Silva (2013):

Com o processo de digitalização e com os circuitos criados na internet, as séries de tevê são hoje consumidas em nível global, ao mesmo tempo, com trocas de arquivos, legendas, comentários, críticas, recaps, vídeos de reação e mais um sem-números de práticas textuais, pictóricas e audiovisuais que ampliam o efeito semântico proporcionado por determinado episódio para durar a semana inteira até o episódio seguinte. (p. 46)

<sup>6</sup> Fits well into the structures of postpostmodern capitalism where consumer habits and identity construction are intertwined (JENNER, p.15, 2014)

Assim, com as novas formas de consumir dentro da internet, o espectador deixa de ser apenas um receptor passivo, e passa a interagir em comunidades, produzindo novos significados para narrativas que antes se restringiam apenas à tela de televisão. Para entendermos melhor esse fenômeno é possível analisar dois gráficos divulgados em 2015 no *Tumblr* Destination Toast<sup>7</sup>, onde a autora realiza diversas pesquisas estatísticas sobre os diferentes fandoms e a produção de fanfictions em plataformas online:

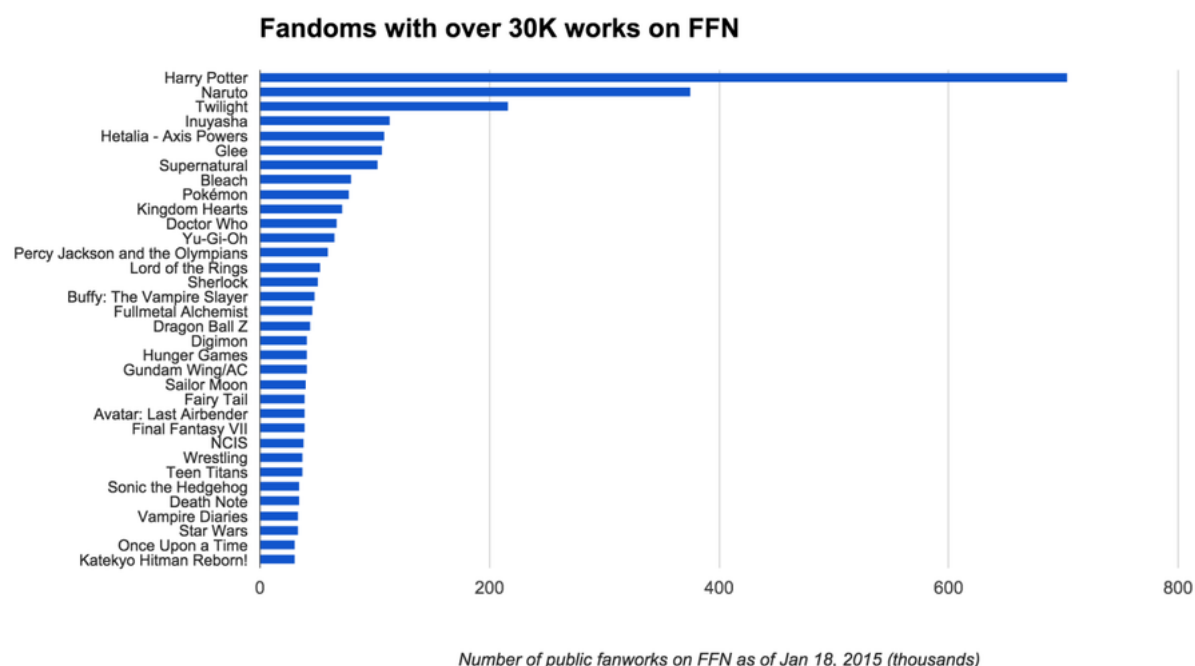
**Figura 1 – Gráfico sobre trabalhos publicados na plataforma Archive of Our Own**



Fonte: Destination Toast

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://destinationtoast.tumblr.com/post/108433335254/things-im-doing-instead-of-sleeping-getting>> Acesso em 25 de abril de 2018.

Figura 2 – Gráfico sobre trabalhos publicados na plataforma Fanfiction.net



Fonte: Destination Toast

No primeiro gráfico, que diz respeito à plataforma Archive of Our Own, a pesquisa aponta três séries norte-americanas entre os principais universos onde os fãs desenvolvem suas histórias: *Supernatural*, com 92.394 trabalhos publicados, *Sherlock*, com 67.196 e *Teen Wolf* com 54.559. Apesar das séries aparecerem um pouco mais embaixo no segundo gráfico, referente a uma pesquisa feita no site Fanfiction.net, os números de trabalhos publicados continuam sendo impressionantes, sendo *Glee* a mais famosa delas com 107 mil fanfics, depois *Supernatural* com 103 mil e em terceiro lugar o desenho *Pokémon* com 77.900. Os números portanto já demonstram uma parcela do conteúdo produzido pelas comunidades virtuais das séries que interagem no ciberespaço, onde segundo Levy (2007) todos os espectadores podem também se tornar produtores, construindo um circuito participativo que interage de forma orgânica.

Essa fusão entre internet e televisão pode ser explicada por meio da cultura de convergência, definida como “um lugar onde os velhos e novos meios colidem” (Jenkins, 2010), e é facilmente notada quando analisamos as diferentes séries assistidas atualmente, tanto por *streaming* quanto pela televisão aberta ou fechada. Para Silva (2013), essa fusão pode ser classificada em três modelos: o aditivo, onde as narrativas estão presentes tanto na TV quanto na internet com conteúdos que se complementam, o inclusivo, definido como um conteúdo que surge na televisão e depois é colocado na internet, seja em plataformas legais de *streaming* ou em sites de download ilegais, e por último o exclusivo, que se refere a narrativas existentes apenas na Internet, como canais do Youtube ou produções originais do Netflix. Essas três categorias citadas pelo

autor demonstram a importância da internet no consumo de séries, pois hoje em dia é praticamente impossível encontrar uma produção que não se encaixe em pelo menos um desses modelos.

Dessa forma, se torna fácil entender como a convergência está cada vez mais presente na vida dos consumidores de narrativas seriadas, sendo um fator essencial na construção da cultura de séries. Para Martino:

A ideia de “meios de comunicação” na cultura da convergência é bastante abrangente, e se refere desde as mídias de massa, como o cinema e a televisão, até as mídias digitais e as interações do ciberespaço. A convergência não significa que um meio novo destrua ou invalide um meio antigo, mas entende que ambos se modificam mutuamente em uma interação da qual emergem novos significados. (2014, p. 36)

Ou seja, apesar de se expandir com o surgimento do *streaming* e das redes sociais, essa nova forma de consumir narrativas seriadas não pode ser explicada apenas pelo desenvolvimento de novas tecnologias, pois estas apenas possibilitaram e facilitaram novas práticas culturais que nasceram do desejo que os espectadores já sentiam de compartilhar aquilo que assistiam com outras pessoas. É essa combinação de público com tecnologia que resulta no modelo de assistir séries que nós conhecemos hoje em dia, caracterizado pela criação de diversos sites, blogs, hashtags, comunidades, perfis, vídeos, artes, fanfics, entre tantos outros produtos que circulam nas mídias digitais.

Esse intercâmbio de conteúdo é a característica principal de uma espetatorialidade hiperconectada, que, segundo Silva (2013, p.6) é “típica de uma cultura das séries, que podemos chamar de cibertelefilia.” Assim, a convergência midiática é um dos fatores mais importantes para entender a cultura de séries e a sua importância dentro da sociedade: no contexto atual ninguém assiste narrativas ficcionais sozinho, mesmo que o telespectador não participe ativamente de comunidades ou não produza conteúdo ele continuará sendo afetado diretamente ou indiretamente pelos diferentes tipos de mídias. Afinal, como define Esquenazi (2010), assistir uma série é um ato coletivo, porque para compreender o objeto assistido o telespectador deve utilizar saberes comuns, e assim: “Uma pessoa nunca se sente um telespectador solitário frente ao pequeno ecrã, mas membro de um vasto coletivo para o qual ver tal série é um ato compreensível e justificável.” (2010, p.39)

Esses dois fatores demonstram como as séries estão atreladas, desde a sua concepção até a sua recepção pelo público, a fatores históricos e tecnológicos, sendo sempre um reflexo da sociedade. Assim, a distopia, gênero do qual participa a narrativa seriada que é objeto dessa pesquisa, surge como uma análise e uma crítica da realidade, tendo o seu sucesso atual ligado a fatores políticos contemporâneos, como



a eleição do presidente norte-americano Donald Trump em 2016. Portanto, vamos analisar mais a fundo o surgimento desse gênero narrativo e a forma como ele se adaptou ao audiovisual dentro da cultura de séries para compreender a importância de *The Handmaid's Tale* no contexto atual.

## 2 Distopias

### 2.1 Da utopia à distopia

Para entender a popularidade do gênero narrativo distópico e como ele se apresenta na ficção audiovisual é preciso primeiro entender a sua origem que começa com o conceito de utopia.

Segundo Ferreira (2015, p.3) a utopia pode ser considerada uma “Ideia de superação positiva de um status quo”, ou seja uma forma de imaginar uma sociedade ideal que teria superado os seus problemas como a desigualdade e a violência. Apesar desse termo estar relacionado ao escritor Thomas More, que foi o primeiro a utilizá-lo na obra “A Utopia” de 1516, esse tipo de pensamento já era explorado muito antes por autores gregos como Hesíodo, Platão e Aristóteles, que refletiam na filosofia sobre como deveria ser a sociedade ideal. O pensamento utópico esteve presente também durante o renascentismo com o filósofo Rousseau, que passa a olhar mais para o ser humano definindo como seria o homem ideal, e atinge o seu auge durante a metade do século XVIII e início do século XIX com o socialismo: “É em Marx que o paradigma utópico encontra o seu ápice de vinculação com a ação histórica concreta - e revolucionária” (Ferreira, 2015, p.6). Portanto, a utopia se desenvolve primeiro como filosofia, depois como pensamento político que pretende imaginar uma sociedade melhor, sem a exploração de uma classe sob a outra por meio do trabalho, segundo o autor: “esta transformação do pensamento utópico corresponde à própria história do pensamento desde o século XVI ao século XIX - desde o Renascimento à Revolução Industrial, passando pelos anseios racionais iluministas e a crença no progresso.” (Ferreira, 2015, p.6)

Entretanto, após esse auge, a utopia começa a ter seu declínio na medida em que a tecnologia e o pensamento científico, que eram vistos como fatores determinantes para o progresso desde o iluminismo, passam a ser questionados depois de conflitos do século XX, como a primeira e a segunda guerra mundial. Segundo Medeiros (2016, p.545):

A certeza de que a humanidade caminha linearmente e inexoravelmente rumo a uma melhoria no seu padrão de existência deixou de ser a quase unanimidade que era antes das duas grandes guerras. As imagens de destruição e sofrimento criaram no imaginário coletivo uma aura pessimista. Passou-se a entender que o progresso material e os avanços científico-tecnológicos têm um preço (que pode vir a ser tão caro como o próprio desaparecimento da espécie humana da terra).

Além disso, a desilusão com os governos socialistas também influenciou a sensação pessimista de que a utopia imaginada nos anos anteriores não havia se

concretizado, e portanto houve o surgimento de um pensamento antiutópico, que desenvolveu o que nós conhecemos hoje como distopia, conforme afirma Russel Jacoby:

Se o século XVI pariu a ideia de utopia, o século XX engendrou a distopia. As utopias buscam a emancipação ao visualizar um mundo baseado em ideias novas, negligenciadas ou rejeitadas. As distopias, por sua vez, buscam o assombro, ao acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade (2007, p.40)

## 2.2 Uma análise crítica da realidade

Conhecida também como “anti-utopia”, a distopia surge no século XX como um gênero literário caracterizado pela sua visão pessimista do futuro e da sociedade, principalmente em relação ao governo e aos direitos humanos. Dessa forma, o autor de uma distopia pretende não apenas criar uma sociedade fictícia com heróis e vilões, mas também levar o seu leitor a refletir sobre a sua realidade e sobre as atitudes que podem ser tomadas para mudá-la e melhorá-la, ou seja não se trata de apenas apresentar um pessimismo nas suas histórias, mas de ter um pessimismo ativo que leve as pessoas a pensarem em como evitar que esse futuro distópico se concretize. Para isso, são utilizados elementos reais que geram um sentimento de identificação entre os leitores, a história e o contexto atual em que eles vivem. Como aponta Hilário:

O gênero literário conhecido como distopia nos fornece elementos para pensar criticamente a contemporaneidade, sobretudo com relação à segunda metade do século XX e início do século XXI. O romance distópico pode então ser compreendido como um aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. (2013, p.202)

Essa ideia de ser um “aviso de incêndio” está presente nas principais obras distópicas que podem ser utilizadas como exemplos para analisarmos e entendermos as características desse gênero narrativo:

### 2.2.1 1984

1984 de George Orwell é umas das distopias mais famosas da literatura, sendo até hoje considerado um dos romances mais importantes e influentes do século XX. Lançado em 1949, o livro conta a história de Winston Smith, um homem comum que mora em uma Grã-Bretanha distópica chamada “Pista de Pouso Número 1”. Na história de Orwell, o mundo é dividido em 3 grandes impérios, Oceania, Euroásia e Lestásia, que vivem em estado de guerra, e aquela na qual vive o personagem principal, a Oceania, é dominada por um governo totalitário e vigilante que controla todos através da repressão

representada pela figura do Grande Irmão, o líder do partido, e por características como a censura e a criação de uma nova língua que impede os habitantes de se organizarem para criar uma revolução. Winston trabalha no “Ministério da verdade” reescrevendo artigos do passado para incluir a ideologia do partido, ou seja ele apaga a realidade da história para manipular as informações e manter o Grande Irmão no poder, mas apesar disso o protagonista odeia a repressão do mundo que vive e sonha com uma rebelião do povo.

Além de possuir todas as características antiautoritárias, insubmissas e críticas de uma distopia (Hilário, 2013), 1984 também é uma obra que claramente buscou as suas inspirações na realidade, um exemplo é a figura do Grande Irmão que foi inspirada nos líderes autoritários da época: Hitler, Stalin e Mussolini, já o governo totalitário, chamado na ficção de “socialismo inglês” foi entendido por alguns como uma crítica ao socialismo, mas o próprio Orwell desmentiu essa interpretação em um dos seus ensaios que compõem o livro *In Front of Your Nose*:

Meu romance recente [Nineteen Eighty-Four] não foi concebido como um ataque ao socialismo ou ao Partido Trabalhista Britânico (do qual sou um entusiasta), mas como uma mostra das perversões que já foram parcialmente realizadas pelo comunismo e fascismo. O cenário do livro é definido na Grã-Bretanha a fim de enfatizar que as raças que falam inglês não são intrinsecamente melhores do que nenhuma outra e que o totalitarismo, se não for combatido, pode triunfar em qualquer lugar. (p.546, 1971)

Portanto, a crítica feita pelo livro, que tem como objetivo ressaltar os perigos do totalitarismo de governos tanto de esquerda quanto de direita, pode ser considerada como o fator principal para o sucesso da obra: 1984 se tornou dentro da cultura pop não apenas um livro clássico de enorme sucesso, que vendeu milhões de cópias, foi traduzido para mais de 65 línguas<sup>1</sup>, adaptado para filmes e até mesmo uma ópera, mas também um símbolo de luta a favor da liberdade e principalmente contra o fascismo e a repressão governamental. A sua história deu origem a outras obras distópicas famosas, como *V de Vingança*<sup>2</sup>, e popularizou termos como “Novilíngua”<sup>3</sup>, “Big Brother”<sup>4</sup> e até mesmo “Orweliano”, termo que surgiu do nome do autor e é usado para se referir a situações repressivas que precisam ser combatidas.

<sup>1</sup> 1984, O livro que matou George Orwell. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/235-1984-o-livro-que-matou-george-orwell/>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

<sup>2</sup> HQ escrita por Alan Moore e adaptada para o cinema em 2005. *V de Vingança*: a história que não foi para a telona. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/cinema-em-casa/v-de-vinganca-o-filme-x-a-graphic-novel/>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

<sup>3</sup> Língua criada pelo partido dominante de 1984 para evitar o surgimento de ideias revolucionárias. Novilíngua. Disponível em: <<http://pt.conlang.wikia.com/wiki/Novil%C3%ADngua>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

<sup>4</sup> Termo que inspirou a criação do Reality Show “Big Brother” pelo holandês John De Mol em 1999, que depois foi exportado para diversos países e no Brasil se tornou um dos programas mais famosos da Rede Globo. Quem é o Grande Irmão? Disponível em: <[www.revistabrasileirmarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/. . ./42/52](http://www.revistabrasileirmarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/. . ./42/52)>. Acesso em 3 de junho de 2018.

### 2.2.2 Admirável mundo novo

Assim como 1984, o livro Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, também se tornou famoso por apresentar uma sociedade do futuro, nesse caso no ano 2.542 ou “632 depois de Ford”, que também é totalitária e controladora, porém aqui o autor utiliza outros meios para realizar a sua crítica contemporânea: ao invés da guerra e da censura através da linguagem, o Estado de Huxley usa o prazer e a mídia para controlar as pessoas e manter uma sociedade organizada, higienista e produtivista.

A obra distópica apresenta um mundo dividido em castas, onde os seres humanos são criados em uma linha de produção, tendo os seus comportamentos e lugares a serem ocupados já pré-estabelecidos na sociedade. Conceitos como família, sentimentos e religião não existem mais, no lugar disso há uma população que é controlada através da ingestão de uma droga chamada “Soma” que garante a felicidade de quem a toma. Mesmo assim, o personagem principal Bernard Marx se sente insatisfeito e passa a questionar o seu mundo e querer se libertar dele.

Lançada em 1932, quando o mundo sofria as consequências da grande depressão de 1929, a história de Huxley se tornou um best seller mundial, sendo considerada até hoje como um manifesto humanista que expõe os perigos da felicidade artificial criada pela mídia e faz uma crítica ao mito do progresso científico<sup>5</sup>. Segundo Medeiros (2016, p.542), esse mito construído através da história “atingiu seu auge com o advento da modernidade industrial, e a partir daí começou a ser fortemente contestado, apesar de, para muitos teóricos, ainda influenciar os rumos das sociedades modernas.” Assim, a narrativa distópica de Admirável Mundo Novo visa contestar esse tipo de pensamento, ao mesmo tempo em que também questiona o modelo de produção capitalista que criava nos Estados Unidos uma sociedade padronizada e o totalitarismo de governos socialistas e fascistas da época. O “aviso de incêndio” apresentado por Hilário (2013) como uma forma de alerta ao futuro, assim como em 1984, é o que tornou a obra extremamente relevante, e o fato do mito do progresso ainda persistir na ideia de desenvolvimento do século XXI faz com que o livro de Huxley possa ser usado para compreender não apenas a época em que ele foi escrito, mas também a nossa realidade.

### 2.2.3 Fahrenheit 451

A última distopia famosa do século XX que iremos analisar é Fahrenheit 451 do americano Ray Bradbury. Assim como os outros dois autores, Ray também desenvolveu um mundo fictício utilizando traços da realidade, porém na sua história a crítica é

<sup>5</sup> A atualidade chocante de admirável mundo novo. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/posts/a-atualidade-chocante-de-admiravel-mundo-novo/>>; Acesso em 4 de junho de 2018.

voltada para a televisão que, segundo o autor, seria a responsável por destruir o interesse pela leitura da população. O futuro distópico de *Fahrenheit 451* apresenta um mundo onde os livros são proibidos, sendo queimados por bombeiros, e como consequência o pensamento crítico também é visto como algo errado. A alienação é portanto utilizada como forma de dominação autoritária, e assim como nas outras distopias, há um personagem principal no centro da história, nesse caso o bombeiro Guy Montag, que passa a questionar o status quo daquela sociedade ao conhecer Clarisse, uma personagem que é vista como louca por gostar de livros e não aceitar a falta de pensamento crítico da sociedade.

Apesar de ter um final mais otimista do que as outras, a obra de Bradbury lançada em 1953 também pode ser considerada uma distopia, pois a sua mensagem sobre os perigos da alienação da mídia, que foi considerada na época como um alarme para o futuro, continua presente hoje em dia. Prova disso é o fato de que, além de ter sido um sucesso de vendas, o livro também foi para o cinema em 1966 e, mais recentemente ganhou outra adaptação exibida pela HBO que estreou em 12 de maio de 2018. A ideia de realizar essa refilmagem surgiu após a eleição do atual presidente americano Donald Trump<sup>6</sup>. Da mesma forma, a obra 1984 também foi revisitada após esse acontecimento político contemporâneo, se tornando o livro mais vendido da Amazon em janeiro de 2017<sup>7</sup>, mês em que Trump tomou posse da presidência, e assim gerando vários debates e comparações entre ficções distópicas e a realidade. O jornal Nexo apresentou até mesmo um gráfico que revela essa influência política através de uma comparação entre as pesquisas feitas no Google sobre o título do livro de George Orwell entre 2014 e 2016:

<sup>6</sup> Refilmagem de *Fahrenheit 451* se inspirou na eleição de Trump. Disponível em: <<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,refilmagem-de-fahrenheit-451-se-inspirou-na-eleicao-de-trump,70002333745>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

<sup>7</sup> Por que o livro 1984 está de volta. E o que diz isso sobre o presente. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/29/Por-que-o-livro-1984-esta-de-volta.-E-o-que-isso-diz-sobre-o-presente>>. Acesso em 4 de junho de 2018

**Figura 3 – Pesquisas feitas no Google sobre o título da obra de George Orwell entre 2014 e 2016**

Fonte: Jornal Nexo

O gráfico demonstra como o aumento do interesse pelo gênero narrativo distópico aumentou durante a campanha de Trump, mostrando a necessidade de compreender a política contemporânea e os perigos ligados ao autoritarismo e o conservadorismo desse candidato. Além disso, é possível interpretar o gráfico também como uma busca por narrativas que apresentem mensagens de resistência e esperança, pois como apontam Cordeiro, Goes e Nogueira (2016) essa também é uma das características da distopia:

A narrativa distópica é uma alegoria social e política da nossa própria realidade realizada em forma de crítica. Ela escancara e analisa os defeitos da nossa sociedade ao mesmo tempo que mantém as características redentoras destas próprias como forma de gerar uma esperança de mudança, violenta ou pacífica, de um futuro que se torna, a cada página que se lê, mais escuro e esperançoso ao mesmo tempo. (p.260)

### 2.3 A distopia na ficção audiovisual contemporânea

Apesar de ter nascido na literatura, foi com a ascensão dos meios de comunicação de massa que a narrativa distópica se popularizou na sociedade moderna. Segundo Booker (1994) o audiovisual possibilitou que as mensagens transmitidas pelos autores de distopias alcançassem um público muito maior do que o anterior, tanto com adaptações de obras clássicas famosas, quanto com produções originais que se inspiraram nestas.

O primeiro filme considerado distópico foi o alemão *Metrópolis* (1927) do diretor Fritz Lang. Assim como as obras literárias já citadas, esta também foi uma narrativa que surgiu da influência da Guerra, mais precisamente da Primeira Guerra Mundial, e do contexto da Alemanha da época, que era marcado por pensamentos antiutópicos e pessimistas. No filme o diretor representava uma sociedade futurística do ano 2000

onde seres humanos vivem divididos em duas classes: as de trabalhadores, e a de planejadores da cidade. Cada classe vive em um lugar diferente, sendo a de trabalhadores um local subterrâneo onde eles trabalham todos os dias para criar a cidade perfeita dos planejadores que desfrutam de uma vida confortável e privilegiada. A trama, como todas as distopias, apresenta um protagonista que passa a perceber como a sua sociedade é problemática e quais os perigos de continuar mantendo-a da forma como ela é, nesse caso porque ele se apaixona por uma personagem da classe trabalhadora.

Dessa forma, é possível perceber que mesmo com as características únicas da linguagem audiovisual, que remetem a outros gêneros da época, como o Expressionismo Alemão, o Noir e o CyberPunk, o cinema distópico continuou fiel ao formato já conhecido na literatura pela crítica social feita através da ficção futurista, e os alarmes de incêndio em relação ao autoritarismo. Segundo Souza:

Em sua essência, o cinema distópico nasce vinculado especificamente à causa dos trabalhadores submetidos ao árduo trabalho fabril, mas, nos desfechos de suas narrativas, ele se mostra abertamente engajado em questões humanas independente da classe social, fazendo do cinema uma “arte de combate” ou um “medium de reflexão”. (2012, p.4)

Essas características citadas pelo autor, que transformam o cinema em uma arte crítica e combativa, continuam presentes nas outras obras do século XX que surgiram após *Metrópolis* e são lembradas até hoje, como: *Laranja Mecânica* (Reino Unido e Estados Unidos 1971), 1984 (Reino Unido, 1984), *Fahrenheit 451* (Reino Unido, 1966), *Mad Max* (Austrália, 1980), *Blade Runner* (Estados Unidos, 1982) entre tantas outras. Mas, mesmo sendo considerados famosos, esses filmes do século passado ainda tinham um público muito pequeno, principalmente se comparado com o sucesso hollywoodiano que surgiria anos depois: a saga distópica *Jogos Vorazes* (Estados Unidos, 2012 - 2015), que arrecadou 2,3 bilhões de dólares com 4 longa-metragens<sup>8</sup>.

Entre as obras contemporâneas, a adaptação dos livros de Suzanne Collins merece destaque tanto pela sua bilheteria, quanto pelo fenômeno pop que ela criou na mídia, gerando comparações com a realidade e influenciando o surgimento de outras narrativas distópicas, literárias e cinematográficas, voltadas para o público jovem. Segundo Souza (2012), alguns críticos do gênero distópico, como Keith M. Booker, consideram um sucesso de público como este prejudicial para a mensagem central da distopia, que deveria sempre conter um caráter crítico e anti-midiático para ser efetiva. Ou seja, apesar de ter popularizado o gênero, a maior mudança trazida pelo audiovisual que o difere da literatura distópica é a transformação desta em um

<sup>8</sup> Folha. Cinco anos e 23 bilhões em bilheteria depois. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/11/1707731-cinco-anos-e-u-23-bi-em-bilheteria-depois-jogos-vorazes-chega-ao-fim.shtml>> Acesso em 12 de junho de 2018.



produto de entretenimento, criticada por muitos autores que apontam a possibilidade da despolitização do gênero.

Para muitos fãs de Jogos Vorazes, por exemplo, a saga se tornou um símbolo de resistência ao autoritarismo governamental e uma forma de criticar a sociedade midiaticizada, entretanto a adaptação para o cinema muitas vezes era retratada pela mídia<sup>9</sup> como apenas mais uma moda dos jovens, ou apenas como uma história de amor com o triângulo amoroso dos três personagens principais: Katniss, Peeta e Gale. Essa transformação de uma narrativa engajada para um produto midiático traz portanto diversas questões que devem ser problematizadas, mas isso não impede que o gênero distópico demonstre o seu caráter político que tem como objetivo dos seus criadores: “a expectativa de que os sujeitos após assistirem seus filmes mudem radicalmente suas atitudes diante de uma cultura que caminha para as ruínas.” (Souza, 2012, p.9).

Para além dos filmes, a distopia também aparece como um gênero popular entre as séries contemporâneas, na medida em que estas foram ganhando espaço e sendo consideradas tão boas quanto as produções cinematográficas. Um bom exemplo desse sucesso é a série britânica *Black Mirror*, que estreou em 2011 no canal Channel 4 como uma antologia distópica que critica o uso da tecnologia com apenas 3 episódios por temporada, e depois foi comprada pela Netflix onde passou a ter um formato de 6 episódios e se popularizou como um fenômeno global<sup>10</sup>. A partir de um entendimento de como se configura a cultura de séries, que hoje em dia envolve uma grande participação dos fãs que produzem e divulgam conteúdos através das redes sociais, é possível compreender como o gênero distópico pode encontrar nela uma forma de engajar ainda mais o público e abordar outras questões através na ficção futurística.

Dessa forma, o objeto desta pesquisa *The Handmaid's Tale*, surge como um produto de extrema relevância por ser uma série norte-americana transmitida através de um serviço de *streaming*, pelo gênero narrativo distópico estar em alta e o mais importante: por retratar uma história de luta e sobrevivência de mulheres. A série se destaca das outras distopias por colocar como tema principal a experiência de ser mulher na sociedade. Diferente das obras clássicas mencionadas, que apresentam sempre um homem como protagonista e os problemas sociais como sendo universais, *The Handmaid's Tale* realiza uma clara distinção de gênero, que não é abordada nem mesmo em produções contemporâneas como Jogos Vorazes, que é protagonizado por uma mulher, ou *Black Mirror*, que até toca no assunto com personagens feminina mas

<sup>9</sup> Rollingstone. Novo teaser de jogos vorazes acentua triângulo amoroso entre protagonistas. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/novo-teaser-de-jogos-vorazes-acentua-triangulo-amoroso-entre-protagonistas/>> Acesso em 12 de junho de 2018.

<sup>10</sup> Estadão. Agora produzida pela Netflix, *Black Mirror* volta em escala maior. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,agora-produzida-pela-netflix-black-mirror-volta-e-m-escala-maior,10000085194>> Acesso em 17 de junho de 2018.

não o coloca como central dentro das diferente tramas.

A série apresenta portanto um outro caráter político possível dentro da distopia: a opressão estrutural de gênero que constitui o patriarcado. Dessa forma, o intuito dela não é apenas questionar os perigos do autoritarismo, mas também apontar quais são os grupos que mais sofrem quando há a instauração de um governo conservador e controlador como o que acontece no país fictício de Gilead. Segundo Margaret Atwood, esse totalitarismo não é novidade:

Nós vimos isso tantas vezes na história, então o que você vai fazer? Essas pessoas estão violando os seus direitos e matando os seus familiares. Quais são as suas escolhas? Você cala a boca e tenta aguentar sem ser morta. Essas têm sido as melhores escolhas para pessoas oprimidas, com pouco poder na sociedade, durante toda a história. (MCDONALD apud ATWOOD, 2017)

Quando se trata então de abordar problemas sofridos por grupos de minorias, como as mulheres que vivem em constante medo de perder os seus poucos direitos e em constante luta por outros básicos que ainda não foram garantidos, a distopia se torna um gênero muito mais próximo da realidade, e cabe a esta pesquisa compreender como essa proximidade é explorada através da linguagem audiovisual, e de todos os elementos que a compõem.

Para isto, decidimos analisar um recorte de gênero que pode ser considerado como o aspecto principal da opressão patriarcal contra as mulheres, dentro e fora do universo fictício distópico: a maternidade. Como é construído socialmente e historicamente o papel social da mãe? E, como a representação desse papel pode ser utilizada para retratar problemas reais que afetam milhares de mulheres e colocá-los em pauta através de uma série como *The Handmaid's Tale*?

### 3 Representação da maternidade

#### 3.1 Gênero, uma construção social

A filósofa francesa Simone de Beauvoir, conhecida pela famosa frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1949, p.9), definiu gênero como uma construção social que tem como base as diferenças biológicas entre homens e mulheres. Na sua obra mais conhecida, *O Segundo Sexo*, a autora fala sobre a opressão sofrida por mulheres em diversos aspectos das suas vidas, afirmando que estas são sempre vistas como o “outro” em relação ao sujeito universal que é o homem branco. Segundo ela:

Um dos mal-entendidos que meu livro suscitou foi que se pensou que nele eu negava qualquer diferença entre homens e mulheres: ao contrário, ao escrevê-lo medi o que os separa; o que sustentei foi que essas dessemelhanças são de ordem cultural e não natural. (1963, p. 2010-2011)

Ou seja, Beauvoir não nega que existem diferenças biológicas entre os sexos, mas reconhece que estas são usadas para justificar a construção dos gêneros “homem” e “mulher” que sustentam um sistema de opressão hierárquica onde a mulher está abaixo do homem. A socióloga Saffioti (1992) define essa hierarquia como um sistema chamado “patriarcado” que realiza a exploração e a dominação das mulheres através da violência institucionalizada. Segundo a autora, que segue a linha do feminismo marxista, o patriarcado é o que explica as violências que as mulheres sofrem na sociedade, e a sua existência está diretamente ligada ao capitalismo:

O patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração. Enquanto a dominação pode, para efeitos de análise, ser situada essencialmente nos campos político e ideológico, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico. (1987, p.50)

Essa visão vai de acordo com os conceitos apresentados por Beauvoir que definem a mulher como “outro”, ou seja, o objeto que está em desvantagem em uma relação de poder com o homem branco e rico que é o seu opressor. Para Saffioti a submissão das mulheres dentro desse sistema acontece através da constante possibilidade de violência: “Paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero”. (1987, p.75). Ou seja, mesmo quando não existe a violência na sua realidade individual, todas as mulheres compreendem que podem um dia se tornarem vítimas dela e portanto precisam agir conforme o seu papel social submisso demanda. Para Beauvoir, essa submissão tem relação direta com o corpo, como explica Ingrid Cyfer:

O enraizamento corporal em Beauvoir é o elemento central para compreender sua tese sobre a condição feminina. Ser o Segundo não é apenas um efeito de constrações externas das quais a mulher pode se libertar como se retirasse uma camada estranha à sua subjetividade. Ser o segundo sexo é a condição de uma subjetividade corporificada. Mas o corpo comporta a ambiguidade de estar ao mesmo tempo sujeito à natureza e à cultura. (2015, p.68)

A relação hierárquica que coloca a mulher como inferior na sociedade é constituída portanto através do controle do corpo feminino e legitimada por meio de instituições culturais e políticas, como o casamento e a religião por exemplo, pois este corpo deve existir dentro de normas culturais que definem as suas funções, sendo as duas principais a reprodução e o prazer sexual masculino. Em *O Segundo Sexo* a autora analisa os aspectos biológicos da dominação feminina, especialmente a gravidez, e explica que apesar da sua enorme importância, esses aspectos precisam de fatores históricos, culturais e sociológicos para determinarem um cenário de opressão e violência contra o sexo feminino:

É portanto à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história, trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana (1949, p.57)

Através dessas concepções definida pelas duas autoras é possível analisar a maternidade como um papel social que surge dentro do patriarcado, tendo ligação com fatores econômicos e culturais que vão muito além do seu aspecto biológico. A mãe na sociedade é muito mais do que uma pessoa que realiza o ato de reproduzir a espécie humana, ela é o resultado de uma combinação de discursos e representações culturais que interferem diretamente na materialidade feminina, independente da mulher ter tido ou não um filho, o discurso desse papel social está sempre presente na sua vida. Portanto, é importante analisar como ele é representado em uma série que apresenta um contexto distópico com o intuito de criticar e expor os problemas da realidade através de uma história fictícia.

Ao apresentar uma sociedade onde a poluição e a guerra fizeram com que a taxa de natalidade se tornasse um problema para a humanidade, *The Handmaid's Tale* coloca a biologia feminina como a questão central da sua história, usada como justificativa para legitimar um sistema de exploração e escravidão de mulheres, e assim definir o destino e a classe social de todas as personagens. Portanto, para entender a crítica que a série faz à realidade vivida pelas mulheres é preciso colocar a representação

da maternidade como central na nossa pesquisa. Assim, primeiro vamos analisar o contexto histórico e psicológico que explica o surgimento dos discursos que compõem o papel da mãe na sociedade, e depois compreender como eles foram traduzidos pela mídia em estereótipos utilizados para garantir que as mulheres continuassem submissas ao poder patriarcal.

Segundo Beauviour o surgimento desse tipo de opressão está enraizado no medo de que as mulheres pudessem utilizar a sua biologia para tomar o poder: “É como mãe que a mulher é temível, é na maternidade que é preciso transfigura-la e escravizá-la” (1949, p.214). Além dela, várias outras teóricas também estudaram o assunto, entre elas destaca-se o trabalho da autora americana E. Ann Kaplan que será utilizada como a principal base teórica nesta pesquisa.

### 3.2 A maternidade na história

No seu livro *Motherhood and Representation* (Estados Unidos, 1992), E. Ann Kaplan analisa a maternidade de acordo com três aspectos representacionais: a mãe no seu papel social construído historicamente, a mãe no inconsciente, que foi definida e estudada na psicanálise, e a mãe representada na ficção que é a combinação dos outros dois tipos. Segundo a autora:

Em alguns casos a mãe na ficção é próxima da mãe construída socialmente, mas em outros casos ela diverge bastante. É nesses momentos que a mãe do inconsciente imaginário domina as representações, geralmente porque surgiu alguma ameaça através de mudanças sociais. (1992, p.7, tradução nossa)<sup>1</sup>

Para explicar como essas mudanças sociais interferem nas representações Kaplan traça uma linha do tempo que relaciona a origem de cada papel social da maternidade com o seu contexto histórico destacando três principais marcos que criaram rupturas na sociedade, e os discursos que existiam durante cada período:

#### 3.2.1 Revolução industrial: mãe consumidora

O primeiro é a revolução industrial no final do século XVIII e começo do século XIX, que realizou a transição economicamente necessária das mães produtoras dentro da economia pré-industrial para as mães consumidoras dentro da classe média, para a autora: “Pode-se dizer que essa mudança inaugura a mãe moderna na moderna família nuclear” (1992, p.17, tradução nossa)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> “In some cases, the mother in the fictional is close to the institutionally constructed mother; but at other times she diverges widely. It is at those moments that the unconscious, Imaginary mother comes to dominate representations, often because some threat has emerged through social changes.” (1992, p.7)

<sup>2</sup> “This shift may be said to inaugurate the early modern mother in the modern nuclear family.” (1992, p.17)

Esse papel foi construído através do discurso do filósofo francês Jean- Jacques Rousseau, que era dominante na época. Segundo ele, homens e mulheres deveriam receber educações diferentes, pois o papel social masculino estaria ligado ao espaço público e o feminino ao espaço privado. Essa distinção foi descrita na sua obra *Emílio*, ou da educação onde ele apresenta uma proposta de ensino para Emílio, um personagem do sexo masculino, e uma para sua companheira Sofia, do sexo feminino:

O que Sofia sabe mais a fundo, e que lhe fizeram aprender com mais cuidado, são os trabalhos de seu sexo. [...] Conhece a cozinha e a copa; sabe os preços dos mantimentos; conhece-lhes as qualidades; sabe muito bem fazer suas contas; serve de mordomo para sua mãe. Feita para ser um dia mãe de família ela própria, governando a casa paterna aprende a governar a dela; é capaz de atender às funções dos criados e sempre o faz de bom grado. (1992, p.473)

De acordo com Rousseau as mulheres deveriam aprender apenas tarefas ligadas aos cuidados da casa, para que possam se tornar esposas e mães um dia sendo sempre subordinadas aos homens. Segundo o filósofo, essa diferença no ensino não seria um problema, mas sim uma consequência natural das diferenças biológicas entre os gêneros: “Essa desigualdade não é uma instituição humana ou, pelo menos, obra do preconceito, e sim da razão: cabe a quem a natureza encarregou do cuidado dos filhos a responsabilidade disso perante o outro” (1992, p.428). Aqui, a maternidade é utilizada como justificativa para a subordinação feminina e portanto a construção da mãe consumidora, ou mãe moderna, estaria diretamente ligada ao espaço privado e a construção da família burguesa. Segundo Kaplan:

A própria sobrevivência da raça humana depende, para Rousseau, da função da mulher em cimentar a família através de suas habilidades em emoções e relacionamentos. “Naturalmente” como complemento, prazer e mãe dos homens, as mulheres deviam aprender apenas o que é “adequado” para seu papel. (1992, p.20-21, tradução nossa)<sup>3</sup>

Esse discurso de Rousseau foi adotado e disseminado por autoridades da medicina, psicologia, religião e do governo, que estabeleceram culturalmente quais eram as normas que as mulheres deveriam seguir para serem boas mães e cuidadoras da casa. Aqui, destaca-se principalmente a influência das instituições religiosas que influenciaram muito a criação de uma representação cultural definida como a “mãe angelical”, que será analisada mais a fundo depois, essa seria uma mãe perfeita que se estaria sempre disposta a se doar e se sacrificar pela família de forma altruísta.

<sup>3</sup> The very survival of the human race depends, for Rousseau, on the woman's function in cementing the family through her skills in emotions and relationships. “Naturally” the complement, the pleasure and the mother of man, woman should learn only what is “suitable” for her given role (1992, p.20-21)

### 3.2.2 Primeira Guerra Mundial: mãe modernista

O segundo marco apontado por Kaplan (1992) é a primeira Guerra Mundial e as mudanças sociais que ela acarretou na sociedade após o retorno das mulheres, que estavam na força de trabalho enquanto os homens lutavam, para as suas casas. A historiadora Françoise Thébaud (1995) argumenta que a guerra deu liberdades para as mulheres que até então elas não conheciam. O trabalho da mulher burguesa, que antes era restrito apenas ao lar, passou a ser valorizado como importante para o país estando muito ligado ao nacionalismo, assim as mulheres se sentiram valorizadas e reconhecidas. Mas, quando a guerra acabou, essas mesmas mulheres tiveram que retornar ao espaço privado para realizar as tarefas que eram impostas a elas.

Nessa época, teóricas da primeira onda feminista começaram a questionar esse papel social de “cuidadora do lar” e passaram a reivindicar aqueles que seriam os primeiros direitos garantidos às mulheres burguesas: o voto, o ingresso em universidades e o início de um movimento de liberdade sexual. Assim, Kaplan (1992) argumenta que a criação do discurso da mãe modernista estaria diretamente ligado a todas essas mudanças, pois o seu objetivo seria criar um estereótipo de mãe perfeita que deveria se doar 100% aos seus filhos, se focando apenas nos trabalhos domésticos. Esse papel social foi justificado e disseminado através dos pensamentos de intelectuais famosos como Marx, Freud e Darwin.

O discurso de Darwin era focado na biologia e na evolução da espécie, por isso ele colocava a mãe no papel central de cuidar e ser devota aos seus filhos naturalmente, reforçando os argumentos biológicos que já existiam. Essa visão inspirou as análises de Marx e Engels sobre a família burguesa, e a relação negativa entre o estado e o capitalismo com a sua construção, entretanto os autores não analisaram a importância do papel da mãe dentro dessa instituição. Já, as teorias de Freud sobre o complexo de Édipo e a sexualidade infantil revolucionaram o discurso anterior de Rousseau, pois abordaram o aspecto interior da maternidade dentro do inconsciente que ainda não havia sido levado em consideração. Todas essas teorias podem ser consideradas falocêntricas por colocarem sempre a visão masculina sobre o papel da mãe, segundo a autora:

Mesmo onde as mulheres estão implicadas, raramente há tratamento da especificidade de suas situações, muito menos de toda atenção específica à mãe, que simplesmente está ausente de todas essas narrativas. (Kaplan, 1992, p.25, tradução nossa)<sup>4</sup>

Essas narrativas modernistas serviram como base para o desenvolvimento de representações culturais relacionadas ao binarismo “mãe angelical x mãe bruxa” que

<sup>4</sup> “Even where women are implicated, there is rarely treatment of the specificity of their situations, least of all specific attention to the mother, who is simply (so significantly) absent, per se, from all these narratives.”

criaram estereótipos reproduzidos pela mídia. Mas, mesmo com essas representações negativas, os discursos vigentes nessa época possibilitaram ferramentas de subversão para feministas que questionaram as teorias e criaram representações que criticavam o papel social da mãe estabelecido por homens.

### 3.2.3 Segunda Guerra Mundial: construção pós-moderna da mãe

O último marco analisado pela autora em *Motherhood and Representation* é o da Segunda Guerra Mundial e a revolução tecnológica que se inicia após o seu término. Segundo Kaplan (1992), as novidades tecnológicas que interferem na reprodução humana acabam criando novas questões em relação à maternidade e desafiando os conceitos de família nuclear que estavam estabelecidos. Além disso, essa época também foi marcada por movimentos de contracultura e protestos que aconteciam no mundo todo (Pinto, 2010), como o movimento hippie nos Estados Unidos, a ocupação de Sorbonne em maio de 1968, e o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, levando muitas pessoas a enxergarem e definirem a família nuclear de outras formas. Segundo a autora, nesse período:

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (PINTO, 2010, p. 16)

Para Kaplan (1992), a partir dessas mudanças a mãe passa a ser colocada como sujeito dentro do discurso sobre maternidade, e dessa forma as suas representações culturais abordam novas questões que não eram tratadas anteriormente, como a relação entre o trabalho e a maternidade por exemplo ou os recortes de raça e sexualidade. Entretanto, mesmo com muitos avanços, surge também um discurso que coloca o feto como um sujeito superior à mãe durante o período da gravidez, deixando mais uma vez a experiência da mulher em segundo plano e legitimando argumentos contra a autonomia corporal feminina que são utilizados até hoje para falar de pautas como o aborto.

Essa análise histórica demonstra como as diferentes representações da maternidade sempre surgiram com objetivos econômicos e sociais masculinos por trás. Segundo Kaplan (1992), na medida em que a economia dependia da figura da mãe para algum papel específico eram utilizados discursos de pensadores da época para legitimar e construir esse papel, aprisionando as mulheres em uma definição de maternidade que nunca foi criada por elas mesmas e sim por uma sociedade misógina que tinha como objetivo controlar a sua autonomia corporal e social.



### 3.3 A maternidade na psicanálise

Assim como os acontecimentos históricos, a psicanálise também foi apresentada pela autora como uma forma de justificar e construir os discursos sobre a maternidade:

A psicanálise é aqui representada como um discurso que engendra representações e explicações culturais de um tipo específico. Isso serve como uma função ideológica no sentido de apoiar a posição da mulher como centralmente a da mãe dentro do lar burguês (KAPLAN, 1992, p.28, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Como foi dito anteriormente, apesar de não ter feito referência direta à realidade vivida por mães, os estudos de Freud (1976) revolucionaram o discurso da maternidade, pois a psicanálise formulou teorias sobre o relacionamentos familiares e desenvolvimento infantil que ainda não tinham sido estudadas até então. O neurologista colocou a figura do pênis como o elemento central do relacionamento entre mães e filhos desenvolvendo o conceito do complexo de Édipo. Segundo Kaplan (1992), nessa teoria a mãe seria vista como a primeira referência de objeto sexual para os filhos, e eles passariam a utilizar a linguagem para substituir a sua falta depois da separação.

Para Freud (1976), no caso das meninas, esse processo envolveria uma relação de inveja do pênis, que é visto como algo que está faltando nelas mesmas e na figura da mãe, e assim elas passariam a se sentir inferiores aos homens. Dessa forma, as filhas passariam a procurar esse objeto que falta em uma relação com o pai, rompendo o relacionamento de amor que tinham com a mãe na fase pré-ediapiana, já que agora elas devem se tornar rivais da mãe ao competir pela atenção da figura masculina. Segundo Brandão e Martins:

Perante aos embaraços do complexo de Édipo, a menina constitui, assim, um processo identificatório em duas vertentes: uma marcada pela fase pré-ediapica, na qual a mãe é tomada como primeiro objeto de amor; e outra, advinda do complexo de Édipo, em que a mesma mãe será vista como uma rival a ser eliminada para que a menina possa ocupar-lhe o lugar junto ao pai. (2012 p. 60)

Portanto, para Freud a mãe seria vista pelos filhos de duas formas: a mãe fálica pré-ediapiana (antes da fase do complexo de Édipo), que seria a referência para a criança, e a mãe castrada pós-ediapiana, que perde o seu poder e se torna impotente (no caso do menino) e uma rival (no caso da menina). Essa classificação construiu o binário “mãe boa” e “mãe má”, explorado depois na cultura pop em diferentes representações culturais, através de uma visão falocêntrica que foi amplamente criticada por diversas psicólogas e teóricas feministas.

<sup>5</sup> “Psychoanalysis is here presented as a discourse that engenders cultural representations and explanations of a specific kind. This discourse serves an ideological function in the sense of supporting woman’s position as centrally that of mother within the bourgeois home.” (KAPLAN, 1992, p.28)

Adrienne Rich (1981) critica os estudos de Freud no seu livro *Of Woman Born: Motherhood as experience and institution* onde ela aponta a problemática das construções sociais de um papel feminino serem definidas por pensadores homens:

As mulheres têm sido mães e filhas, mas têm escrito muito pouco sobre esse assunto; a grande maioria das imagens literárias e visuais da maternidade vem até nós filtrada através da consciência masculina, individual ou coletiva. Assim que uma mulher sabe que uma criança está crescendo dentro do seu corpo, ela encontra-se sob o poder de teorias, ideais, arquétipos, descrições sobre sua nova existência; quase nenhuma das quais desenvolvidas por outras mulheres. [...] Precisamos saber o que, em meio ao caótico processo de criação de imagens e produção de teorias, vale a pena ser salvo, pelo menos para entendermos melhor uma ideia tão crucial para a história, a condição que tem sido violentamente arrancada das próprias mães para dar suporte ao poder dos pais. (p.62)

Para a autora, o grande problema da psicanálise é que, por ter sido desenvolvida por um homem, as suas teorias não colocariam a perspectiva da mãe como a principal, mas sim a perspectiva dos filhos. Além de Rich, Nancy Chodorow, Dorothy Dinnerstein, Helene Cixous, Luce Irigaray, Julia Kristeva e Karen Horney, também criticaram a definição falocêntrica da figura materna, cada uma trazendo novas perspectivas para o assunto, enriquecendo as pesquisas sobre a maternidade na psicanálise.

Para Horney (1993) Freud teria ignorado a experiência da mulher por causa da inveja que o homem sente da experiência feminina de gerar uma vida, assim a experiência boa de ser mãe teria sido deixada de lado pois “A inveja do pênis tenta negar e desviar a atenção sobre isto, possivelmente por causa de medo e inveja masculinos.” (p.19) Já, Cixous (1987), Irigaray (1985) e Kristeva (1986) argumentam que o maior erro do psicanalista seria o fato dele não ter focado na fase pré-edipiana, que para elas é extremamente importante no desenvolvimento psíquico da criança. Kristeva fala também sobre o campo simbólico das representações, ressaltando a necessidade de subversão do discurso para que sejam criadas novas referências sobre maternidade que levem em consideração a perspectiva feminina.

Enquanto, Chodorow (1978) e Dinnerstein (1977) desconstróem a noção previamente estabelecidas por Rousseau de que a mulher deveria ser a única responsável pelo ensino e desenvolvimento dos seus filhos. Segundo as autoras, essa responsabilidade teria sido internalizada na estrutura psíquica feminina, porém ela traria consequências negativas para a vida das mulheres, assim seria preciso teorizar sobre uma nova forma de desenvolvimento que envolvesse tanto a mãe quanto o pai. Segundo Chodorow, nessa nova forma de maternidade:

As crianças poderiam ser dependentes, desde o início, de pessoas de ambos os gêneros; assim, estabeleceriam uma noção individual do ego em relação a ambos. Dessa forma, a masculinidade não ficaria amarrada à negação de

dependência e desvalorização da mulher. A personalidade feminina estaria menos preocupada com processos de individuação e crianças não desenvolveriam medos da onipotência materna nem expectativas quanto às qualidades inigualáveis de sacrifício e abnegação das mulheres. (1978, p.218)

Portanto, apesar da visão Freudiana, quando se trata de teorias sobre maternidade as críticas feministas também tiveram enorme importância para a construção de um discurso complexo dentro da psicanálise, que apontasse a necessidade de valorizar a visão feminina sobre o assunto, levando em consideração os possíveis impactos da visão masculina ser predominante na vida das mulheres.

O outro autor apresentado por Kaplan (1992) em *Motherhood and Representation* é Lacan. Segundo ela, o teórico focou no estágio pré-edipiano da maternidade, dando importância para o simbólico que já era apontado por Freud, e assim ele também teria influenciado o pensamento de outras autoras já citadas como Cixous e Kristeva. Para Lacan o “simbólico” é composto pela cultura, lei e linguagem, e o “imaginário”, que está em oposição a ele, é composto pelo inconsciente formado durante a infância, no qual a criança tem uma forte ligação com a mãe que é a sua primeira referência amorosa. A transição entre o imaginário e o simbólico, ou entre a fase pré-edipiana e a fase fálica, ocorreria através da “fase do espelho” que segundo Kaplan:

Representa a realização inicial da subjetividade, à medida que a criança se apega imediatamente à unidade ilusória da mãe no mundo do imaginário e passa a ter consciência da mãe como um objeto distinto de si mesma. (1992, p.30, tradução nossa)<sup>6</sup>

Assim, nessa fase do espelho a criança passaria a perceber o seu lugar dentro de uma cultura e de uma linguagem, indo além da ligação inicial com a mãe dentro do imaginário. Como essa cultura é ditada pelos homens, os desejos pré-edipianos de unidade com a mãe ficariam no inconsciente dos meninos e das meninas, de forma diferente para cada um. Enquanto o menino passa a perceber o poder simbólico do pai, e deseja ser como ele, ele também passa a ver as representações da mãe como algo negativo, pois elas o lembram do seu desejo inconsciente de se identificar com uma figura feminina. Já, a menina passa a se identificar com a figura fálica porque percebe que é isso que a mãe deseja.

Para Kaplan (1992) as teorias de Lacan são importantes pois elas nos possibilitam compreender os textos que são classificados no livro como “cúmplices”, ou seja, aqueles que colaboram com a representação patriarcal da maternidade, além disso “eles também são úteis para analisar a maneira como leitores/espectadores se

<sup>6</sup> “Represents early realization of subjectivity as the child as once clings to illusory oneness with the mother in the world of the imaginary, and begins to be aware of the mother as an object distinct from itself.” (1992, p.30)

ligam aos textos, como se estivessem procurando replicar a fase do espelho e a sua dualidade de fusão/separação.” (p.31, tradução nossa)<sup>7</sup>

Entender a relação entre maternidade e psicanálise, assim como o uso ideológico que foi feito das suas teorias por autores que influenciaram o pensamento da suas épocas, é essencial para que possamos compreender onde surgiram as representações culturais desse papel social e qual a sua ligação com a opressão feminina. Além disso, segundo a autora, o audiovisual seria a melhor representação simbólica para acessar o corpo materno pois: “ele permite que os sujeitos revivam os prazeres da fusão com o corpo materno de fato impossíveis depois do período pré-edipiano” (1992, p.49, tradução nossa)<sup>8</sup>. Assim, a psicanálise demonstra também a importância de estudar produtos midiáticos como *The Handmaid's Tale* que colocam a maternidade no centro da sua história, pois, mais do que impactar a cultura, uma série como essa também reflete os desejos inconscientes das pessoas em relação à figura materna.

### 3.4 A mãe na cultura pop

Os discursos sobre maternidade foram disseminados e construídos através de representações midiáticas da mãe em produtos culturais populares, como livros, filmes, propagandas, séries, desenhos, músicas e revistas. Para Kaplan (1992), as representações existem na intersecção entre os discursos da psicanálise e da história, e assim, estudá-las é importante para compreender o papel da cultura na manutenção, e na crítica, de um sistema de opressão estrutural e hierárquico de gênero. Segundo a autora, as representações culturais influenciam diretamente na construção da identidade feminina, pois: “mulheres, como qualquer outra pessoa, só podem funcionar dentro da linguística e da semiótica dentro do momento histórico e dos discursos disponíveis para elas” (1992, p.16, tradução nossa)<sup>9</sup>. Assim, é através delas que as mulheres constroem sua subjetividade, internalizando como devem se portar para cumprir os papéis de gênero dentro da sociedade.

A importância da representação cultural na construção de identidades, principalmente de minorias sociais, foi estudada por Stuart Hall, que a definiu como “uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura.” (2016, p.31) Segundo o autor, representar um objeto, ou seja, construí-lo através da linguagem e de símbolos visuais, é um processo importante para estabelecer a identidade de um grupo, pois:

<sup>7</sup> “Lacan’s theories are also useful in analyzing the way readers/viewers attach themselves to texts, as if seeking to replicate the mirror phase and its fusion/separation duality.”

<sup>8</sup> It allows subjects to re-experience the pleasures of fusion with the maternal body in fact impossible after the pre-oedipal period. (1992, p.49)

<sup>9</sup> “Women, like everybody else, can function only within the linguistic, semiotic constraints of their historical moment - within that is the discourses available to them.”

A representação estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (2005, p.27)

Essa construção da identidade acontece a partir da identificação que surge durante dois processos da psicanálise já abordados anteriormente: o complexo de Édipo de Freud e a fase do espelho de Lacan.

Durante a fase edipiana a criança passa a ter compreensão da sua existência no mundo, se identificando com símbolos que vão além da figura materna, e na fase do espelho ela constrói a sua primeira compreensão de subjetividade ao perceber a mãe como um objeto distinto. A separação com a figura materna é o ponto de partida para o indivíduo entrar no mundo do simbólico de Lacan, assim a cultura exerce um papel essencial na forma como esse indivíduo se enxerga dentro da sociedade. Para Hall é essa identificação que torna as representações culturais tão importantes:

O sujeito ainda anseia pelo eu unitário e pela unidade com a mãe da fase imaginária, e esse anseio, esse desejo, produz a tendência para se identificar com figuras poderosas e significativas fora de si próprio. Existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de sistemas simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros. (2005, p.134)

Entretanto, os sistemas simbólicos também representam diferentes relações de poder presentes na sociedade, e da mesma forma que podem ser positivos, possibilitando a construção da identidade de grupos sociais que podem se unir para lutar pelos seus direitos, também podem ser usados para estigmatizá-los e excluí-los através de representações ideológicas que tem como objetivo manter as estruturas de poder.

Para Kaplan a forma como as representações são utilizadas está diretamente ligada à realidade do grupo social que está sendo representado: “Quando a situação social permite, as mulheres demandam subjetividade. Produções culturais, como romances e filmes, em períodos em que tais exigências são feitas, trazem indícios do desafio das mulheres na cultura dominante.” (1992, p.60, tradução nossa)<sup>10</sup>. Dessa forma, estudar a representação da mãe na cultura pop nos possibilita compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres de existir dentro de uma cultura dominada por homens, pois são eles que desenvolvem a maior parte das narrativas culturais utilizando o papel da maternidade como forma de manter a opressão patriarcal.

Em *Motherhood and Representation*, a autora analisou filmes e livros que se encaixam na categoria melodrama, definida por Peter Brooks (1975) como um gênero

<sup>10</sup> “When the social situation permits, women make demands for subjectivity. Cultural productions, like novels and films, in periods when such demands are made bear traces of women’s challenge to dominant culture.”

narrativo diretamente ligado à psicanálise que tem como foco os sentimentos dos seus personagens, pois segundo ela este seria o gênero que teria conseguido abordar da forma mais profunda os relacionamentos entre mães e filhos. Dentro da sua análise Kaplan identificou três diferentes tipos de discursos maternos que são utilizados para realizar a análise de *The Handmaid's Tale*:

### 3.4.1 Discurso cúmplice

O primeiro discurso foi classificado como “cúmplice” porque ele mantém as características dominantes do patriarcado intactas, sem questioná-las. Segundo Kaplan: “O melodrama materno cúmplice dominante representa a mãe como uma função paterna, e se dirige a um espectador masculino, geralmente abordando um relacionamento intenso entre mãe e filho” (1992, p.69, tradução nossa)<sup>11</sup> Assim, as personagens femininas enquadradas nesse estilo de representação possuem características estereotipadas que surgem do inconsciente patriarcal em que estamos inseridos culturalmente, servindo sempre a fantasias masculinas de perda da mãe idealizada e de castração feminina.

A autora separou essas personagens em três categorias de acordo com as suas características principais e os seus objetivos:

**Tabela 1 – Categorias de discurso cúmplice definidas por E. Ann Kaplan Legenda**

Categoria	Definição	Objetivo
Mãe anjo/mãe boa	Mãe altruísta que se sacrifica por todos, colocando sempre o bem-estar dos filhos e do marido em primeiro lugar. É a mãe considerada “ideal” pelo patriarcado pois realiza os desejos masculinos.	Criada por causa das necessidades econômicas na virada do século quando a instituição da família, com seu serviço de graça feito por mulheres, era essencial para a economia. [...] Esse discurso [...] também satisfazia os desejos masculinos de idealização da mãe (1992, p.46, tradução nossa)

<sup>11</sup> “The dominant complicit maternal melodrama represents the mother as a paternal function, and addresses a male spectator, usually features an intense mother-son relationship.”

Categoria	Definição	Objetivo
Mãe bruxa/mãe fálica	Contrário da “mãe boa”, surge dos estudos de Freud e representa a mãe possessiva, controladora e maléfica que se importa apenas com os seus desejos, além de sentir inveja da filha e ser rival desta.	“Serve para punir as mães que não se encaixam na definição de mãe anjo, e que não servem às necessidades do inconsciente patriarcal.” (1992, p.46, tradução nossa)

### 3.4.2 Discurso de resistência

Esse discurso foi categorizado pela autora como resistência, pois, diferente do discurso cúmplice, ele traria elementos políticos e sociais da realidade para questionar o papel da mãe, criticando o patriarcado mostrando personagens que rompem com os estereótipos femininos de “mãe boa” e “mãe má”.

Segundo a autora, filmes que se enquadram nessa categoria: “constroem as mulheres como sujeitos capazes de perseguir seu próprio desejo, ou marcar uma posição enunciativa crítica dos construtos de gênero dominantes, o que expõe sua natureza opressiva.” (1992 p.70, tradução nossa) Os produtos culturais que abordam esse tipo de discurso são direcionados a espectadoras mulheres e servem para trazer uma maior complexidade às personagens femininas, que não existem mais apenas para realizar os desejos masculinos, sendo extremamente importantes para “permitir a abordagem das instituições sociais opressoras que confinam as mulheres e a expressão de estruturas sociais alternativas” (Kaplan, 1992, p.74, tradução nossa)<sup>12</sup>.

### 3.4.3 Discurso pós-moderno

O último discurso categorizado pela autora é o pós-moderno, que se inicia após a segunda guerra mundial com a revolução tecnológica e social desse período. Segundo Kaplan esse discurso é possibilitado “através de teorias surgidas no movimento recente das mulheres, oferece a maior possibilidade de construção de novos temas textuais” (1992, p.xx, tradução nossa)<sup>13</sup>, dessa forma o desenvolvimento de novas tecnologias e a ascensão de movimentos sociais possibilitam que produtos culturais possam abordar outros temas relacionados à maternidade, dando espaço para discussões que abrangem identidades diferentes, como a mãe lésbica e a mãe adotiva, e questões que antes não eram representadas, como a participação masculina na criação dos filhos e as mulheres que escolhem não se tornarem mães. Entretanto, surgem também as

<sup>12</sup> “Important in permitting address to the oppressive social institutions that confine women and in allowing expression of alternative social structures.”

<sup>13</sup> “Made possible through theories arising in the recent women’s movement, offers the most possibility for constructing new textual subjects.”

representações que colocam o feto como o protagonista durante a gestação, sendo prejudiciais para as mulheres.

As ficções científicas e as distopias que abordam o assunto maternidade se encaixam nesse tipo de discurso, como é o caso do nosso objeto de pesquisa que é classificado pela autora como um discurso misto de “resistência pós-moderna” por questionar o patriarcado ao mesmo tempo em que apresenta um mundo onde a gestação é representada de uma nova forma. Para compreender quais características do mundo distópico de *The Handmaid's Tale* possibilitam essa crítica ao papel atual da mulher na sociedade realizamos uma análise de conteúdo das cenas que representam a maternidade.



#### 4 A análise de conteúdo como metodologia

Para compreender como os elementos de *The Handmaid's Tale* são utilizados para compor uma narrativa que critica a opressão patriarcal presente na sociedade através da representação da maternidade é utilizada a análise de conteúdo de caráter qualitativo. Segundo Laurence Bardin, esse método é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (2000, p.42)

A autora identifica ainda três passos que devem ser seguidos para realizar essa análise: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Com isso, segundo ela, é possível entender os significados psicológicos, sociológicos, políticos e históricos do objeto. Trata-se portanto, de um método de pesquisa capaz de ir além da simples análise da imagem e som, ou da análise textual, pois propõe analisar essas categorias operacionais que compõem um produto audiovisual através do tema principal deste. Para Penafria:

A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme. Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema (2009, p.6).

Apesar dela utilizar o filme como exemplo, esse tipo de análise pode facilmente ser aplicado em outros formatos de mídia audiovisual, como no caso do nosso objeto. O método foi escolhido porque acredita-se que essa é a melhor forma de explorar a complexidade de uma narrativa distópica que trata de temas como a violência de gênero, a luta pela sobrevivência e a resistência dentro de um governo autoritário. Dessa forma, criamos uma técnica baseada na descrição de Diana Rose no livro “Pesquisa qualitativa com texto imagem e som” (2000, p.362) no qual a autora elenca nove passos necessários para compreender o conteúdo de um objeto audiovisual:

- 1) Escolher um referencial teórico e aplicá-lo ao objeto empírico.
- 2) Selecionar um referencial de amostragem, com base no tempo ou no conteúdo.
- 3) Selecionar um meio de identificar o objeto empírico no referencial de amostragem.
- 4) Construir regras para a transcrição do conjunto das informações visuais e verbais.
- 5) Desenvolver um referencial de codificação baseado na análise teórica e na leitura preliminar do conjunto de dados: que inclua regras para a análise, tanto do material visual, como do verbal; que contenha a possibilidade de desconfirmar a teoria; que inclua a análise da estrutura narrativa e do contexto, bem como das categorias semânticas.
- 6) Aplicar o referencial de codificação aos dados, transcritos em uma forma condizente com a translação numérica.

- 7) Construir tabelas de frequências para as unidades de análise, visuais e verbais.
- 8) Aplicar estatísticas simples, quando apropriadas.
- 9) Selecionar citações ilustrativas que complementem a análise numérica.

#### 4.1 Referencial teórico

Como etapa inicial foi escolhido o referencial teórico da representação cultural, conceito estudado por Stuart Hall (2005) como uma importante parte da construção de identidades de indivíduos que pertencem a minorias sociais. A partir dele, selecionamos o trabalho da autora americana E. Ann Kaplan (1992), que estudou as principais representações da maternidade dentro do gênero narrativo melodrama para compreender quais são suas origens e os seus objetivos na manutenção do sistema de dominação masculina, e de que forma essas representações podem superar os estereótipos se pautando em discursos de resistência que mostram a mãe como uma personagem autônoma, com desejos próprios e necessidades complexas.

Por fim, para compreender essa possibilidade de resistência, nos baseamos também nos estudos de Laura Mulvey (1975), que foi a primeira autora a falar sobre o “Olhar feminino” para apontar a importância das construções narrativas feitas por mulheres, e as suas diferenças em relação às narrativas masculinas. Segundo Mulvey: “o inconsciente da sociedade patriarcal ajuda a estruturar a forma do cinema”(1975, p.14), assim, mesmo que não seja sempre perceptível, é através do olhar masculino que estamos acostumados a entender as narrativas audiovisuais, e portanto é preciso desconstruir esse olhar, criticado pela autora por colocar as personagens femininas dentro de categorias que não representam de verdade as mulheres, através de produtos culturais como *The Handmaid's Tale* que colocam a opressão feminina como o tema central da sua história.

Para saber se o nosso objeto de pesquisa consegue apresentar uma narrativa de resistência, foram selecionados nove entre os dez episódios da primeira temporada da série e doze entre os treze da segunda, disponibilizados na plataforma de *streaming* Hulu em 2017 e 2018 respectivamente, e dentro deles foram identificadas cenas que representam o papel da maternidade na história, totalizando uma amostragem de vinte e um episódios e noventa e sete cenas sobre o assunto.

#### 4.2 Categorias de análise

Depois dessa seleção, foi feita a análise descritiva das cenas, olhando para a forma como a maternidade foi representada em diferentes cenas através dos elementos audiovisuais. Assim, foi criada uma tabela com a descrição das cenas, a importância da representação da maternidade em cada uma e quais são os aspectos mais importantes

delas dentro de uma tabela detalhada separada por episódios. Com os resultados dessa análise, foram identificadas oito classificações, baseadas nas três categorias principais de Kaplan (1992), que dividiu os discursos da maternidade entre o cúmplice, o de resistência e o pós-moderno, que abrangem as representações da série sobre o papel da maternidade:

#### 4.2.1 Dever biológico (discurso cúmplice)

Nessa categoria a maternidade é representada como um dever biológico que precisa ser cumprido por todas as personagens mulheres férteis, independente dos seus desejos, escolhas ou condições. O papel do dever biológico aparece como uma forma de manipulação e controle da vida das mulheres, colocando o peso de reverter a baixa taxa de natalidade da sociedade fictícia de Gilead em cima delas, ao mesmo tempo em que objetifica e usa os seus corpos dentro de um sistema que as considera útil apenas pela possibilidade de gerarem vida.

Apesar de ter sido radicalizado dentro da narrativa distópica, esse discurso também é encontrado na sociedade atual através do conceito de maternidade compulsória, apontado por Adrienne Rich (1980) como uma das formas de dominação da sexualidade feminina que serve para manter as estruturas capitalistas e patriarcais intactas, e definido por Judith Butler (2003) como um conjunto de regras que criam a ideia de um “instinto materno” que estaria presente em todas as mulheres e faria com que todas sonhassem em ser mães.

Esse conjunto de regras pode ser visto na mídia quando os veículos de comunicação fiscalizam figuras públicas que não têm filhos, como no caso da atriz norte-americana Jennifer Aniston, por exemplo, que em entrevista à revista *InStyle* em 2018 questionou a imposição da maternidade: “Existe uma pressão nas mulheres para que elas sejam mães e se elas não são, então são taxadas de bens danificados. Talvez meu propósito neste planeta não seja procriar. Talvez eu tenha outras coisas que deva fazer?”<sup>1</sup>.

Esse tipo de fiscalização demonstra o caráter repressivo e punitivo da sociedade em torno de mulheres que não seguem a imposição do dever biológico ensinado desde que elas são crianças. Na série, as personagens mulheres também são obrigadas a seguir esse papel, mas ao invés da mídia a fiscalização é feita através de um governo autoritário e da violência física.

<sup>1</sup> Observatório do Cinema. Jennifer Aniston se casou de ouvir por que ela não tem filhos. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/famosos/2018/08/jennifer-aniston-se-casou-de-ouvir-por-que-ela-nao-tem-filhos>> Acesso em 20 de novembro de 2018.

#### 4.2.2 Justificativa de violência (discurso cúmplice)

Aqui, a série apresenta a maternidade como um objetivo tão importante dentro da sociedade de Gilead que ele se torna uma justificativa para exercer violência sexual, física, verbal e moral contra as personagens mulheres. O intuito desse tipo de representação é mostrar como a maternidade naturaliza a dominação feminina, e assim esconde os verdadeiros objetivos dos governantes de Gilead, afinal, é preciso negar a autonomia corporal das personagens mulheres para manter as estruturas de poder intactas. Assim, o uso da violência se torna aceitável, até mesmo por outras personagens mulheres, pois ela se pauta na justificativa de que essa seria a única forma possível de garantir um futuro para o país e que, portanto, o “resultado final” valeria a pena qualquer “sacrifício”.

Esse discurso está presente em casos de violência obstétrica justificados como uma parte “normal” do parto que as mulheres devem tolerar e aceitar quietas ainda em 2018. Em matéria publicada pelo The Intercept Brasil em Setembro deste ano, a jornalista Bruna de Lara investigou os casos de episiotomia, corte abaixo da vagina feito por médicos em 53% dos partos naturais do Brasil, que causam consequências negativas na saúde e na vida sexual das mulheres, segundo ela:

O Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde orientam que a episiotomia não deve ser prática de rotina. Neste ano, a OMS reconheceu que “não há nenhuma evidência que prove a necessidade da episiotomia em qualquer situação”. A organização ressaltou que a taxa do corte ainda é alta em países como o Brasil pela falta de acesso às novas pesquisas científicas sobre o assunto e pela relutância dos profissionais em abandonar o velho hábito – que eles acreditam facilitar o parto para eles e ser mais seguro e fácil de resolver do que um rasgo espontâneo. Mas desde os anos 90 – quando a OMS ainda recomendava que o corte fosse feito em até 10% dos casos – há médicos que classificam a prática como uma “verdadeira mutilação genital feminina”<sup>2</sup>

Assim, apesar de ser criticada por diversas organizações da saúde, a episiotomia, também conhecida como “ponto do marido” pois muitos médicos justificam a prática dizendo que querem tornar a vida sexual do marido mais prazerosa após o parto, é um exemplo de violência contra os corpos femininos, entre tantas outras que já se tornaram tão naturalizadas culturalmente que muitos médicos não reconhecem como um ato violento, e sim como uma simples rotina de trabalho. Na ficção distópica, violências sérias, como estupro e casamento infantil, foram institucionalizadas dentro da lei e da cultura de Gilead através da justificativa da maternidade, portanto, as personagens femininas são ensinadas a aceitá-las sem questionar ou resistir.

<sup>2</sup> “>The Intercept. “Deixei Virgenzinha para você”. Disponível em: < <https://theintercept.com/2018/09/10/pontodomarido/>>

Da mesma forma, muitas mulheres que sofrem violência obstétrica também ficam caladas e nunca chegam a processar o hospital pelos maus tratos sofridos, como no caso relatado pela matéria do Intercept onde a paciente até cogitou levar o ato para a justiça mas desistiu pois não queria prejudicar as mulheres que ela tinha indicado para se consultar com o médico em questão. Segundo Lara: “Seja por apreensões parecidas, por não terem provas ou por não saberem que têm esse direito, essa é a decisão de muitas mulheres”, portanto, assim como em *The Handmaid’s Tale*, a violência contra a mulher continua sendo considerada aceitável com a justificativa de que ela é necessária para o processo da maternidade. Na série, essa necessidade surge por causa da baixa taxa de natalidade, enquanto na vida real ela é feita por médicos como uma forma de tornar o parto mais fácil e rápido para eles, ou para aumentar o prazer sexual do marido que é colocado como mais importante do que a saúde da mulher. Em ambos a mulher é tratada como um agente passivo que não pode escolher o que é melhor para o seu corpo, apenas sofrer as consequências dos atos de outras pessoas que decidem por ela.

#### 4.2.3 Papel sagrado (discurso cúmplice)

Por ser um Estado teocrático, a maternidade em Gilead é representada também como um ato divino. Esse papel sagrado construído através da crença imposta pelo governo é uma outra forma de justificar a violência sofrida pelas mulheres, e além disso culpar elas mesmas pela sua opressão, isentando a culpa dos governantes. Na história, as Aias, únicas mulheres férteis de Gilead, aprendem que elas foram “escolhidas” por Deus para gerar filhos, e portanto é dever delas seguir esse papel, com todas as suas regras e imposições.

Apesar de ser claramente uma desculpa para dominar as personagens femininas, o papel sagrado acaba criando uma cultura onde a maternidade é vista como algo desejado por todas as mulheres por ser uma raridade considerada como um “presente de Deus”. Dessa forma, ao invés de utilizar a violência física, nessa classificação utilizam-se rituais simbólicos para manter as mulheres como uma classe subjugada que deve servir ao governo.

Assim como na série, o discurso religioso também interfere na vida das mulheres na realidade a partir do momento em que ele é utilizado como justificativa para não garantir o direito ao aborto seguro e legal, como é o caso aqui no Brasil onde mulheres só podem abortar em situações de estupro, anencefalia do feto ou quando a gravidez apresenta um risco à sua vida. Dentro das justificativas que impedem a garantia do direito pleno de autonomia corporal feminina estão as imposições religiosas, que atuam com força no governo e na cultura brasileira. Essa discussão esteve em alta em 2018, principalmente durante o mês de Agosto, quando o Supremo Tribunal Federal

realizou uma audiência pública para decidir como agir perante uma ação proposta pelo partido PSOL que pedia “para que os artigos 124 e 126 do Código Penal brasileiro que criminalizam o aborto sejam considerados incompatíveis com a Constituição de 1988”<sup>3</sup>

Durante esse período de debate no STF, as discussões sobre autonomia corporal aumentaram na mídia e muitos veículos apontaram as consequências da interferência religiosa em um Estado que supostamente deveria ser laico, como consta na constituição. Segundo Felipe Betim do El País:

“Em 2015, a bancada evangélica conseguiu aprovar em uma comissão da Câmara o Projeto de Lei 5069/13, de autoria do preso e condenado Eduardo Cunha (MDB), que dificulta o atendimento médico das mulheres vítimas de estupro. Os contrários a interrupção da gravidez se baseiam em questões morais e religiosas e argumentam que vida começa na concepção e que cabe protegê-la.”<sup>4</sup>

Portanto, assim como na série, o discurso religioso que supostamente seria “pró-vida” é utilizado para reprimir as mulheres, impedindo-as de possuir autonomia corporal para decidir quando, como e se querem se tornar mães. No mundo distópico de *The Handmaid's Tale*, esse discurso se mistura ao autoritarismo do governo, que diferente do nosso não alega laicidade, e é reforçado pela baixa taxa de natalidade que cria ainda mais argumentos para controlar os corpos femininos. Mas, mesmo com essas diferenças, ainda é possível traçar um paralelo direto entre a ficção e a realidade, pois em ambos a religião é deturpada para naturalizar a violência de gênero.

Esse paralelo foi visível no mês de Agosto quando feministas brasileiras se organizaram no movimento “Nem Presa Nem Morta”<sup>5</sup> em Brasília durante a audiência do STF para lutar pela descriminalização do aborto, e algumas utilizaram os figurinos da série como símbolo de resistência:

<sup>3</sup> “>El País.“Existem fundamentos legais para que o Supremo legalize o aborto no Brasil”. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/03/politica/1533291491\\_643952.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/03/politica/1533291491_643952.html)>

<sup>4</sup> “>El País.“Existem fundamentos legais para que o Supremo legalize o aborto no Brasil”. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/03/politica/1533291491\\_643952.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/03/politica/1533291491_643952.html)>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/nempresanemmorta/>

**Figura 4 – Intervenção em Brasília na frente do STF durante o início da audiência pública da ADPF 442**



Fonte: Instagram (@nempresanemmorta)



**Figura 5 – Manifestantes do movimento “Nem presa nem morta” durante o “Amanhecer #PelaVidaDasMulheres”**



Fonte: Instagram (@nempresanemmorta)

Essa identificação das mulheres brasileiras com a personagem June Osborne demonstra como o discurso religioso ainda está extremamente presente na naturalização e manutenção da opressão feminina. Apesar de não estarmos na distopia de Margaret Atwood, a religião ainda é usada como desculpa para controlar nossos corpos e assim manter o sistema patriarcal funcionando. Por isso, movimentos feministas como esse, e outros como “Católicas pelo direito de decidir”<sup>6</sup> que lutam pela autonomia corporal feminina, este último mostrando que é preciso desconstruir a ideia de que a religião deve ser oposta aos direitos das mulheres, são de extrema relevância em um cenário de política nacional que se mostra cada vez mais opressivo contra minorias.

Na história da série, o papel sagrado é utilizado também para fazer com que as personagens mulheres que pertencem a classes mais altas, e realmente acreditam no discurso religioso de dever e salvação, controlem as Aias. Dessa forma, o sistema de Gilead pode continuar funcionando sem precisar usar a violência direta, pois a religião valida os discursos e não há espaço para questioná-los dentro de um Estado autoritário que obriga todos a seguirem a mesma fé. Portanto, apesar de colocar a maternidade como um milagre divino nessa categoria podemos perceber que esse endeusamento

<sup>6</sup> Disponível em: <http://catolicas.org.br>



fica restrito apenas ao nascimento do bebê, e não ao corpo feminino que continua sendo desumanizado e objetificado.

#### 4.2.4 Esperança (discurso de resistência)

Nessa categoria a maternidade é representada como uma fonte de esperança para as personagens mulheres que vivem em condições de escravidão e exploração. Aqui, o papel da mãe está relacionado a sentimentos e lembranças boas de amor que tornam as personagens mais fortes, possibilitando que elas continuem lutando para reencontrar seus filhos e criarem com eles um mundo melhor. Esse discurso apresenta uma resistência contra o sistema imposto pelo governo autoritário da República de Gilead, pois através dele a mulher é humanizada dentro da série, se tornando uma personagem mais complexa do que o estereótipo criado para ela.

Da mesma forma, quando mulheres contam suas próprias histórias, criando conteúdo em canais do YouTube, blogs, livros, séries, filmes, entre tantas outras formas de mídia, elas também vão além dos estereótipos do discurso materno, humanizando esse papel e desconstruindo ideias que antes não eram questionadas como a do “instinto materno”. Um exemplo desse tipo de conteúdo é o canal Hel Mother<sup>7</sup>, criado pela brasileira Helen Ramos para mostrar a maternidade real, sem as romantizações da mídia. Em entrevista à revista Trip, Helen explicou o seu objetivo ao criar o canal falando da sua própria experiência: “Quando você fica grávida, só falam das coisas boas. Mas é muito difícil, eu mesma não imaginava que fosse tanto. Esse novo movimento de desromantizar a maternidade está deixando isso claro.”<sup>8</sup>

No contexto da série, onde há um regime autoritário e teocrático que visa acabar com a individualidade das personagens transformando todas as Aias em “objetos” iguais que servem apenas para a procriação, uma simples lembrança do afeto materno já possui por si só aspectos revolucionários. Pois, através dela, as personagens conseguem existir dentro desse sistema tendo em mente que ele não é a única forma de viver, ou mesmo a única forma de encarar a maternidade, e assim elas continuam querendo lutar para voltar às suas vidas anteriores, e ao mesmo tempo continuam dando um significado positivo à experiência materna.

Apesar de ser diferente da nossa realidade, esse tipo de representação rompe com aquilo que é esperado das personagens, assim como as mulheres rompem com o que é esperado delas quando ocupam espaços para falar de forma honesta sobre a maternidade. A diferença entre esses discursos está no nível de repressão

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UC8t\\_vJsGzOERkFdanDKTDhw/videos](https://www.youtube.com/channel/UC8t_vJsGzOERkFdanDKTDhw/videos)

<sup>8</sup> Revista Trip. Maternidade sem caô: 'Quando você desromantiza a maternidade, apoia uma mãe no mundo. Isso é muito importante, as mães precisam ser acolhidas'. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/hel-mother-canal-no-youtube-fala-de-maes-solo-dificuldades-na-maternidade-e-julgamento-social>> Acesso em 20 de novembro de 2018.

da experiência feminina que é muito maior em Gilead por conta da sociedade fictícia ser uma distopia, mas o potencial de resistir está presente em ambas e ele só existe porque as narrativas, tanto do canal da Helen quanto do Conto da Aia, são descritas do ponto de vista feminino.

#### 4.2.5 União feminina (discurso de resistência)

Apesar de serem divididas em diferentes classes sociais e de serem separadas em casas diferentes, as personagens mulheres de *The Handmaid's Tale* se encontram muitas vezes em situações onde a maternidade, seja a experiência ou o desejo dela, serve para uní-las. Através desse tipo de representação, a série nos mostra que a união feminina ainda é possível mesmo em um contexto onde o corpo feminino é totalmente controlado por um Estado autoritário, e que além disso ela é necessária para garantir a sobrevivência das personagens que encontram formas de ajudar umas as outras sem depender das pessoas que estão no poder.

Portanto, assim como as mulheres da vida real, que se reúnem em movimentos feministas desde o final do século XIX com a primeira onda feminista na Europa, (SILVA, 2008), as personagens também discutem pautas que tornam as suas experiências similares e encontram formas de lutar contra a violência que sofrem. Mas, no caso de *The Handmaid's Tale* a união ocorre em torno da experiência da maternidade que é o que determina a posição social das mulheres dentro de Gilead. Um ponto importante aqui é que, apesar de ser mais presente entre mulheres da mesma classe, algumas vezes essa união ultrapassa a barreira social, pois as condições biológicas se tornam mais importantes e possibilitam uma criação de empatia e identificação entre essas mulheres.

Para Pinto (2004,p.15), essa união é essencial pois “As mulheres começam a falar a partir de sua própria condição de mulher, condição esta que é constituída a partir do reconhecimento da opressão, do reconhecimento da história pessoal e coletiva de interesses e lutas próprias.” Ou seja, é reconhecendo a sua posição como grupo oprimido que as diferentes classes de mulheres podem começar a se organizar em movimentos para reivindicar direitos, e enquanto na vida real esse reconhecimento é criado através de diversas experiências, em Gilead ele depende principalmente da experiência materna, pois é ela a grande determinante da opressão feminina dentro da sociedade distópica criada por Attwood.

#### 4.2.6 Força feminina (discurso de resistência)

Essa categoria define uma representação mais romantizada que mostra a força feminina através do ato de gerar uma vida, sendo ela capaz de existir por causa da

relação da mãe com o seu filho, independente das interferências externas do Estado de Gilead.

Assim como os outros discursos de resistência, esse também rompe com as normas de uma sociedade, pois em *The Handmaid's Tale* as Aias devem cortar os vínculos físicos com os bebês que elas dão à luz, já que estes serão criados pelos comandantes e as suas esposas, e portanto, a força que é representada no parto e na amamentação também é uma ameaça ao sistema que deve ser cortada para que essas mulheres continuem sendo dominadas.

Esse discurso que reconhece a força do corpo feminino de enfrentar a maternidade também aparece em movimentos que lutam pelo direito ao parto humanizado, visando mostrar para as mulheres que não é necessário sofrer interferências externas durante o processo de dar à luz. Segundo a pedagoga e doula Malila Wrigg a humanização do parto:

É um conceito de assistência em que, resumidamente, todas as práticas são baseadas nas melhores e mais recentes evidências e se respeita profundamente o protagonismo feminino. Assim sendo, quando o parto é possível e desejado, quem o assiste - quem FAZ o parto é a mulher - deve fazê-lo de forma atualizada, sem incorrer em condutas antiquadas e prejudiciais como jejum, Kristeller e episiotomia, por exemplo<sup>9</sup>

Assim, reconhecer o protagonismo do corpo feminino durante esse processo se torna uma forma de resistência, presente tanto na ficção quanto na realidade como uma forma de oposição às normas culturais que distanciam a mãe do filho. No mundo real esse distanciamento ocorre quando a tecnologia médica é utilizada e transforma o parto em algo mecanizado e lucrativo, ao invés de respeitar esse momento de forma natural, já na ficção esse distanciamento ocorre por causa das regras impostas pelo governo autoritário, entretanto a narrativa consegue dar espaço a um discurso de resistência que demonstra como a força feminina ainda existe mesmo quando as mulheres estão submetidas a uma opressão estrutural do Estado.

#### 4.2.7 Escolha (discurso pós-moderno)

Presente nos flashbacks da série, antes do golpe de Estado que instaurou a república de Gilead, essa representação mostra a maternidade como algo positivo que a personagem escolheu para a sua vida dentro de um contexto melhor, onde mulheres ainda tinham direitos básicos, como a educação, a saúde e o trabalho. Apesar de ainda ser marcado pelo medo e pelo julgamento dos outros, essa representação tem como objetivo abordar as diferenças entre a autonomia e a dominação do corpo feminino,

<sup>9</sup> O que é a humanização do parto? Disponível em: <<https://www.taofeminino.com.br/gravidez/humanizacao-do-parto-respeito-mae-e-bebe-nascimento-parto-protagonismo-s2130482.html>>

mostrando sempre que nos flashbacks as personagens eram mais felizes por poderem realizar pelo menos algumas escolhas básicas para as suas vidas.

Assim, a autonomia corporal é pautada na série através da maternidade, pois realiza-se uma comparação entre a personagem principal como June, antes de ser escravizada, que escolheu se tornar mãe, e ela como Aia alguns anos depois que foi obrigada a engravidar do comandante. A escolha da personagem é portanto essencial na criação desse discurso de resistência, que demonstra como o problema de Gilead não é o fato das personagens mulheres engravidarem e sim a forma como a gravidez é imposta e utilizada como desculpa para a dominação patriarcal de Gilead.

Da mesma forma, o movimento feminista também luta para mostrar que a opressão feminina não existe por causa da biologia por si só, e sim pela forma como a biologia é utilizada socialmente como uma desculpa para colocar as mulheres em desvantagem em relação aos homens. Um exemplo disso é o discurso que justifica a disparidade salarial de gênero<sup>10</sup> pelo fato das mulheres serem as únicas que podem engravidar. Em entrevista ao Jornal Nexo, a professora de ciência política da Universidade de Brasília Flávia Biroli explica que: “O problema não está na maternidade, mas na organização social da maternidade”<sup>11</sup>,

Dessa forma, para construir uma sociedade com equidade de gênero é preciso construir discursos de resistência que lutem contra os argumentos deterministas sobre a biologia feminina. Em *The Handmaid's Tale* esse discurso consiste em mostrar que a maternidade não precisa ser sempre uma imposição, ela pode também ser uma escolha desde que as condições das personagens não sejam aquelas impostas pelo governo de Gilead.

#### 4.2.8 Poder social (discurso pós-moderno)

A última categoria de representação surge quando uma personagem no contexto da série utiliza o fator biológico da maternidade para tentar resistir às violências da sociedade. Esse discurso tem como objetivo mostrar a necessidade de resistência das mulheres de *The Handmaid's Tale*, que fazem de tudo para continuar lutando contra o governo autoritário.

Nesse sentido, apesar de sofrerem por causa da maternidade, as persona-

<sup>10</sup> O site de empregos Catho realizou uma pesquisa com quase 8 mil profissionais que mostrou que a diferença de salário entre homens e mulheres chega a quase 53%. Fonte: G1 Economia, disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml> >. Acesso em 20 de novembro de 2018.

<sup>11</sup> Jornal Nexo. Como a relação entre maternidade e desigualdade salarial afeta as mulheres. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/12/Como-a-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-maternidade-e-desigualdade-salarial-afeta-as-mulheres> >. Acesso em 20 de novembro de 2018.

gens tentam em alguns momentos ressignificar a gravidez para conseguir poder social dentro de Gilead. Esse discurso pode parecer contraditório, mas ele surge dentro de um contexto onde pouquíssimas mulheres podem ter filhos e, portanto, quando uma mulher está grávida ela passa a ser tratada de forma “privilegiada” em relação a como ela era tratada antes, pois seguiu o papel que lhe foi imposto. O discurso pós-moderno surge quando a personagem feminina consegue utilizar isso a seu favor para lutar contra a sua opressão, mostrando que ela não é apenas uma vítima passiva da sociedade distópica.

## 5 Análise dos episódios

### 5.1 O universo de *The Handmaid's Tale*

#### 5.1.1 A história

Baseada na obra literária de mesmo nome da autora canadense Margaret Atwood, *The Handmaid's Tale* é uma distopia que se passa em um futuro próximo onde a taxa de natalidade do mundo todo teria diminuído devido a problemas de poluição, doenças e guerras. Na história, que se passa onde hoje em dia é os Estados Unidos, essa taxa de natalidade teria levado um grupo de fanáticos religiosos chamados “Filhos de Jacob” a dar um golpe de Estado no governo americano, e a partir daí instaurar um regime teocrático e autoritário que transformou o país na República de Gilead.

Em Gilead, a população é dividida em castas sociais criadas a partir de definições religiosas, que tem como objetivo subjugar as personagens mulheres, colocando-as em posição de servidão de acordo com a sua classe social, fertilidade, ou com fatos como terem realizado atos considerados “pecados” ou fazerem parte de algum grupo de minoria social, como a comunidade LGBT. Nessa nova sociedade, o Estado utiliza a violência e a religião como forma de controle social, e assim as mulheres são reduzidas à meros objetos que devem servir seus propósitos designados para manter a sociedade funcionando e a elite no poder.

#### 5.1.2 As personagens mulheres e as classes sociais

##### 5.1.2.1 Aias

As Aias são as únicas mulheres férteis de Gilead, portanto essa classe passa a ser escravizada e dominada. Elas são obrigadas a viver nas casas dos comandantes do país para gerar os filhos deles através de uma “cerimônia religiosa” realizada todo mês no seu dia fértil, que nada mais é do que um estupro institucionalizado pelo governo e justificado por passagens da bíblia. Assim como todas as outras mulheres da série, as Aias também não podem ler, escrever, trabalhar ou serem donas de qualquer tipo de bem ou propriedade. Além disso, elas também perdem o direito ao próprio nome, passando a serem chamadas por um nome composto em inglês que significa “De + [nome do comandante]”. Elas também utilizam um uniforme específico: vestido vermelho e toucas brancas que escondem seus rostos, que demonstram qual é o seu lugar dentro da sociedade.

A personagem principal da série, June Osborne (Elizabeth Moss), é uma mulher que foi obrigada a seguir esse papel por conta da sua fertilidade (June já tinha tido uma

filha antes de Gilead) e do fato de ser considerada uma “pecadora”, pois seu marido Luke era casado quando eles começaram a se relacionar. Dessa forma, o novo sistema obriga June a servir ao comandante Fred Waterford, um dos homens responsáveis pela instauração do governo, como uma forma de “redenção pelos seus pecados”, pois o papel de Aia é considerado sagrado e redentor nessa sociedade.

**Figura 6 – Aias: June e um grupo de três outras mulheres.**



Fonte: Site "A mente é maravilhosa". Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/the-handmaids-tale>></a></https:>

June passa então a ser chamada de “Offred”, ou seja de propriedade do Fred, e começa a viver na casa da família do comandante. É esperado que ela aceite o seu “destino biológico” de gerar um filho, sempre abaixando a cabeça e não reclamando das violências que são impostas, entretanto a personagem demonstra desde o primeiro episódio que pretende encontrar formas de escapar do país e salvar a sua filha para voltar à sua vida de antigamente.

Por ser a narradora da história, a narrativa consegue apresentar June como uma personagem complexa que tenta de diversas formas resistir ao papel que é imposto a ela. Através de flashbacks da sua vida anterior podemos perceber que ela era apenas uma mulher comum da classe média americana, que trabalhava, tinha uma filha, um marido, e não era muito envolvida com militância ou o movimentos sociais no geral. Dessa forma, a construção da personagem como uma heroína feminista se torna interessante, pois aos poucos percebemos que ela vai acordando para a realidade e compreendendo como aquele governo autoritário se instaurou nos Estados Unidos,

e, como mesmo com tanto sofrimento e violência ainda é possível e necessário lutar contra ele.

#### 5.1.2.2 Esposas

As esposas dos comandantes também compõem uma classe social, que pode ser considerada como a mais alta entre as mulheres. O dever da Esposa em Gilead é cuidar da casa e da família, controlando as Aias e as Marthas para que todas cumpram as suas funções, portanto elas acabam possuindo privilégios econômicos que não são dados às outras mulheres, entretanto elas também não podem ler, escrever, trabalhar ou possuir bens, sendo assim também objetificadas como “posses” dos seus maridos. O uniforme das Esposas é um vestido azul com luvas e uma capa, que também servem para separá-las como um grupo diferente das outras mulheres, e evitar a criação de identidades próprias.

Em *The Handmaid's Tale*, a Esposa que possui o papel mais relevante é Serena Joy (Yvonne Strzechowski), a mulher do comandante Fred Waterford. Serena, assim como June, também é uma personagem extremamente complexa e bem desenvolvida, sendo às vezes retratada como uma pessoa fria e às vezes como uma mulher que realmente acredita estar fazendo algo bom para mudar os problemas da sociedade.



Figura 7 – Esposa: Serena Joy



Site "Refinery 29". Disponível em: <<https://www.refinery29.com/en-us/2018/05/198984/yvonne-strahovski-pregnant-handmaids-tale>>

Através de *flashbacks*, descobrimos que Serena foi uma das responsáveis pelo golpe de Estado contra os Estados Unidos, sendo porta-voz do discurso de que as mulheres deveriam aceitar seu “dever biológico” para solucionar a crise de natalidade. Junto com seu marido, Serena participava da organização religiosa que fundou os ideais de Gilead, entretanto, aos poucos Fred foi se tornando o protagonista do movimento que passou a excluir as mulheres. Assim, a personagem acabou colaborando para a criação de uma sociedade onde ela mesma não possui direitos básicos por ser mulher.

Durante a primeira temporada a personagem demonstra concordar com os ideais do governo, dizendo sempre que não se importa em fazer sacrifícios para manter a ordem do país e o funcionamento do sistema. Serena demonstra realmente acreditar no discurso religioso, e, por ser infértil, coloca a possibilidade de ter filhos como a questão mais importante da sua vida. Portanto, ela releva os atos de violência e

utiliza a sua posição social para continuar o sistema de exploração de Gilead. Já, na segunda temporada, a personagem passa por um processo de mudança onde começa a questionar aos poucos quais são as consequências das ações violentas de Gilead na vida das mulheres. Mesmo que muitas vezes Serena seja a pessoa que pratica essa violência, principalmente contra June, a narrativa consegue também mostrar outros lados dela sem redimir esses atos, mas mostrando que independente da classe social todas as mulheres são objetificadas e desumanizadas dentro de Gilead.

#### 5.1.2.3 Marthas

As Marthas são mulheres que servem como empregadas e governantas nas casas dos comandantes, o papel principal delas é realizar os trabalhos domésticos, como lavar, cozinhar e limpar para todos. Assim como as outras classes, elas também usam um uniforme e não possuem direitos básicos por serem mulheres, com a diferença de que a maioria delas pertencem à minorias sociais como negras e latinas. Apesar da série não explorar a fundo as diferenças raciais como a justificativa da classe social imposta à essas mulheres, elas são facilmente notadas nas escolhas das atrizes que interpretam as Marthas.

**Figura 8 – Martha: Rita**

Fonte: Site Express UK. Disponível em: <<https://www.express.co.uk/showbiz/tv-radio/987256/The-Hand-maids-Tale-season-3-spoilers-Martha-Gilead-railroad-Rita-Offred-Hulu-series>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

Na série, a Martha mais importante é a governanta da casa de Waterford, Rita (Amanda Brugel). Mesmo não aparecendo tanto quanto Serena ou June, Rita também possui um papel na narrativa, principalmente pela ajuda que ela dá a June no final da segunda temporada, mas também como representante de uma das classes de Gilead que é tratada como posse dos homens poderosos do Estado.

#### 5.1.2.4 Tias

Além das esposas, outra classe social que chama atenção por possuir algum tipo de poder em Gilead é a das Tias. Representada pela figura da Tia Lydia (Ann Dowd), essa classe social é composta por mulheres que apoiam e concordam com os ideias de Gilead, e tem como seu principal trabalho instruir e controlar as Aias para que

elas sigam os seus deveres.

**Figura 9 – Tias: Tia Lydia**



Fonte: Site "The Patriot Brief". Disponível em: <<https://www.thepatriotbrief.com/the-handmaids-tale-reaches-a-tipping-point-in-the-powerful-after>></a>>

Tia Lydia é portanto uma espécie de “mentora” das Aias que realmente acredita estar fazendo o bem para a sociedade quando impõem o dever biológico à essas mulheres. Apesar de ter uma postura completamente autoritária e violenta, a personagem também demonstra algumas vezes realmente se importar com o futuro das Aias e dos seus bebês, e é esse tipo de pensamento que transforma elas nas responsáveis por impor a ideologia dominante do Estado.

Da mesma forma que as outras, as Tias também possuem um uniforme específico e devem seguir regras de comportamento que impedem o desenvolvimento de personalidades e ideias próprias. Dentro de um regime autoritário o papel delas é um dos mais importantes para garantir que o sistema funcione, pois demonstra que Gilead precisa utilizar mulheres para controlar outras classes de mulheres diretamente, pois apenas elas conseguiriam demonstrar que “se importam” com as Aias.

#### 5.1.2.5 Outras classes sociais

Além dessas quatro classes principais, em Gilead há também uma classe de prostitutas, chamadas de “Jezebels” que trabalham e vivem em bordéis atendendo

aos desejos sexuais dos comandantes. Essa classe aparece na primeira temporada e demonstra a hipocrisia do pensamento religioso e conservador da República de Gilead, mostrando que a exploração sexual continua escondida do público, e que essas mulheres são forçadas a viver assim ou serem mandadas para as colônias.

Outra classe social que ainda foi pouco explorada é a das “Econoesposas”, mulheres férteis de classes mais baixas que possuem o direito básico de poder viver com as suas famílias em casas simples pois são religiosas e nunca fizeram nada considerado “pecado” em Gilead. Como essas mulheres podem ter filhos, elas são constantemente ameaçadas de se tornarem Aias, e dessa forma a repressão de Gilead consegue manter elas longe das outras classes de mulheres, impedindo que haja resistência ou qualquer tipo de apoio entre esses tipos diferentes de mulheres.

A última, e mais subjugada, classe social é a das “Não-mulheres”, ou seja, mulheres que não são férteis ou que cometeram algum crime contra o governo. Essas personagens aparecem na segunda temporada quando Emily e Janine, duas personagens que eram aias, são mandadas para as “colônias”, espécies de campos de concentração, onde mulheres são obrigadas a trabalhar com material tóxico. As “Não-mulheres” portanto são exploradas pelo governo de forma mais direta, pois elas servem apenas para realizar esse trabalho pesado, e no fim acabam adoecendo e morrendo por causa das consequências para a sua saúde.

### 5.1.3 A recepção da série

Desde o seu lançamento em 2017, *The Handmaid's Tale* tem recebido muita atenção da mídia por tratar de um assunto tão complexo como a opressão de gênero, e por ter um posicionamento feminista na sua narrativa colocando as histórias de personagens mulheres como principais, chamando atenção no meio audiovisual onde a maior parte dos heróis de ficção científica são homens. Em um artigo no New York Times de abril de 2017<sup>1</sup>, Judy Berman reuniu 14 matérias, críticas, resenhas e artigos, sobre a série para mostrar a sua importância midiática. Segundo ela:

“The Handmaid's Tale”, do Hulu, está entre os novos programas de TV mais comentados de 2017, e é fácil entender por quê. Uma adaptação do romance clássico de Margaret Atwood de 1985, que ocorre na República de Gilead, uma distopia teocrática aterrorizadora e oportuna que costumava ser os Estados Unidos, onde mulheres conhecidas como Aias são obrigadas a ter filhos para os patriarcas da sociedade todo-poderosos. (tradução nossa)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Here Are Some Great Articles to Read About 'The Handmaid's Tale'. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/04/28/watching/handmaids-tale-best-articles.html>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

<sup>2</sup> “Hulu's ‘The Handmaid's Tale’ is among the most talked-about new TV shows of 2017, and it's easy to see why. An adaptation of Margaret Atwood's classic novel from 1985, it takes place in the Republic of Gilead, a terrifying and timely theocratic dystopia that used to be the United States, where women known as handmaids are forced to bear children for the society's all-powerful patriarchs.”

Assim, é possível perceber que os temas abordados na série criam diversas discussões midiáticas sobre direito das mulheres, aborto, autonomia corporal, governos autoritários, religião e maternidade. No Brasil, mesmo que *The Handmaid's Tale* não tenha sido disponibilizada pela plataforma Hulu, ela também esteve presente em vários veículos de mídia, como *El País*<sup>3</sup>, *Jornal Nexo*<sup>4</sup>, e *Veja*<sup>5</sup>, que consideraram a série uma das melhores de 2017.

Os aspectos técnicos da produção, como figurino, atuação, fotografia e trilha sonora, também ganharam muita importância, garantindo em 2 anos 14 prêmios famosos da indústria audiovisual como Emmy Awards, Globo de Ouro e Actors Screen Guild em categorias diversas. O Emmy Awards de 2017<sup>6</sup> foi o evento em que a série ganhou maior destaque, pois levou 8 dos 13 prêmios que estava concorrendo, e 5 deles foram para mulheres. Além desse sucesso de crítica, *The Handmaid's Tale* também é um sucesso entre o público, tendo 92% de aprovação no site americano Rotten Tomatoes<sup>7</sup>, onde os internautas deixam resenhas, críticas e notas sobre produtos audiovisuais.

Essa relevância pode ser vista principalmente entre o público feminino que transformou a série em um símbolo de luta feminista. Como já foi abordando anteriormente, o movimento brasileiro “Nem Presa Nem Morta” utilizou o figurino das Aias em suas manifestações a favor da descriminalização do aborto. Da mesma forma, manifestantes norte-americanas também se inspiraram na história de Atwood para protestar contra a nomeação do juiz conservador Brett Kavanaugh para o Supremo Tribunal em Setembro de 2018.

<sup>3</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/20/cultura/1497974132\\_683029.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/20/cultura/1497974132_683029.html)>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/11/28/Quais-os-fatos-reais-que-inspiraram-The-Handmaid's-Tale>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/isabela-boskov/the-handmaids-tale/>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/18/cultura/1505694271\\_781358.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/18/cultura/1505694271_781358.html)>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

<sup>7</sup> Disponível em: <[https://www.rottentomatoes.com/tv/the\\_handmaid\\_s\\_tale/](https://www.rottentomatoes.com/tv/the_handmaid_s_tale/)>. Acesso em 20 de novembro de 2018

**Figura 10 – Manifestantes americanas utilizam o uniforme das Aias para protestar contra a nomeação de Brett Kavanaugh.**



Fonte: Twitter

Segundo Bruno Tomé do Observatório do Cinema<sup>8</sup>:

As protestantes fazem parte de um grupo chamado Demanda da Justiça, que luta contra a aprovação do candidato, indicado pelo presidente Donald Trump. De acordo com o grupo, Kavanaugh tentará acabar com o direito das mulheres. O juiz é conhecido por lutar contra o direito do aborto nos EUA.

Essa relação forte entre o público e a série revela que a distopia está conseguindo levar os seus assuntos para além do entretenimento. Entretanto, mesmo com diversos pontos positivos há também críticas negativas em relação à quantidade de

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/series-e-tv/2018/09/manifestantes-se-inspiram-em-the-handmaids-tale-para-protestar-contr-a-nomeacao-de-juiz-conservador-nos-eua>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.



violência<sup>9</sup> presente na série, que poderia estar alimentando uma lógica de consumo patriarcal onde cenas de mulheres sendo torturadas são utilizadas apenas para vender, e a falta da questão racial na narrativa.<sup>10</sup> Pois, mesmo tendo personagens negros, *The Handmaid's Tale* acaba não abordando o assunto do racismo, falado apenas da opressão das mulheres e da comunidade LGBT. As críticas também demonstram o engajamento do público com questões sociais, e assim é possível concluir que a distopia cumpre a sua função de ir além do enterterimento

## 5.2 A seleção de episódios e cenas

O Corpus de 21 episódios de *The Handmaid's Tale* nos permitiu ter uma visão ampla sobre como a série representa o papel da maternidade. Nele, foram selecionadas 97 cenas que têm esse papel como discurso central. Após a análise, escolhemos pelo menos uma que represente cada tipo de estereótipo materno para apresentar os seus aspectos mais importantes:

**CENA 1: Flashback da June. Tia Lydia ensinando as Aias no centro vermelho que o papel delas na sociedade é ter os filhos dos governantes de Gilead. - Maternidade como dever biológico**

Figura 11 – Episódio 1, Primeira temporada, Cena 3



Fonte: The Handmaid's Tale

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas-blogs/spoilers/porno-de-tortura-the-handmaids-tale-perdeu-a-mao>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://foradequadro.com/2017/07/08/a-questao-racial-em-the-handmaids-tale-e-big-little-lies/>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.



“Vocês tem tanta sorte” (The Handmaid’s Tale, Episódio 1, Temporada 1, 2017)

**Figura 12 – Episódio 1, Primeira temporada, Cena 3**



Fonte: The Handmaid’s Tale

“São tão privilegiadas” (The Handmaid’s Tale, Episódio 1, Temporada 1, 2017)

**Figura 13 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 3**



Fonte: The Handmaid’s Tale

“Vocês terão filhos para eles” (The Handmaid’s Tale, Episódio 1, Temporada 1, 2017)

Segundo o discurso da Tia, ser uma Aia é um privilégio, entretanto, analisando os outros aspectos da cena, como a expressão facial de June, a iluminação e a decoração do ambiente, podemos perceber que isso não é verdade. O caráter autoritário, composto pela iluminação e cenário, da cena mostra que o discurso do “Dever biológico” vai ser usado para escravizar e aprisionar essas mulheres nessa nova sociedade, e através das expressões de June podemos perceber que ela será uma vítima.

**CENA 2: Flashback de Serena. Um dos Filhos de Jacob conversam com o comandante Waterford sobre a participação de Serena no movimento que está organizando o golpe de Estado. - Maternidade como dever biológico**

A cena começa com o homem perguntando para Fred se Serena estava brava de não poder mais participar das reuniões do grupo. Fred explica que ela só ficou frustrada, pois queria dar opiniões sobre como deveria ser a nova sociedade instaurada. O homem então utiliza o discurso do “Dever Biológico” da maternidade para justificar essa exclusão da personagem. Segundo ele, a culpa das mulheres não conseguirem mais ter filhos é que as imposições da vida acadêmica e profissional teria colocado muitas coisas nas mãos delas, impedindo-as de cumprir o papel de mãe.

**Figura 14 – Episódio 6, Temporada 1, Cena 3**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Nós demos para elas mais do que elas podiam lidar” (The Handmaid's Tale, Episódio 6, Temporada 1, 2017)

**Figura 15 – Episódio 6, Temporada 1, Cena 3**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Elas colocam tanto foco em aspirações acadêmicas e profissionais” (The Handmaid's Tale, Episódio 6, Temporada 1, 2017)

**Figura 16 – Episódio 6, Temporada 1, Cena 3**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Nós deixamos elas esquecerem seu verdadeiro propósito” (The Handmaid's Tale, Episódio 6, Temporada 1, 2017)



Aqui, é possível perceber que o discurso defendido por Serena começa a ser usado contra ela, o que trará consequências para a sua personagem na temporada seguinte quando ela começar a questionar as consequências desse dever biológico. O diálogo entre os dois demonstra que a biologia é apenas uma desculpa para que as mulheres não possam estar no poder nessa nova sociedade, e que essa segregação começou antes mesmo da criação da República de Gilead.

**CENA 3: June é estuprada durante a “cerimônia” - Maternidade como justificativa para a violência.**

Nessa cena a personagem principal descrever o processo da cerimônia onde são utilizadas passagens da bíblia para justificar o seu estupro.

**Figura 17 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 7**



Fonte: The Handmaid's Tale

**Figura 18 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 7**



Fonte: The Handmaid's Tale

**Figura 19 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 7**



Fonte: The Handmaid's Tale

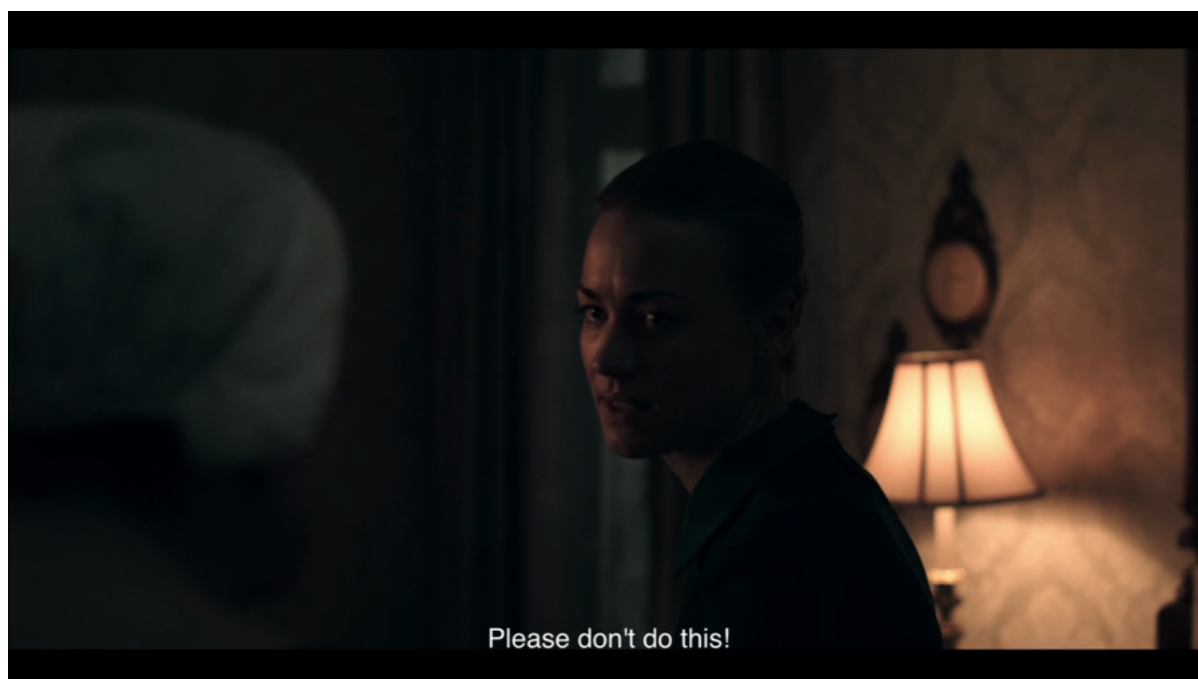
O ângulo da câmera mostra o seu rosto durante o ato de violência, podemos perceber que ela se concentra em se imagina em outro lugar da mesma forma que vítimas de estupro relatam reagirem durante esse tipo de ataque sexual. Além disso, a presença de Serena e toda a institucionalização do processo como uma parte da

rotina da família demonstra como a maternidade é usada para justificar esse ato de dominação da personagem feminina. Na sociedade de Gilead não tem como June fugir desse ritual, pois se ela tentar fazer isso será perseguida e mandada para as colônias, portanto a única opção da personagem é aceitar essa violência sem reagir.

**CENA 4: June é estuprada enquanto está grávida - Maternidade como justificativa para a violência.**

Serena chama June para o quarto e lá segura ela enquanto Fred a estupra. O ato de violência pega June de surpresa, pois ele não faz parte do ritual institucionalizado em Gilead, foi uma violência combinada entre o casal para mostrar a June quem manda na casa, colocando-a no seu lugar. O casal justifica o ato dizendo que ele servirá para “induzir o parto” do bebê de June, e utiliza passagens bíblicas durante o ato para evitar a culpa e naturalizar o estupro.

**Figura 20 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 5**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Por favor não faça isso” - June (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 2, 2018)

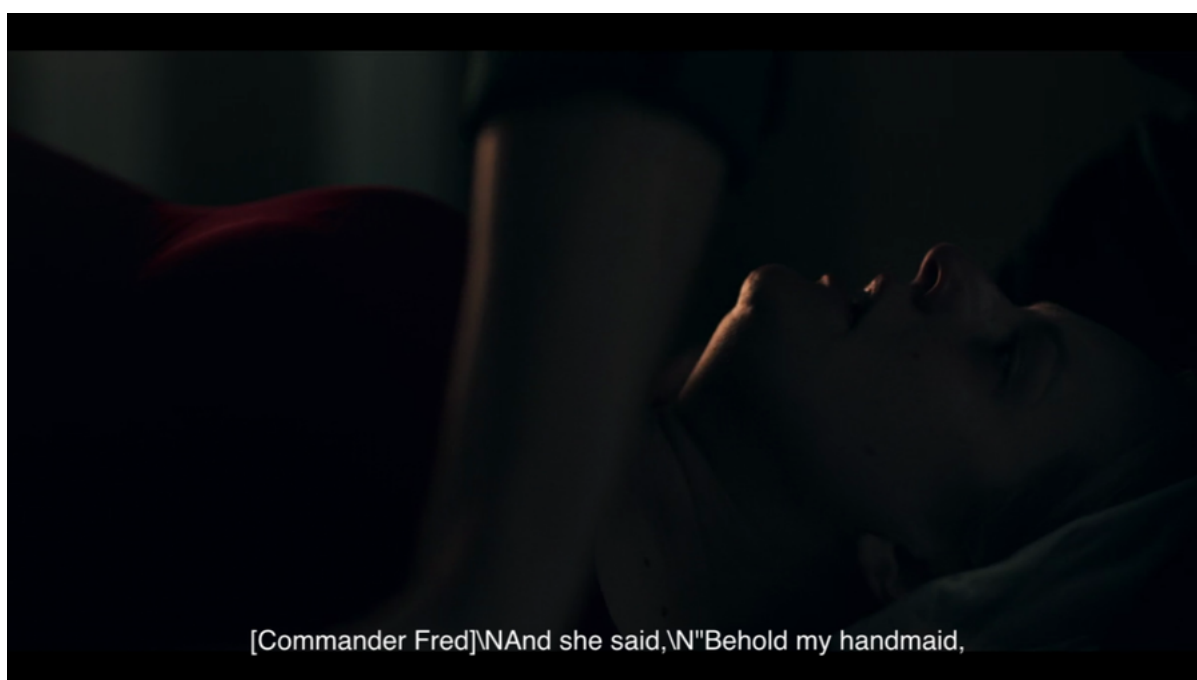
**Figura 21 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 5**



Fonte: The Handmaid's Tale

“E Jacob foi dentro dela” - Fred (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 2, 2018)

**Figura 22 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 5**



Fonte: The Handmaid's Tale

“E ela disse, segure a minha serva” - Fred (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 2, 2018)

A narrativa da cena mostra que June se percebe como a vítima dessa violência sexual, e que, por ser inesperada, essa é muito pior do que as outras cenas de violência. A personagem tenta até mesmo implorar para Serna ajudá-la, mas no fim é vencida pelos dois e acaba a cena deitada na cama olhando para o teto desamparada. Assim, é possível perceber o uso do estupro como ferramenta de dominação da personagem que estava ousando questionar o seu papel de Aia nesse episódio.

#### **CENA 5: Ritual sagrado durante o chá de bebê - Maternidade como papel sagrado**

Durante o chá de bebê as esposas e as Aias realizam um ritual religioso que une June e Serena com fios vermelhos e azuis, mostrando que a maternidade é um papel sagrado e naturalizando o fato da Esposa ser considerada a verdadeira “mãe” do bebê que está por vir.

**Figura 23 – Episódio 4, Temporada 2, Cena 3**



Fonte: The Handmaid's Tale

Os elementos visuais, como a fotografia e o ângulo da câmera, mostram que a cena tem uma áurea sagrada e ritualística. Entretanto, as expressões faciais das Aias permitem ao espectador perceber que elas não estão felizes de estar ali e não concordam com essa encenação.

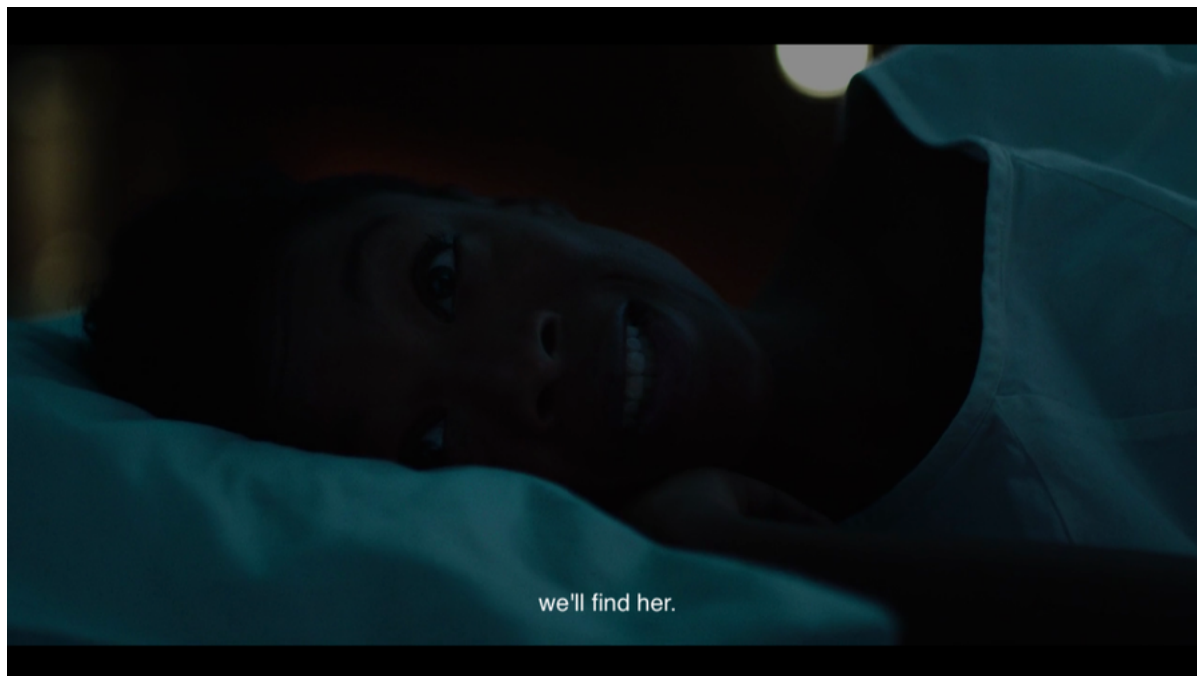
#### **CENA 6 - Flashback de June no Centro Vermelho. Moira falando para ela ter esperança que elas vão encontrar a Hannah - Maternidade como esperança**

As duas amigas estão nas suas camas no Red Center conversando antes de dormir quando elas vêem Janine entrar após terem arrancado um olho dela por mau



comportamento. Moira dá apoio psicológico a June dizendo que elas devem ficar juntas e resistir para encontrar Hannah.

**Figura 24 – Episódio 10, temporada 1, Cena 4**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Nós vamos encontrar ela” - Moira (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 1, 2017)

A maternidade aqui é usada como esperança para a personagem continuar vivendo mesmo em tempos ruins, esse discurso do Flashback dá forças para June nos tempos atuais, a sua amizade com Moira e o amor por Hannah são os elementos mais importantes da cena, pois eles demonstram como o afeto pode ser revolucionário dentro do contexto de Gilead.

**CENA 7: June realiza seu próprio parto - Maternidade como força feminina.**

June acaba ficando sozinha em uma casa quando entra em trabalho de parto. Ela pede ajuda, mas ninguém chega a tempo, então ela realiza o parto sozinha de forma natural. Durante a cena de parto ela tem flashbacks do seu parto de Hannah, das aulas da tia Lydia sobre parto e do parto da Janine.

**Figura 25 – Episódio 11, Temporada 2, Cena 4**



Fonte: The Handmaid's Tale

**Figura 26 – Episódio 11, Temporada 2, Cena 4**



Fonte: The Handmaid's Tale

Figura 27 – Episódio 11, Temporada 2, Cena 4



Fonte: The Handmaid's Tale

“Nós conseguimos, Holly” - June (The Handmaid's Tale, Episódio 11, Temporada 2, 2018)

Nessa cena o ato de dar a luz nos mostra toda a força da personagem e das mulheres no geral, já que ela consegue fazer isso sozinha apenas confiando no seu próprio corpo. A cena possui um ar animalesco que demonstra a realidade de um parto sem interferências do mundo externo.

#### **CENA 8 - O amor de Janine cura a sua filha que estava doente - Maternidade como força feminina.**

Janine tinha ido ao hospital ver sua filha que estava doente e ninguém conseguia curar. Ela fica a noite lá com a bebê e no dia seguinte a sua filha já está melhor, pois o contato com a mãe biológica faz com que a bebê se recupere. A cena mostra então a Tia Lydia acordando e se surpreende ao ver Janine segurando a filha e cantando para ela de forma amorosa. Ela fica chocada ao ver que esse contato afetivo fez com que a criança voltasse a ficar saudável.

**Figura 28 – Episódio 8, Temporada 2, Cena 3**

Fonte: The Handmaid's Tale

O aspecto mais relevante da cena é a fotografia e o figurino, que quebram com o visual da série, pois a personagem não está usando mais o seu uniforme, e o bebê está só de fralda no seu colo. A composição da cena demonstra que ainda há espaço para amor e afeto materno verdadeiro mesmo em uma sociedade autoritária como Gilead.

**CENA 9 - June e Emily conversam honestamente pela primeira vez - Maternidade une as mulheres.**

June e Emily eram parceiras de compras, mas nunca haviam conversado de verdade, nessa cena Emily pergunta a June quem era Moira e elas começam a falar sobre a vida delas antes de Gilead e compartilham experiências similares sobre ser mãe. June explica que conhecia Moira desde antes do Red Center, fala que tentou fugir com sua filha e marido mas que eles foram pegos, o marido foi morto e ela virou Aia. Emily conta uma história parecida, onde ela e sua mulher tentaram fugir para o Canadá, mas apenas a mulher e o filho conseguiram. A maternidade é um elo entre as duas personagens que criam empatia uma pela outra e começam a desenvolver uma amizade.

**Figura 29 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 11**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Ela teria 8 anos” - June (The Handmaid's Tale, Episódio 1, Temporada 1, 2017)

**Figura 30 – Episódio 1, Temporada 1, Cena 11**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Eu e minha mulher tínhamos um filho” - Emily (The Handmaid's Tale, Episódio 1, Temporada 1, 2017)



O aspecto mais importante da cena é o diálogo entre as duas, pois através dele as personagens quebram com a barreira das ações socialmente aceitas (como as frases já prontas que todos usam) e passam a mostrar quem são de verdade uma para a outra.

**CENA 10 - June e Serena cuidam juntas do bebê - Maternidade une as mulheres.**

Depois da morte de Eve, Serena finalmente deixa June segurar e cuidar da sua filha. A cena demonstra que apesar das diferentes classes sociais, as duas personagens mulheres querem o melhor para o bebê, portanto elas se unem momentaneamente para garantir que a bebê terá os melhores cuidados.

**Figura 31 – Episódio 12, Temporada 2, Cena 10**



Fonte: The Handmaid's Tale

Aqui, a característica mais importante é o plano que mostra a cena de longe com June no centro sendo a mãe de verdade da bebê, e Serena ao lado dando o seu apoio, como se ela tivesse aceitado que não é a mãe de verdade mas que isso está tudo bem porque o que importa é o melhor para Holly.

**CENA 11: June finge que vai entrar em trabalho de parto e assim faz Serena passar vergonha na frente das Aias e das esposas. - Maternidade como poder social.**

June fala que está sentido contrações, todos se organizam para realizar o parto em casa, mas quando chega a hora descobrem que o bebê está longe de nascer ainda, foi um “alarme falso” feito de propósito pela personagem.

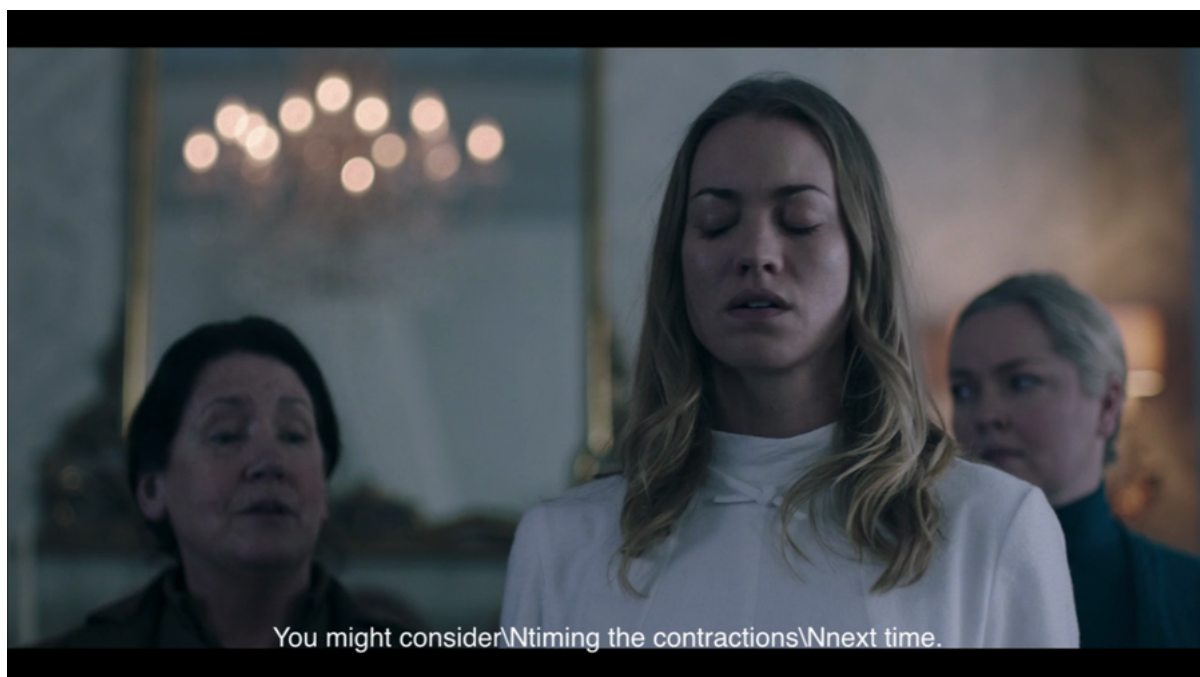
**Figura 32 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 2**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Me desculpe Sra. Waterford” - June (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 2, 2018)

**Figura 33 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 2**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Você deve considerar cronometrar as contrações da próxima vez” - Tia Lydia (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 2, 2018)

Figura 34 – Episódio 10, Temporada 2, Cena 2



Fonte: The Handmaid's Tale

“Trabalho de parto falso engana todos nós” - Tia Lydia (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 2, 2018)

Assim, June usa a maternidade como uma forma de mostrar poder sob Serena, mostrando que isso ela não pode controlar, e que ela ainda pode fazer com que Serena seja humilhada publicamente. O aspecto mais importante da cena é a ousadia da personagem que decide realizar um ato pequeno de resistência ridicularizando o ritual sagrado do parto feito em Gilead. Essa ousadia pode ser vista no seu tom de voz e expressão facial quando ela pede desculpas, mas claramente mostra que não está arrependida.

**CENA 12: Flashback. June e Luke falam sobre ter outro filho. - Maternidade como escolha.**

June fala para Luke que ela precisa ir na farmácia comprar pílula anticoncepcional, pede que ele assine a permissão (porque agora para comprar é preciso ter autorização do marido). Mas, depois ela dá a ideia de não pegar, e sim tentar ter outro filho. Ele fica feliz e concorda, os dois se beijam apaixonados e felizes.



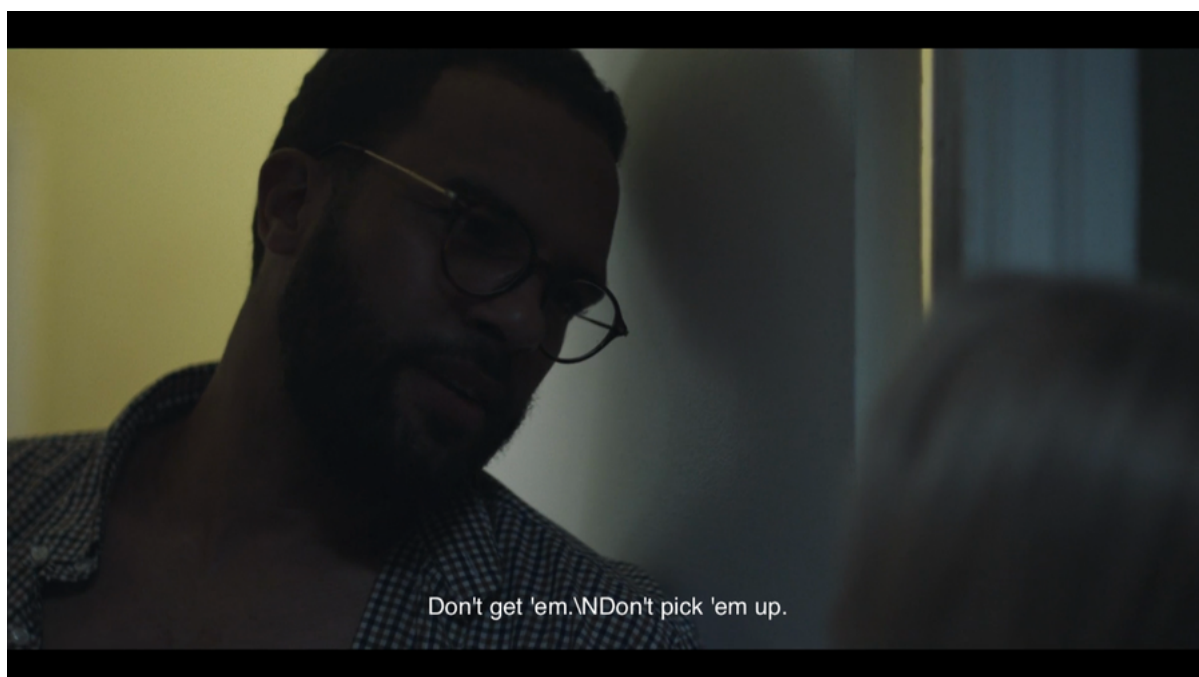
**Figura 35 – Episódio 1, Temporada 2, Cena 1**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Eu estou pensando, talvez?” - June (The Handmaid's Tale, Episódio 1, Temporada 2, 2018)

**Figura 36 – Episódio 1, Temporada 2, Cena 1**



Fonte: The Handmaid's Tale

“Não pegue” - Luke (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 2, 2018)

**Figura 37 – Episódio 1, Temporada 2, Cena 1**

Fonte: The Handmaid's Tale

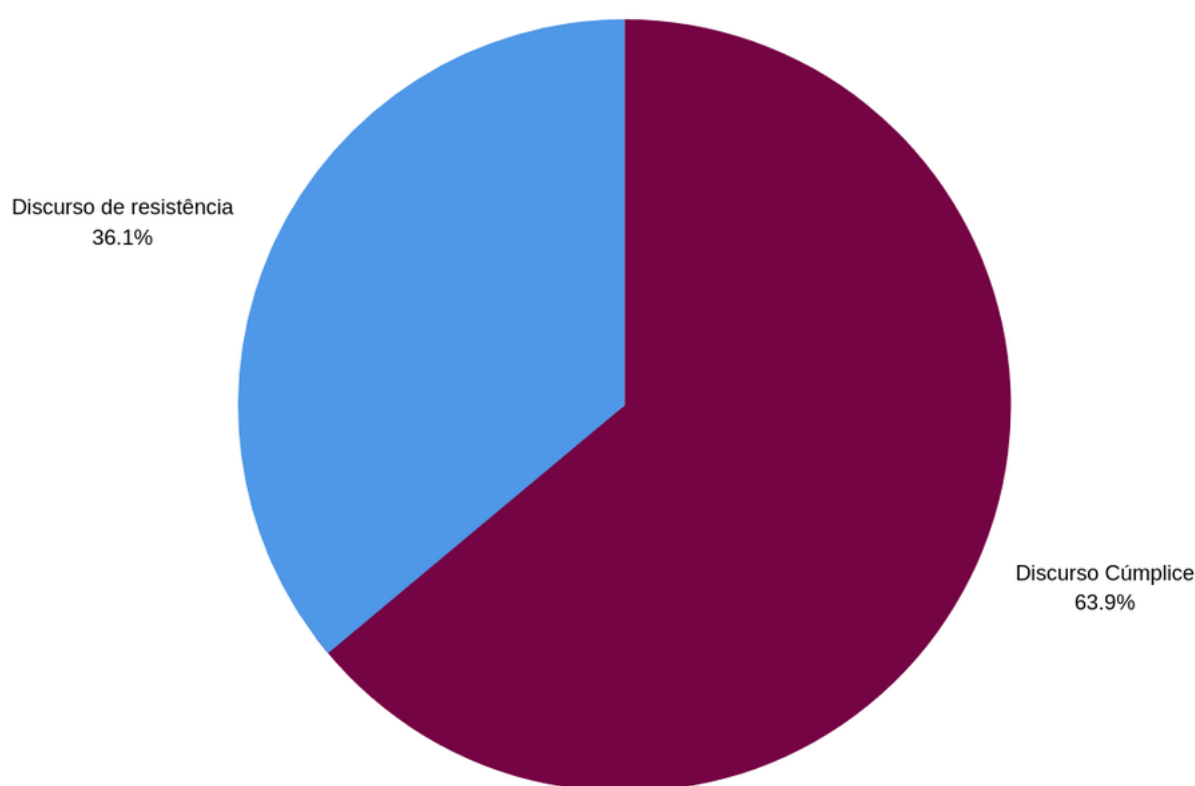
“Ah é? hmmm” - June (The Handmaid's Tale, Episódio 10, Temporada 2, 2018)

O que se destaca na cena é que, apesar das dificuldades dentro daquela sociedade, o casal fica feliz de ter outro filho, pois isso é uma escolha dos dois. Assim, o aspecto mais importante da cena é o seu contraste com a sociedade de Gilead onde as mulheres não podem mais escolher se tem filhos ou não, portanto cenas felizes como essas não existem mais.

### 5.3 Resultado da análise

A análise demonstrou que entre as cenas que representam a maternidade, o discurso “Cúmplice” é o mais comum na narrativa de *The Handmaid's Tale*. A partir dela, desenvolvemos um gráfico com dados quantitativos que demonstram esse resultado:

**Figura 38 – Gráfico criado a partir da análise das cenas de *The Handmaid's Tale*: Qual discurso sobre maternidade prevalece na série?**



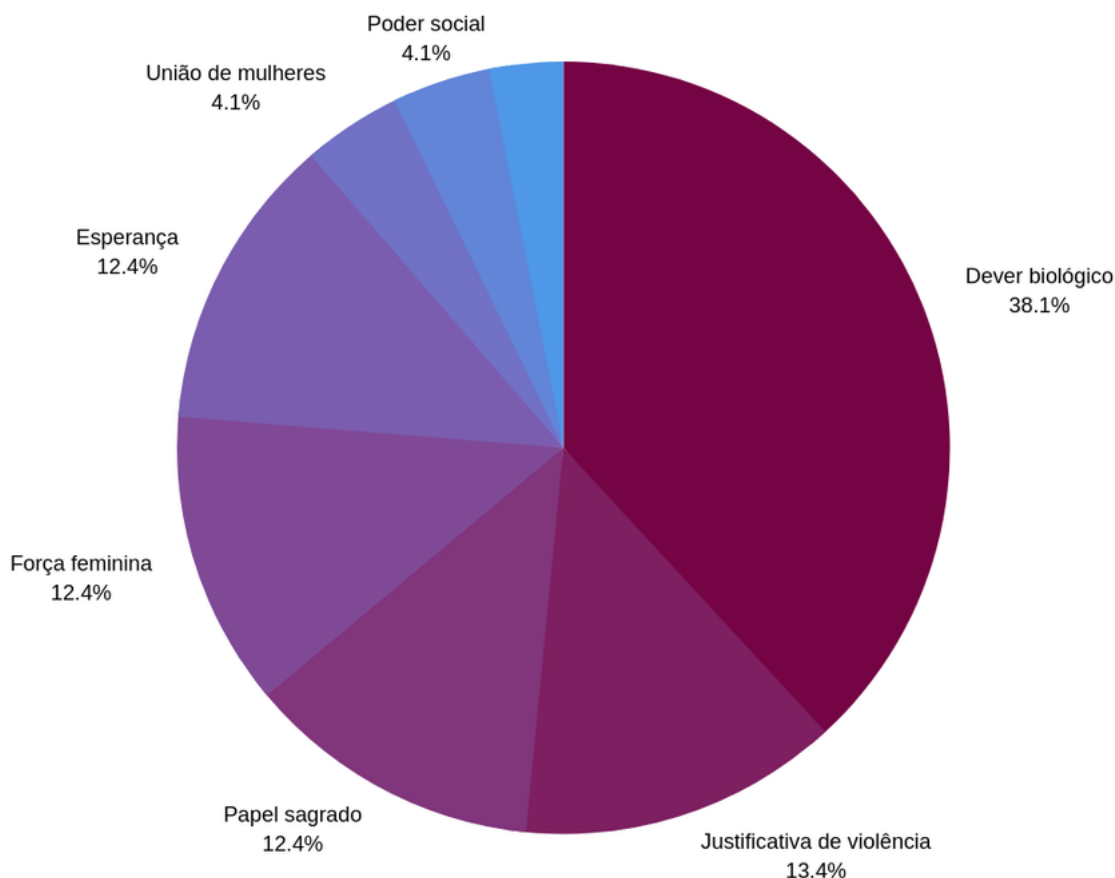
Fonte: *The Handmaid's Tale*

No gráfico, é possível perceber que 63,9% dos discursos das cenas analisadas se encaixam nessa categoria, entretanto, a frequência alta não significa que o produto midiático corrobore com o pensamento patriarcal. Por se tratar de uma distopia, gênero narrativo que tem como objetivo realizar um “Aviso de incêndio” (HILÁRIO 2013) para a sociedade, é normal que o discurso mais violento seja o predominante, já que a ideia é utilizá-lo para criticar a realidade.

Os dados numéricos, portanto, devem ser compreendidos a partir da análise qualitativa das cenas, que demonstram como esse discurso cúmplice é colocado em oposição àquilo que seria ideal na série. Dessa forma, ao colocar uma mulher oprimida como a personagem principal, *The Handmaid's Tale* aborda os estereótipos maternos cúmplices como negativos, mostrando sempre quais são as suas consequências e, porque eles devem ser combatidos.

Em um segundo gráfico podemos ver com mais detalhes que o Dever Biológico é o discurso materno que mais aparece dentro da série, em 38,1% das cenas, em segundo lugar ficou o discurso que justifica a violência, que aparece em 13,4% das cenas:

**Figura 39 – Gráfico criado a partir da análise das cenas de *The Handmaid's Tale*: Qual categoria discursiva de análise prevalece na série?**



Fonte: *The Handmaid's Tale*

Esses dois estereótipos são os mais presentes, pois são eles que formam a base para a criação das classes sociais de Gilead. Mas, também são os mais criticados, pois a narrativa distópica deixa claro, através de cenas que retratam a violência de gênero, como eles podem prejudicar a vida das personagens mulheres.

Dessa forma, colocando a maternidade, e as experiências femininas que surgem desse processo, como elemento central da narrativa, *The Handmaid's Tale* consegue mostrar a violência perigosa do discurso cúmplice, e ainda apresentar formas de resistência através das histórias das suas personagens.

Apesar de existir em menor quantidade, o discurso que questiona a dominação patriarcal também está presente na série, como mostra o segundo gráfico. Além disso, essa categoria pode ser menor, mas ela é a mais plural, pois abrange mais personagens e demonstra que há formas diferentes de resistir ao autoritarismo da República de Gilead, enquanto a repressão precisa existir sempre das mesmas formas.

Mais do que apontar os problemas da dominação patriarcal, a série consegue também mostrar formas de mudar essa realidade, mesmo que para as personagens

essa mudança ainda seja pequena. E assim, a narrativa não demoniza o papel da maternidade, mas demonstra que este é sempre interpretado socialmente portanto, pode ser ressignificado dependendo de quem está no poder para criar essa interpretação.

## 6 Considerações finais

Nosso trabalho tentou demonstrar, através da análise de conteúdo, que a série *The Handmaid's Tale* consegue representar a opressão feminina através do papel da maternidade, que por ser exclusivamente feminino abre espaço para diversas discussões à respeito da autonomia corporal e dos direitos das mulheres. O que nos parece evidente nesta análise é que o gênero narrativo distópico possibilita aos grupos de minorias sociais uma forma diferente de contar a sua história, mostrando através da ficção os riscos que eles correm de perder direitos, e voltarem a serem ainda mais oprimidos na sociedade.

A grande repercussão da série nos mostra que há uma procura do público por narrativas engajadas, que expressem os medos desses grupos dentro do contexto político atual. No caso das mulheres, há sempre o risco de que percam os poucos direitos já conquistados, por isso a série se torna um objeto de comunicação relevante considerado como um símbolo de luta feminista.

Afirmar que *The Handmaid's Tale* é um símbolo de luta por equidade de gênero pode parecer um exagero, já que ainda se trata de um produto cultural inserido na lógica de consumo capitalista. Entretanto, a influência da cultura de séries na atualidade demonstra que há uma possibilidade de utilizar esse formato de contar histórias para pautar discursos progressistas na esfera pública, falando de assuntos que priorizam as demandas de grupos que geralmente não se vêm representados na mídia.

Assim, analisar as categorias do discurso materno nos permitiu compreender como a sociedade distópica de Atwood foi criada com o intuito de realizar uma crítica à opressão estrutural de gênero. E, portanto, demonstrou a importância das mulheres utilizarem a ficção científica para contarem as suas histórias, e dessa forma desconstruírem os estereótipos relacionados à maternidade que foram criados por homens para nos controlar, pois, como afirma KAPLAN (1992) no fim da sua obra: “Uma vez que “mãe” não seja mais uma qualidade fixa e essencializada, as mulheres poderão ser libertadas do tipo de constrangimentos e dificuldades discursivas estudadas neste livro.” (p.192, tradução nossa)<sup>1</sup>

Um ponto não tratado neste trabalho por falta de tempo hábil, mas que seria interessante ser analisado, é a construção do Estado autoritário de Gilead que acontece aos poucos nos flashbacks da série. Este poderia ser usado para compreender e criticar o cenário político brasileiro e mundial onde há uma ascensão e naturalização do discurso fascista. As linguagens do audiovisual também poderiam ser analisadas em trabalhos que olhassem, por exemplo, apenas para o figurino ou para a trilha sonora

<sup>1</sup> Once “mother” is no longer a fixed, essentialized quality, then women may be freed from the kind of discursive constraints and burdens studied in this book. (p.192)

da série, pois cada um desses elementos compõem a narrativa de uma forma específica. E, as críticas de excesso de violência e de falta de discussões sobre a opressão racial também poderiam ser abordadas, para mostrar como a série ainda peca na representação de alguns grupos, ou como ela pode acabar banalizando os atos de violência se o discurso engajado for deixado de lado nas próximas temporadas.

Por fim, esperamos que o nosso trabalho possa servir de referência para outras pesquisas que abordem a representação da maternidade, ou de outros estereótipos em produtos audiovisuais, além disso, que tenha trazido reflexões sobre a possibilidade de utilizar esse tipo de mídia como resistência à discursos autoritários e repressivos.

### Referências bibliográficas

- A WOMAN'S PLACE (Temporada 1, Episódio 6). *The Handmaid's Tale* [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2017
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70, 2000.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2v. 1980 [1949].
- BEAUVOIR, Simone. *A força das coisas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009 [1963].
- BRANDÃO, Bruna Luciana Domingues; MARTINS, Geraldo Majela. Vou ter que conviver com essa mulher? O feminino em Freud a partir de um fragmento clínico. In: *De um curso a um discurso: revista de Psicologia*, n.3, páginas 59-61, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://npa.newtonpaiva.br/psicologia/e3-18-vou-ter-que-conviver-com-essa-mulher-o-feminino-em-freud-a-partir-de-um-fragmento-clinico/>
- BROOKS, Peter. *The melodramatic imagination: Balzac, Henry, James, Melodrama and the mode of excess*, New Haven: Yale University Press, 1976.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CIXOUS, Hélène; CLEMENT, Catherine. *The newly born woman*. Trad. Betsy Wing. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1975c, 1987.
- CHODOROW, Nancy. *The reproduction of mothering. Psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press, 1978.
- CORDEIRO, Marcus Augusto da Silva, GOES, Beatriz Silva, NOGUEIRA, Wilson de Souza. Jogos Vorazes e a questão da distopia na série de filmes de Gary Ross e Francis Lawrence. In: *Revista Geminis*, n.1, ano 7, páginas 257-272, São Carlos, 2016.
- CYFER, Ingrid. Afinal o que é ser mulher? Simone de Beauvoir e “A questão do sujeito” na teoria crítica feminista. In: *Lua Nova*, n.94, São Paulo, 2015.
- DINNERSTEIN, Dorothy. *The mermaid and the minotaur. Sexual arrangements and human malaise*. 4. ed. New York: Harper & Row, Publishers, 1977.
- ESQUENAZI, J.P. *As séries televisivas*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.
- FERREIRA, Vitor Vieira. Utopias e distopias no século XXI e pós-modernismo. In: *revista Papéis*, n.38, v.19, Campo Grande, 2015.
- FISH, S. *Is There a Text in this Class?*. Cambridge, Harvard University Press, 1980.
- FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo. In: *O ego e o id - uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Editora Apicuri, Rio de Janeiro, 2016.



- HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2005.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. In: Anu. Lit, n.2, v.18, p.201-2015, Florianópolis, 2013.
- HOLLY (Temporada 2, Episódio 11). The Handmaid's Tale [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2018
- HORNEY, Karen. Feminine psychology. 3. ed. New York: W.W.Norton & Company, 1993.
- IRIGARAY, Luce. This sex which is not one. Trad. C. Porter e C. Burke. 2. ed. Ithaca: Cornell University Press, 1985.
- JACOBY, Russell. O fim da utopia. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- JENNER, M. Is this TVIV? On Netflix, TVIII and binge-watching. New Media & Society. Chicago, v.16, n.4, jul. 2014. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444814541523>
- JENKINS, H. Cultura da convergência. São Paulo: Alleph, 2010.
- JUNE (Temporada 2, Episódio 1). The Handmaid's Tale [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2018
- KAPLAN, E. Ann. Motherhood and Representation: The mother in popular culture and Melodrama. Routledge, Londres, 1992.
- KRISTEVA, Julia. Stabat mater. In: MOI, Toril. The Kristeva Reader. Oxford. Blackwell, 1986.
- LADEIRA, J. M. Imitação do excesso: Televisão, Streaming e o Brasil. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2016.
- LEVY, Pierre. Inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço. Edições Loyola, 2007.
- MCDONALD, Soraya Nadia. In 'Handmaid's Tale,' a postracial, patriarchal hellscape. The Undeclared. Disponível em: < <https://theundefeated.com/features/hulu-handmaids-tale/> > Acesso em 17 de junho de 2018.
- MEDEIROS, Priscila Muniz. A ciência e a técnica frente à questão da crise ambiental: apontamentos teóricos para o debate. In: Desenvolvimento e meio ambiente, vol.38, agosto 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/323228563\\_A\\_ciencia\\_e\\_a\\_tecnica\\_frente\\_a\\_questao\\_da\\_crise\\_ambiental\\_apontamentos\\_teoricos\\_para\\_o\\_debate](https://www.researchgate.net/publication/323228563_A_ciencia_e_a_tecnica_frente_a_questao_da_crise_ambiental_apontamentos_teoricos_para_o_debate)>. Acesso em: 27 de abril de 2018.
- MARTINO, L. M S. Teorias das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes. Rio de

Janeiro: Editora Vozes, 2014.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. In: Screen, v. 16, n. 3, p. 6-27, Autumn 1975.

NIGHT (Temporada 1, Episódio 10). The Handmaid's Tale [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2017

ORWELL, George. In Front Of Your Nose: 1945-1950 (Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell, Vol 4). Inglaterra, Mariner Books, 1971.

OFFRED (Temporada 1, Episódio 1). The Handmaid's Tale [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2017

OTHER WOMEN (Temporada 2, Episódio 4). The Handmaid's Tale [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2018

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Rev. Sociol.Polit. Curitiba, vol.18, no.36, June 2010.

POSTPARTUM (Temporada 2, Episódio 12). The Handmaid's Tale [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2018

RICH, Adrienne. Of woman born. Motherhood as experience and institution. 3.ed. London: Virago, 1981.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. Disponível em: <<http://www.terry.uga.edu/~dawndba/4500compulsoryhet.htm>> Acesso em 20 de novembro de 2018.

ROSE, Diane. Análise de imagens em movimento. In: Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som - Um manual prático, Londres, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. Uma questão de gênero. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. O Poder do Macho. São Paulo, 1987.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Arrested Development e o Futuro das Séries (de Tevê?). In: Revista Novos Olhares, Vol. 3, N.1, São Paulo 2013.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. In: Encontro Anual da Compós, 22, 2013, Salvador. Disponível em: < [www.compos.org.br/data/biblioteca\\_2076.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2076.pdf) >. Acesso em: 14 de abril de 2018.

SOUZA, Lucas Moreira Sales de. Cinema de distopia: gênese, resistência e engajamento. UFBA, 2012. Disponível em: < <https://goo.gl/JkZGxO> >. Acesso em: 12 de junho de 2017.

THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Org.). História das Mulheres no Ocidente: o século XX. Porto: Afrontamento, 1995.

THE LAST CERIMONY (Temporada 2, Episódio 10). The Handmaid's Tale [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2018

WOMAN'S WORK (Temporada 2, Episódio 8). The Handmaid's Tale [Seriado]. Direção: Reed Morano. MGM Television. Estados Unidos. 2018

## **Apêndices**



## APÊNDICE A - TABELA COM TODOS OS EPISÓDIOS ANALISADOS

LEGENDA DA TABELA:
Dever biológico para salvar a humanidade
Justificativa de violência
Papel sagrado
Força feminina
Esperança/resistência
União de mulheres
Tentativa de tomada de poder social
Escolha

Cena	Descrição	Importância da maternidade	Detalhes específicos da cena (facultativo)
TEMPORADA 1 - Episódio 1			
Cena 1 = June e Luke tentando fugir com a filha	O casal tenta fugir com a filha, Luke é pego primeiro, depois June tenta se esconder com Hannah mas o policiais chegam nela	A cena serve para classificar a personagem principal como mãe e colocar o relacionamento com a sua filha como a parte principal da história	Trilha sonora, iluminação, slow motion compõem o aspecto emocional, urgente e trágico da cena
Cena 2 = June vê crianças e se distrai lembrando da hannah	June e Emily estão andando quando avistam um grupo de crianças andando em fila atrás de homens com armas. June para e fica olhando na esperança de encontrar sua filha, nisso ela lembra de momentos com Hannah em flashbacks e Emily chama sua atenção para que ela continue andando.	A maternidade aqui serve de esperança para June continuar resistindo como Aia e ao mesmo tempo serve como uma ponte para esse lado mais humano da personagem, como uma forma de conhecer suas memórias íntimas.	Direção de arte, iluminação (cores quentes), local (praia e mar), tudo representando felicidade
Cena 3 = Flashback da "escola" da tia Lidia onde ela fala sobre a taxa de natalidade e explica que a fertilidade das aias é um presente de Deus	June entra na sala da tia Lidia onde ela explica como as Aias vão servir os comandantes tendo os filhos deles nessa sociedade, e o porquê disso. Ela fala sobre a taxa de natalidade que estava baixa por causa da poluição e das guerras, e fala que a fertilidade é um	O discurso coloca a maternidade como um privilégio, colocando as mulheres como as "salvadoras da humanidade" por poderem ter filhos, mas as práticas (atitudes violentas, confinamento e discurso moralista) demonstram que	Iluminação, ambiente, discurso da tia Lidia em contraposição com o rosto de Offred e a sua aparência. O discurso é de liberdade e privilégio mas as imagens mostram as mulheres como prisioneiras aterrorizadas, esse contraste é muito importante na cena, pois ele da um tom irônico para o que está

	privilégio dado por Deus para essas mulheres. Janine ri nessa cena quando ouve isso, e tia Lúdia a reprime dando um choque elétrico.	essa está sendo usada como pressuposto para aprisionar e escravizar mulheres.	acontecendo.
Cena 4 = Moira falando para June ter esperança que elas vão encontrar a Hannah	As duas amigas estão nas suas camas no Red Center conversando antes de dormir quando elas vem Janine entrar após terem arrancado um olho dela por mau comportamento. Moira dá apoio psicológico a June dizendo que elas tem que ficar juntas e resistir para encontrar Hannah.	A maternidade aqui é usada como esperança para a personagem continuar vivendo mesmo em tempos ruins.	Discurso de força e amizade da Moira que acaba dando esperança para June tanto no flashback quanto nas cenas atuais.
Cena 5 = June e Emily andam juntas ao mercado	June conta que é dia de ritual e Emily (como o papel social demanda) deseja boa sorte para que June consiga engravidar, a expressão no seu rosto mostra que ela não apoia essa prática, mas que como todas as aias ela vê a gravidez como a única forma de continuar existindo	A possibilidade de maternidade através do ritual é vista como uma obrigação, pois se a Aia não conseguir engravidar ela se torna inútil e pode ser depois mandada para as colônias.	A contraposição das falas da Emily, esperançosa desejando boa sorte, com o seu rosto triste e preocupado que demonstra como ela está triste pela amiga ter que passar pelo ritual.
Cena 6 = June tomando banho para se arrumar para o ritual, flashback para um memória com Hannah e Luke	June entra na banheira e começa a narrar os preparos para o ritual, nisso ela começa a lembrar de Hannah de novo. No Flashback a família está em um aquário se divertindo vendo peixes e águas-vivas.	A maternidade de June conforta ela em momentos difíceis.	A simplicidade das duas cenas (do banho e do flashback), o momento íntimo de June que se passa dentro da sua cabeça, onde ela fica sozinha pensando na filha.
Cena 7 = Ritual	June participa da "Cerimônia" (nome que eles dão para o estupro das Aias pelo comandante)	A maternidade é usada como pretexto para justificar a violência sexual (junto com a religião)	O discurso religioso, o ângulo de filmagem das cenas, o foco no rosto da protagonista e depois da Serena Joy chorando, a trilha sonora que cria um aspecto de "cerimônia" e ao mesmo tempo deixa a cena desconfortável, nos possibilitando imaginar o desconforto da June
Cena 8 = Flashback no Red	Janine está delirando no quarto do Red	A maternidade é usada como discurso	O discurso realista de Moira que empodera June

Center	Center, Moira e June ajudam ela a voltar a dormir para que ela não sofra mais punições, Moira fala para June que ela tem que cuidar para não enlouquecer e assim conseguir encontrar a sua filha.	de força e resistência que ajuda June a continuar resistindo nos piores momentos.	lembrando-a de continuar resistindo.
Cena 9 = Aias são reunidas para manter um homem que teria estuprado uma Aia grávida	Aias são reunidas pela tia Lúcia em uma cerimônia de linchamento onde o objetivo é que elas matem um prisioneiro que supostamente teria estuprado uma Aia grávida e assim o bebê teria morrido. Todas se juntam em um círculo, o homem fica no meio e elas o atacam até que ele morra.	A maternidade é utilizada como um discurso emocional para manipular as Aias e fazer elas realizarem atos de violência. A maternidade está presente no discurso punitivo pois nessa sociedade matar um bebê seria o pior crime do mundo, e isso justificaria matar um homem. Além disso, a personagem Janine está grávida e portanto é poupada desse ritual, tem o "privilegio" de apenas assistir.	A aura angelical de Janine, a forma como o discurso manipulativo da tia Lúcia é facilmente aceito por mulheres que estão em um sistema opressor que não deixa elas extravasarem. As expressões das Aias, a atitude de June (que desconta a notícia da morte de Moira no homem), a expressão de terror de June quando tudo termina, a forma natural como o ritual é tratado. Iluminação e ângulos de filmagem.
Cena 10 = Flashback, June contando para Moira que estava grávida	June encontra Moira na frente de um bar e relata que acha que está grávida de Luke. Ao invés de ficar feliz ela mostra estar nervosa e apreensiva pois muitas mulheres estão perdendo seus bebês, e Moira garante que irá ajudá-la e estar do seu lado independente do que acontecer.	A maternidade é vista como um risco, algo perigoso que está gerando muito sofrimento em mulheres que sofrem abortos espontâneos, mas também é uma escolha, é um momento feliz porém apreensivo	A força do discurso de Moira, da sua amizade e do seu companheirismo na vida de June. Os detalhes (como a menção ao aplicativo Uber) que enquadram a cena em 2015 mostrando que não é um passado tão distante assim.
Cena 11 = June e Emily conversam pela primeira vez de verdade	Emily pergunta a June quem era Moira e elas começam a falar pela primeira vez sobre as suas vidas anteriores. June explica que conhecia Moira desde antes do Red Center, fala que tentou fugir com sua filha e marido mas que eles foram pegos, o marido foi morto e ela virou Aia. Emily conta uma	A maternidade é um elo entre as duas personagens que criam empatia uma pela outra e começam a desenvolver uma amizade.	A forma como as personagens quebram a barreira das ações socialmente aceitas (como as frases já prontas que todos usam) e passam a mostrar quem são de verdade uma para a outra através do diálogo.



	história parecida, onde ela e sua mulher tentaram fugir para o Canadá mas apenas a mulher e o filho conseguiram		
Cena 12 = Monólogo final de June	June no seu quarto, sentada na frente da janela, fala sobre a necessidade de se manter viva nesse mundo pois um dia ele vai mudar e ela vai ter resistido e vai poder encontrar a sua filha perdida. Aqui é a primeira vez que a personagem fala o seu verdadeiro nome.	A maternidade é usada como discurso de força e resistência que ajuda June a continuar resistindo nos piores momentos.	A iluminação da cena, a forma como a personagem parece finalmente acordar (por causa da notícia da morte da Moira) e perceber que precisa lutar para recuperar sua filha. A forma como o seu nome próprio representa força no discurso e retomada de identidade.

#### TEMPORADA 1 - Episódio 2

Cena 1 = June e Emily caminhando juntas	Emily fala que costumava ser uma professora universitária e June fica surpresa pois a maior parte dos professores foram mortos, Emily explica que ficou viva por ser fértil	A maternidade aparece aqui como o elemento que literalmente salvou a vida da Emily, mas ainda é um dever	O diálogo honesto entre as personagens, que não fingem mais ser o que não são, a nostalgia com o passado próximo, a ironia da fala de Emily quando ela diz ser "sortuda" por ser fértil.
Cena 2 = June esta no Parto Móvel indo para a casa de Janine	June esta com as outras Aias no Parto Móvel indo visitar Janine que vai dar a Luz, durante o caminho ela reflete quais são as chances do bebê nascer saudável (poucas) e lembra de quando ela chegou no hospital para ter Hannah	Aqui já conseguimos entender melhor a dificuldade de ter filhos nessa sociedade, e como isso afeta a vida das poucas mulheres que ainda podem. A possibilidade de maternidade é uma esperança mas é a única que elas tem	A forma como a série introduz os problemas de fertilidade dessa sociedade no enredo (sutilezas no flashback), mostrando essa como a maior justificativa da dominação feminina.
Cena 3 = June vê as wives em torno da patroa da Janine encenando um parto como se ela fosse a verdadeira mãe	June chega na casa da Janine e vê as esposas em torno da esposa principal agindo como se o parto fosse dela. Há toda uma encenação feita pelas personagens que demonstra o culto à maternidade, o valor que se dá a esse momento.	Maternidade = algo sagrado, a esposa deve sentir que é ela quem esta tendo a filha, como uma forma de mascar a escravidão que está sendo feita com a outra mulher.	Expressão da June enquanto ela vê essa encenação.
Cena 4 = Flashback da June de quando ela teve a	June lembra dos momentos após ter tido Hannah, a enfermeira confirma que sua filha	É mostrado como algo raro, difícil de conseguir nessa nova sociedade.	June olhando para os berços sem bebês, a forma como a enfermeira fala dos acontecimentos

Hannah	está saudável e ela fica aliviada. Quando a enfermeira leva a bebe na enfermaria June percebe que não tem mais nenhum bebê lá, e ela explica que a maioria morreu na noite anterior.		com naturalidade (demonstrando que isso já é comum)
Cena 5 = Parto da Janine	Todas as aias estão ao redor de Janine enquanto ela passa pelo processo do parto. Todas a apoiam, o parto é feito de forma natural e a Esposa encena como se ela estivesse passando por isso. Quando acaba Janine fica abalada porque sua filha é dada para a Esposa, todos ficam felizes que a bebê é saudável mas Janine chora de tristeza, as Aias abraçam ela pois entendem o que ela passa.	A maternidade aqui é o que une as Aias umas as outras, é também o ritual consagrado que termina com o parto, e o que mostra qual é o verdadeiro lugar das Aias de úteros explorados, não de mães (essas são as Esposas)	Trilha sonora, direção de arte, atuação, expressão das personagens que se unem e se entendem nesse momento ajudando umas as outras.
Cena 6 = Flashback da June de quando uma mulher tentou roubar a Hannah no hospital	June se levanta no hospital e percebe que Hannah não está lá, Luke também não está com ela e a enfermeira é encontrada morta. Soam sirenes no hospital e os dois encontram a mulher que estava tentando roubar Hannah: uma mãe desesperada/instável que tinha perdido o seu bebê. Hannah é resgatada e a mulher é detida pelos policiais.	A maternidade está em risco (por causa da baixa taxa de natalidade) o que faz com que algumas mulheres fiquem desestabilizadas. A maternidade é justificativa ate para roubar um bebê pois o peso do filho ter morrido cai em cima das mulheres.	A forma como um problema da sociedade afeta a vida pessoal da June, a forma como a série mostra isso para contextualizar os problemas da época, não vilanizando a mulher que tenta roubar a bebe mas mostrando ela tambem como uma vítima.
Cena 7 = Janine amamenta a sua filha	Janine amamenta a sua filha feliz enquanto canta	Aqui a maternidade é mostrada como um elo emocional e verdadeiro, como se a personagem ainda estivesse no seu mundo anterior e não nesse novo.	Fotografia e iluminação dão beleza e naturalidade à cena (como se para fazer a gente esquecer da sociedade cruel da série)
TEMPORADA 1 - Episódio 3			
Cena 1 = Martha e Serena tratam bem a June pois	June chega em casa e é bem recebida pela Martha que faz um	A possibilidade de estar grávida faz com que June seja tratada	O simbolismo da cena com a Rosa que é colocada na mesa, a

acham que ela esta grávida (sua menstruação ta atrasada)	bom almoço para ela, e depois por Serena que a trata super bem. Ela percebe que esta sendo tratada assim porque sua menstruação esta atrasada e acham que ela está grávida.	melhor, pois essa sociedade valoriza a Aia apenas quando ela gera vida (cumpre seu papel)	forma como a Aia é tratada como uma criança que deve ter cuidados.
Cena 2 = June e Serena vão na casa da Janine ver a bebê que nasceu no episódio anterior	Serena segura a bebê Angela e depois dá para June segurar um pouco (quebrando protocolo pois quem estava segurando eram só as esposas)	A possibilidade de estar grávida faz com que June seja tratada melhor por Serena.	A expressão de June ao segurar o bebe, a forma como as outras esposas agem ao ver isso.
Cena 3 = Janine e June conversam sozinhas	Janine e June conversam no quarto, Janine fala que como ela teve uma filha saudavel eles deixam ela fazer tudo que quise, e revela que é apaixonada pelo seu comandante	A maternidade bem sucedida de Janine lhe confere "privilégios"	A expressão de June ao ouvir os relatos de Janine, sabendo que a sua amiga esta errada e iludida.
Cena 4 = Serena agradece June pelo trabalho que elas "fazem juntas"	June e Serena estão indo embora e Serena fala do trabalho que elas "fazem juntas", diz que Janine não esta reagindo bem porque ela é uma mulher fraca (dando a entender que June não seria)	A possibilidade de estar grávida faz com que June seja tratada melhor por Serena.	O discurso de "cumplicidade" que existe apenas quando a Aia cumpre o seu papel, e que tenta esconder a situação de escrava da Aia.
Cena 5 = Tia Lidia ataca June ao interrogá-la, Serena a protege falando que ela está gravida	Tia Lidia e um Olho interrogam June sobre Emily, ela desafia a tia Lidia e por isso sofre violência física. Serena chega e a protege dizendo que ela está gravida	A possibilidade de estar grávida faz com que June seja protegida, pois essa sociedade valoriza a Aia apenas quando ela gera vida (cumpre seu papel)	A forma como o discurso e as ações da tia lidia e do Olho mudam quando eles acham que ela esta gravida (e o arrependimento na tia Lidia)
Cena 6 = Tribunal da Emily e da Martha	Emily e sua namorada são julgadas como traidoras de gênero, a Martha é setenciada para a morte e Emily fica viva apenas por ser fértil.	A possibilidade de engravidar protege Emily da sua morte, mas ela ainda sofre consequências, apenas continua viva para servir de corpo explorado.	A construção da cena emocionante e forte, a construção de um "julgamento" teocrático, o fardo que é ser LGBT nessa sociedade e as emoções que as personagens transparecem.
Cena 7 = Serena descobre que June não está grávida	June conta que sua menstruação desceu, Serena fica brava e agride ela, trancando-a em seu quarto. Ela esta brava porque June não esta	O não cumprimento do papel designado de ficar grávida faz com que Serena fique brava e frustrada com June, e aja com violência	A forma como Serena desconta sua raiva em June por não estar conseguindo cumprir o seu papel. A forma como a sua expressão e as suas ações mudam

	cumprindo o papel que lhe foi designado e porque ela já tinha nutrido esperanças de que teria um bebê.	simplesmente porque ela pode. Ela assim mostra para June onde é o seu verdadeiro lugar (depois de tratar June bem por alguns dias)	rapidamente ao saber da falta de gravidez da Aia.
TEMPORADA 1 - Episódio 4			
Cena 1 = June, Luke e Hannah num parque (flashback)	June está indo a loucura no seu quarto e por isso fica lembrando dos bons momentos com a sua família	A maternidade aqui serve de esperança para June continuar resistindo como Aia e ao mesmo tempo serve como uma ponte para esse lado mais humano da personagem, como uma forma de conhecer suas memórias íntimas.	Os mesmos dos outros flashbacks
Cena 2 = Aias aprendendo sobre a "cerimônia" (flashback)	As aias estão no Red Center, tia Lídia ensina sobre a "cerimônia" mostrando quais são as posições em que elas tem que ficar.	A maternidade é usada como justificativa para criar um "ritual" onde mulheres são estupradas	A reação das Aias ao perceber o que elas estão sendo ensinadas. A justificativa religiosa dada pela tia Lídia.
TEMPORADA 1 - Episódio 5			
Cena 1 = Serena leva June para o quarto de Nick para que ela transe com ele e assim consiga engravidar, depois ela respira a mão na barriga da June	Depois de transar com Nick, June vai para dentro da casa com Serena e Serena fala para ela ir se deitar, depois de rezar colocando as mãos na sua barriga	A maternidade é algo sagrado, da para ver que a personagem da Serena realmente acredita nisso e realmente faria de tudo para que June engravidasse.	
Cena 2 = June conversa com o comandante	Os dois conversam no escritório dele, ele fala que nessa sociedade as mulheres agora podem cumprir seus objetivos biológicos em paz	A maternidade é usada para justificar todas as atrocidades de Gilead. O discurso autoritário é feito com base na biologia feminina.	
TEMPORADA 1 - Episódio 6			
Cena 1 = Embaixadora do México conversa com June	A embaixadora faz perguntas para June, tentando entender como é a vida de uma Aia. June tem que fingir que é feliz, que escolheu essa vida, que é bem tratada e não tem nada de errado (pois vários comandantes assistem	Maternidade usada para controlar June e fazer com que ela encene uma imagem diferente da real para países externos. Ou seja, ao mesmo tempo em que ela é uma prisioneira ela também é usada de token.	

	a cena)		
Cena 2 = Serena falando para Fred a ideia do seu segundo livro	Fred e Serena estão num cinema e ela fala sobre a sua ideia para o proximo livro: falar sobre a maternidade como moral, a fertilidade como um problema que deve ser resolvido melhorando a moralidade das mulheres.	Maternidade como dever biológico das mulheres.	
Cena 3 = Um dos comandantes fala para Fred que as mulheres não estavam cumprindo seu dever biológico por causa de ambições acadêmicas e profissionais	Um dos comandantes pergunta para Fred se Serena ficou triste de não poder participar das reuniões, ele diz que ela só ficou frustrada. Ele fala que é culpa deles por terem colocado muitas coisas na mão das mulheres, impedindo que elas cumprissem seu "dever biologico" em paz.	Maternidade como dever biológico das mulheres e como justificativa para oprimir mulheres	
Cena 4 = June fala com outra handmaid durante o evento e descobre que elas são o produto de troca com o México	June as outras Aias estão no evento feito para os visitantes do México Uma das Aias pergunta se ela sabe algo sobre as trocas entre os países, ela diz que não e não entende pq isso é importante, a outra Aia fala que é importante porque elas são o "produto" que sera trocado.	Maternidade como um papel objetificado e comodificado, corpos de mulheres sendo vendidos para "salvar" o mundo da crise da fertilidade	
Cena 5 = June conta a verdade para a embaixadora	June encontra a embaixadora e conta toda a verdade sobre como ela é tratada, sobre os estupros, o cárcere e etc, a embaixadora se comove mas diz que não pode ajudar pois na sua cidade faz 6 anos que uma criança não morre, ou seja crianças nascerem é a sua prioridade independente do que aconteça.	maternidade como justificativa para a violencia	
TEMPORADA 1 - Episódio 7			
Cena 1 = Luke está com o seu	Luke está fugindo com um grupo que salvou	Os personagens percebem pela	Aqui é a primeira vez que nós vemos como ser uma

grupo de fuga e descobre que uma das mulheres refugiadas é uma Aia	ele depois dele levar um tiro. O grupo esta em um onibus escolar e todas as pessoas lá são vitimas que estão fugindo de Gilead. Ele percebe que tem uma mulher traumatizada que está gritando e chorando, uma das personagens explica que essa mulher foi resgata em um ginásio onde estavam reunindo mulheres férteis (que depois vão ser as aias)	primeira vez como a maternidade esta sendo utilizada para aprisionar as mulheres, eles percebem em que nível isso chegou.	Aia afeta profundamente o psicológico e o emocional das mulheres vítimas. A personagem tem o que poderia ser descrito como uma síndrome pós-traumática que impede ela de agir e se comunicar normalmente. Isso é colocado na história para mostrar esse lado da questão das Aias e fazer o Luke entender o que está acontecendo.
--	---	---	--

#### TEMPORADA 1 - Episódio 9

Cena 1 = Janine tenta pular da ponte com o bebê	Janine segura a sua filha em cima de uma ponte e fala que vai pular, se matando e matando a criança junto. Todo mundo está envolta dela tentando evitar que isso aconteça.	A maternidade da forma que é imposta na série (com as Aias não escolhendo nada e tendo que abandonar seus bebês depois) faz com que Janine surte e ameace se matar junto com o seu bebê. (ela esta mostrando o que acontece quando voce aprisiona mulheres em um papel como esse)	O adoecimento da personagem Janine e a forma como as pessoas se importam apenas com a possibilidade do bebê morrer, e não com ela.
---	--	---	--

#### TEMPORADA 1 - Episódio 10

Cena 1 = June e Serena descobrem que June está grávida	Serena obriga June a fazer um teste de gravidez e da positivo, Serena fica feliz mas June não, ela fala: "Do you think I prayed for this? do you think I prayed to get a baby into this house?"	Para Serena é algo esperado, um milagre, algo bom. Para June é um pesadelo pois ela sabe que será ainda mais controlada e que o bebê não será seu.	
Cena 2 = Nick descobre que June está grávida	Nick descobre que June esta grávida, ele fica ao lado dela, da um beijo na sua barriga, ela fala que essa notícia é horrível mas ele fala que não é	Apesar de ser algo que June não queria, ela e Nick se deixam levar imaginando um mundo onde eles podem realmente criar juntos esse filho.	
Cena 3 = Serena faz June ver Hannah	Serena mostra para June que ela sabe onde Hannah esta, ela torura ela para dizer que se June tentar machuca ou fazer algo com o seu bebê, ela irá	A maternidade de June é uma arma usada contra ela, torna ela refém e é usada para dizer como ela deve se comportar.	

	machucar hannah em troca.		
Cena 4 = Serena e Fred conversam no quarto do bebê	Serena e Fred conversam sobre finalmente ter um filho, ele garante que o filho se realmente deles e que quando June parir ela vai sair da casa e deixar eles serem uma família.	A maternidade para o casal é um objetivo realizado, um milagre com forte valor emocional, tudo pelo qual eles "lutaram".	Mesmo acreditando nesse sistema Serena ainda sabe em algum nível que não sera a verdadeira mãe

#### TEMPORADA 2 - Episódio 1

Cena 1 = June e luke decidem que vão tentar ter outro filho (flashback)	June fala para luke que ela precisa ir na farmácia comprar pílula anticoncepcional, pede que ele assine (porque agora para comprar é preciso ter autorização do marido) mas dá a ideia de não pegar, e sim tentar ter outro filho. Ele fica feliz e concorda, os dois se beijam apaixonados e felizes.	Aqui a maternidade é um momento feliz, os dois estão contentes com essa possibilidade que eles estão escolhendo.	O que chama atenção na cena é que apesar das dificuldades o casal ainda fica feliz de ter outro filho e também chama atenção a necessidade do Luke ter que assinar uma permissão para ela comprar pílula.
Cena 2 = Tia Lídia revela a gravidez da June para as outras Aias	As Aias estão sendo punidas em baixo da chuva, e a Tia Lídia revela que June estava escondendo um segredo: ela está grávida, a tia Lidia fala para todas agradecerem a Deus e comemorarem.	A maternidade é algo sagrado e extremamente religioso nessa cena, é algo que tem que ser celebrado e que distingue June das outras Aias, colocando ela no patamar da Aia que esta conseguindo "cumprir a sua função"	A forma como a Tia Lidia fica emocionada (da para ver que a personagem realmente acredita em tudo que faz)
Cena 3 = Tia Lidia da comida para June comer pois esta grávida, ela se recusa a comer	Tia Lidia começa a tratar June melhor dando comida para ela e deixando ela ficar dentro em um lugar quente enquanto as outras tem que ficar fora na chuva. June se recusa a comer e seguir as regras.	A maternidade da para June um novo status, mas também significa que ela terá novas regras para seguir.	O discurso da tia Lidia que mostra o quanto ela coloca a vida do bebê como a coisa mais importante de todas.
Cena 4 = Tia Lidia leva June para ver uma Aia grávida que esta imprisionada por ter tentado matar o feto	Depois de June desrespeitar o que a tia lidia mandar ela fazer, tia Lidia leva ela para um quarto onde uma Aia grávida está acorrentada numa cama por ter tentando	A maternidade é mostrada mais uma vez como uma forma de controle do corpo e da vida de june, algo que pode ser usado contra ela pra deixar ela de refem.	A expressão de horror da Aia acorrentada/aprisionada e a forma como ela é usada para assustar June.

	<p>matar o seu bebê. A Aia é usada como uma ameaça para June ver o que acontece com as que não seguem as regras.</p>		
<p>Cena 5 = June é chamada no hospital porque Hannah estava com febre na escola (flashback)</p>	<p>Hannah estava com febre na escola e por isso foi para a enfermaria, a escola tentou falar com a June e com o Luke mas eles estavam no trabalho então Hannah foi mandada para um hospital. Lá, June é questionada sobre os cuidados que ela tem com a filha, e julgada por trabalhar e ser mãe ao mesmo tempo. A enfermeira fala que a criança deve ser prioridade dos pais e julga June por não colocar a maternidade como sua principal tarefa.</p>	<p>A maternidade de June é julgada porque as condições da época fazem com que as pessoas passem a super valorizar a vida das crianças. Assim, a mulher tem novas e mais difíceis regras a serem seguidas e continua sendo julgada por coisas como trabalhar e ser mãe ao mesmo tempo.</p>	<p>O uso de um discurso antigo de culpabilização da mãe dentro de um novo contexto de uma nova sociedade</p>
<p>Cena6 = June vai no médico fazer ultrassom</p>	<p>O médico mostra o feto de June no ultrassom para Serena e Fred, congratulando eles porque eles vão ser pais, e nem mostrando as imagens para June que é completamente ignorada.</p>	<p>A maternidade é algo que acontece no corpo da June e serve para aprisioná-la e controlá-la, mas o bebê nunca será dela, o seu papel é apenas ser um útero ambulante, os verdadeiros pais são Serena e Fred (portanto aqui é uma questão de classe)</p>	<p>A expressão de June que chega a chorar por não pode ver o seu bebê no ultrassom e sentir usada e aprisionada em todo esse processo.</p>
<p>TEMPORADA 2 - Episódio 2</p>			
<p>Cena 1 = Emily tenta fugir do país com a sua mulher e o filho mas ela é impedida de ir</p>	<p>Emily, a mulher e o filho tentam embarcar para Montreal mas são parados antes do embarque. O policial fala que Emily precisa de um visto por não ser canadense, ela explica que as duas são casadas e a sua mulher tem passaporte canadense. O policial manda ela esperar em outro lugar e depois avisam a ela que o casamento das duas</p>	<p>A maternidade é a justificativa para impedir que Emily saia do país, aprisionando ela no papel de Aia.</p>	<p>A institucionalização do aprisionamento de mulheres no papel de mães (o uso de desculpas baseadas em leis)</p>



	não é mais valido. Elas ficam sem saber o que esta acontecendo e o policial fica perguntando se o filho é biológico, se emily é a verdadeira mãe dele e etc. No fim só a mulher da Emily e o seu filho consegue embarcar, elas se despedem e é a ultima vez que se vêem		
TEMPORADA 2 - Episódio 3			
Cena 1 = June conversa com a Econo-wive e ela explica que o governo a ameaça com a possibilidade de virar uma Aia	June está sendo ajudada por um cara que é da classe Econopeople, ele leva ela para casa e sua mulher não fica feliz pois sabe o quão arriscado é isso. Ela conversa com June e demonstra seus medos.	A maternidade forçada como Aia é usada de ameaça para a Econowive para que ela sempre obedeça o governo e não se rebele.	A forma como o governo controla todas as classes para ficarem umas contra as outras ao invés de se juntar.
Cena 2 = Tia Lidia justifica a existência das colônias e do trabalho das mulheres que é feito la falando que assim elas vão construir um mundo melhor. (flashback)	Tia Lidia está passando uma apresentação de slide show sobre o trabalho feito nas colônias para "limpar" o planeta e garantir uma vida melhor para todos, diminuido a crise do meio ambiente e da fertilidade. (uma das mulheres que aparecem nas fotos é a mãe de June)	A maternidade é usada como justificativa para todo o trabalho horrível realizado pelas mulheres nas colônias. Além disso é a ligação que abala June nessa cena porque ela ve a sua mãe (mulher que lutava em movimentos feministas e com quem ela tinha um relacionamento complicado) em uma das fotos.	A deturpação do dialogo fazendo com que atos violentos (como a existencia das colonias) sejam aceitáveis.
Cena 3 = June está escapando de Gilead no avião e lá ela pensa sobre Hannah e sobre sua mãe	June esta no avião que vai levá-la para o Canadá, ou seja, ela vai conseguir escapar de Gilead. Mas, ela se sente culpada por deixar Hannah e pensa nela imaginando se ela será perdoada.	Ao mesmo tempo em que June esta aliviada e feliz de conseguir escapar, ela tambem se sente culpada por deixar Hannah em Gilead e não poder fazer nada. Ela faz um monólogo sobre como sua mãe teria orgulho dela e como ela espera que um dia Hannah a entenda.	

TEMPORADA 2 - Episódio 4

Cena 1 = Tia Lidia fala com June após ela ser pega tentando fugir de Gilead, explica quais são as suas opções	Tia Lidia fala que se June colaborar como Offred ela tem a chance de viver após o parto, mas que se ela tentar fugir de novo ou ser rebelde ela ficará a gravidez inteira presa e depois será executada.	A maternidade é usada como arma para aprisionar June.	A diferenciação entre a "June" (mulher pecadora e horrível que Offred não pode ser) e Offred, a Aia certinha que faz tudo que mandam que ela precisa ser.
Cena 2 = Chá de bebê da June/Serena	Serena realiza o chá de bebê da June, as esposas presenteiam ela no centro enquanto June fica sentada no cantinho sem falar nada. Elas mencionam o bebê chutar e Serena fala que esta muito cedo para isso, mas June se intromete e fala que na verdade o bebê chutou na noite anterior, contrangendo Serena que não sabia disso.	June usa a maternidade ao seu favor para constranger Serena e mostrar que como o bebê cresce no seu corpo ela tem um pouco de poder ainda.	A forma como Serena fica irritada de constatar o poder de June.
Cena 3 = Ritual no chá de bebê	As Aias e as esposas se juntam em um ritual religioso no chá de bebê que June e Serena no meio e todas realizam várias preces	A maternidade é algo sagrado e ritualístico.	A forma como esse novo ritual é completamente "normal" para todas.
Cena 4 = June irrita Serena após o chá de bebê	June, Martha, Serena e tia Lidia estão arrumando a sala depois do chá de bebê, nisso June começa a falar sobre o chá de bebê que ela fez para Hannah no passado irritando Serena, que desconta na Martha agredindo ela	June usa a maternidade ao seu favor para constranger Serena e mostrando que já passou por isso, enquanto ela não e também nunca poderá passar	A forma como Serena fica irritada de lembrar que nunca teve filhos nem poderá ter.
Cena 5 = Tia Lidia caminha com June e fala com ela	Tia Lidia leva June ao muro e mostra que o homem que ajudou ela anteriormente foi morto, a sua mulher virou Aia e o filho ficou sem pais. Ela culpa June e fala que para isso não acontecer mais ela tem que aceitar seu destino como Offred.	A maternidade é usada como arma para aprisionar June e culpabiliza-la por ter tentado fugir.	A culpabilização da June.

TEMPORADA 2 - Episódio 5

Cena 1 = casamento do Nick	Nick e outros homens se casam em uma cerimônia conjunta, um casamento arranjado com meninas que eles não conseguem ver, ao tirar o véu nós percebemos que as meninas são pré-adolescentes.	Maternidade usada como justificativa para o casamento infantil.	Naturalização do casamento como forma de posse de meninas jovens e inocentes que precisam ser mulheres e terem filhos para cumprir seu "papel"
Cena 2 = Serena falando com Eve após o casamento	Serena fala para Eve que ter filhos de Nick é a sua obrigação de mulher.	Maternidade como "destino biológico" de todas as meninas e mulheres. Isso justificaria o casamento de uma menina tão nova e o seu estupro.	A forma como Eve aceita tudo isso que lhe foi ensinado, mostrando que ela é uma personagem que cresceu nos valores de Gilead e esta replicando aquilo que foi ensinado por sua família e pela sociedade.
Cena 3 = June falando com o bebê no hospital	Após ir parar no hospital por causa de uma hemorragia, June conversa com seu filho garantindo que continuará lutando para que ela não precise nascer e ficar em Gilead	A maternidade como esperança para June de uma vida melhor.	Essa cena final quebra a forma como June estava se comportando no episódio (sendo passiva e parecendo que nunca mais ia tentar resistir)

#### TEMPORADA 2 - Episódio 6

Cena 1 = Serena e June conversam de noite na sala	Serena pergunta como é sentir uma vida dentro de si, June fala que se ela quiser ela pode sentir a sua barriga.	Nessa cena as duas personagens mulheres tem um momento de empatia e companherismo apesar do contexto da série.	A forma como a maternidade une as duas por alguns instantes
Cena 2 = Serena tenta falar numa universidade (flashback)	Serena tenta dar uma palestra na universidade mas os alunos gritam e mandam ela em sair então ela não consegue falar. Lá fora ela consegue gritar e falar que as mulheres devem "aceitar seu destino biológico" mas logo na saída ela é atacada e acaba levando um tiro.	O discurso de Serena culpabiliza as mulheres e coloca sob elas o dever de acabar com a crise de infertilidade, por isso as pessoas estão bravas com ela e não a deixam falar (elas estão resistindo a esse discurso retrógrado).	Serena realmente acredita no que fala, e o caso de atentado contra ela apenas dá mais força ao seu discurso
Cena 3 = June pede para Serena se ela pode ver Hannah	June tenta apelar para o lado emocional de Serena e pede para ver Hannah.	June acha que por causa do momento que elas tiveram antes, por Serena estar tratando ela bem, seria possível pedir para ver	

		Hannah mas Serena não reage bem e não mostra compaixão/empatia por esse pedido.	
Cena 4 = Nick transa com Eve	Nick, depois de enrolar no outro episódio, transa com a sua mulher sem ele querer, mas porque tem medo que ela ache que ele é um traidor de gênero se ele não fizer essa "tarefa"	A maternidade é a justificativa para naturalizar um homem adulto dormir com uma menina de 15 anos (mesmo ele não querendo), e é usada para fazer ela acreditar que quer isso.	A forma como ela aceita tudo, naturalizando com o seu "dever"
Cena 5 = Waterfold da uma foto de Hannah para June	Fred visita June para dar a ela uma foto de Hannah e ao mesmo tempo assedia ela e diz que quer transar com ela de novo, que tem saudades e etc, ela "retribui" o assedio para continuar recebendo tratamento especial como a foto mas diz que não pode transar por causa do bebê	A maternidade é usada para manipular June com a foto da hannah, para que ela aceite o tratamento dado por Fred.	
TEMPORADA 2 - Episódio 8			
Cena 1 = Janine, Serena e June visitam a bebê no hospital	Baby angela está mal no hospital, June consegue levar Janine para ver a sua filha	Janine ainda é muito apegada à filha e se sente mal de vê-la doente no hospital. Essa ligação emocional não acabou quando ela "deixou" a filha, sendo maior do que as regras de Gilead.	
Cena 2 = Serena justifica o fato de ter chamado uma Martha que costumava ser médica para examinar o bebê, falando que a maior responsabilidade de Gilead são os bebês, Waterfold está puto	Fred descobre que Serena chamou uma médica mulher para examinar a baby Angela e fica bravo com ela, além disso ele descobre que ela fez seus trabalhos enquanto ele estava no hospital e por isso fica bravo já que Serena desrespeitou as suas regras. Ela tenta se justificar falando que o mais importante para Gilead é cuidar dos bebês, mas ele não aceita e pune ela.	Nessa cena fica bem claro que para Gilead o mais importante não é conseguir ter bebês saudáveis, e sim dominar as mulheres e mantê-las no lugar que foi destinado a elas. Aqui a gente vê como a maternidade é realmente apenas uma desculpa.	A forma como, apesar de ser uma esposa, Serena ainda é punida por ser mulher e ter saído do seu papel social, e ter desafiado seu marido. Ou seja o seu gênero sobrepõe a sua classe.

Cena 3 = Janine com a filha que agora não está mais doente no dia seguinte	Tia Lidia acorda e encontra Janine segurando a sua filha, que todos achavam que não iria melhorar, a criança está saudável de novo e se conecta com a mãe.	A maternidade (biológica) salva a bebê	
TEMPORADA 2 - Episódio 9			
Cena 1 = Homem do governo americano (que ainda existe no Havai) tenta convencer Serena a fugir de Gilead, garantindo que no Havai ela poderia ter um filho próprio	Serena está em um bar no Candá e lá ela é abordado por um homem do governo americano (que agora reside no Havai), ele sugere que ela fuja de Gilead e conte a sua própria história, dizendo que eles divulgariam ela na mídia, além disso ele fala que lá ela vai poder ter o próprio filho já que varios cientistas estão trabalhando na questão da fertilidade.	O homem do governo usa o desejo de Serena de ter um filho seu pai tentar persuadí-la a trair Gilead e fugir para o Havai	É a segunda vez na serie que um personagem sugere que o problema de fertilidade na verdade esta nos homens. É o primeiro personagem que fala com todas as letras que Gilead esta culpando as mulheres de propósito.
Cena 2 = June pede para tia Lidia cuidar do seu bebê	Tia Lidia está visitando June enquanto os Waterfods viajam. June revela estar preocupada com a chegada do bebê na casa deles e pergunta para tia Lidia se ela pode ficar como a responsável pelo bebê, para cuidar dele.	Apesar de não gostar de tia Lidia, June faz de tudo para tentar garantir que a sua filha terá alguém cuidando dela.	
TEMPORADA 2 - Episódio 10			
Cena 1 = June fala para Emily que Moira conseguiu sair de Gilead	June encontra Emily no mercado e fala pra ela que Moira conseguiu sair, portanto elas devem continuar lutando para ver seus filhos de novo. Emily fala que não é mais mãe de Oliver porque ele não lembra dela nem sente seu amor. June garante que ele sente, e que isso não é verdade	Maternidade como esperança para continuar	
Cena 2 = June finge que vai entrar em trabalho de parto e todo mundo	June fala que esta com contrações, todos se organizam para realizar o parto em casa, mas quando	June usa a maternidade como uma forma de mostrar um poder sob Serena, mostrar	A ousadia da personagem de ridicularizar um ritual sagrado naquela sociedade.

organiza o ritual	chega a hora descobrem que o bebê está longe de nascer ainda, foi um "falso alarme"	que isso ela não pode controlar	
Cena 3 = Serena briga com June por causa do "falso parto"	Serena briga com June, ela diz que é preciso induzir o parto mas o médico e a tia Lidia não querem fazer isso.	June usa a maternidade como uma forma de mostrar um poder sob Serena, mostrar que isso ela não pode controlar (Serena tenta controlar falando sobre induzir)	
Cena 4 = June pede a Waterfold que ela seja mudada para o distrito de Hannah	June vai falar com Fred na sala dele de noite e pede para que quando ela seja mudada de casa seja colocada no mesmo distrito que a sua filha. Ele se recusa e ela fica brava, fala que ele nunca vai entender de verdade o que é ser pai.	June tenta conseguir um pouco de empatia por causa da sua gravidez, mas Fred não gosta de ser contrariado então não reage bem.	
Cena 5 = Waterfold (com ajuda de Serena) estupra June para mostrar a ela qual é o seu lugar na casa	Com a justificativa de que será "melhor para induzir o parto" Serena chama June para o quarto e lá segura ela enquanto Fred a estupra. Obviamente o casal fez isso porque June estava saindo muito do seu papel designado, fazendo demandas e perguntas onde não deveria "se meter"	A maternidade (no caso aqui o parto do bebê) é usada de justificativa para que June seja estuprada.	
Cena 6 = June reencontra Hannah	Fred arranja um encontro entre June e Hannah. As duas se vem e tem um momento de conversa muito triste, Hannah acha que foi abandonada pela mãe e o pai, por isso no começo tem receio, mas depois as duas ficam mais próximas e conversam.	Maternidade é uma ligação muito forte da personagem com a sua filha, mas também é algo realista no sentido de que obviamente se elas foram separadas agora Hannah tem outras visões de mundo. Elas continuam se amando mas da para ver essa mudança.	A forma como a cena contém elementos muito realistas no seu diálogo, Hannah é uma criança que reage como qualquer outra
TEMPORADA 2 - Episódio 11			
Cena 1 = June se despedindo de	June está levando Hannah na escola e	Nessa cena da para ver como é difícil e	

Hannah na escola (flashback)	Hannah não quer dizer adeus para ela, fica chorando falando que não quer ir e só entra mesmo quando a professora chega e leva ela para dentro. June se sente culpada de fazer isso com a filha.	como June se sente mal de deixar Hannah, nem que seja só na escola	
Cena 2 = June ouve Serena e Fred falando sobre ela na casa onde ela esta escondida	June esta escondida no ático quando ouve Fred e Serena chegarem, eles discutem sobre o desaparecimento dela e do bebê, Serena esta muito abalada pois fala que desistiu de tudo pela causa e só queria um bebê	O desejo de ser mãe para Serena é maior do que qualquer coisa, ela sacrificou tudo por acreditar e desejar isso	Nessa cena é facil perceber que a relação dos dois mudou muito e não vai mais voltar a ser a mesma
Cena 3 = June tenta fugir mas não consegue porque a neve esta emperrando a porta da garagem,	June encontra um carro na garagem e tenta fugir, mas não consegue porque a porta da garagem está emperrada então ela não consegue abrir, quando ela sai para tentar tirar o gelo ela começa a sentir contrações e entrar em trabalho de parto, então ela aceita que não conseguirá fugir e atira com uma arma para o céu pedindo que alguém vá encontrá-la	Ao mesmo tempo em que June quer fugir para salvar a sua filha, é pelo fato de estar grávida que ela não consegue fugir e quando ela começa a entrar em trabalho de parto tem que aceitar isso	
Cena 4 = June faz seu próprio parto sozinha na sala	Ninguém chega a tempo, então ela realiza o parto sozinha de forma natural na sala da casa. Durante a cena de parto ela tem flashbacks do seu parto de Hannah, das aulas da tia Lidia sobre parto e do parto da Janine.	Nessa cena o ato de dar a luz nos mostra toda a força da personagem e das mulheres no geral, ja que ela consegue fazer isso sozinha	A diferença entre os flashbacks onde ela dizia que nunca conseguiria ter um filho de forma natural, e a cena atual onde ela encontra forças para fazer isso nas condições que ela esta
TEMPORADA 2 - Episódio 12			
Cena 1 = Serena cuida do bebê de June	Serena cuida de Holly/Nicole como se fosse o bebê dela	Da para ver que a Serena está feliz e realizada, ter um bebê sempre foi seu sonho idealizado e agora ela o realizou	

Cena 2 = Tia Lidia fala com June enquanto ela tira leite do seu peito	Tia Lidia fala que pode parecer difícil mas June tem que respeitar as regras da família de não ver a sua filha, June rebate falando que elas deviam fazer o melhor para a bebê pois Tia Lidia jurou que ia cuidar dela (afinal June não está conseguindo produzir muito leite por não estar perto da filha)	é uma das cenas onde nós percebemos que ter o filho/cuidar do filho é menos importante do que seguir as regras em Gilead. É mais importante controlar as Aias do que cuidar dos bebês	Papéis Sociais > fazer o que é melhor para o bebê (entretanto tia Lidia acaba concordando com June)
Cena 3 = Serena e Eve cuidam da bebê	Serena cuida de Holly/Nicole como se fosse o bebê dela e Eve ajuda falando que está treinando para quando tiver a sua	Da para ver que Serena está feliz e que Eve, apesar de ter 15 anos, já internalizou que ser mãe é o seu maior sonho e seu dever por isso também está feliz	Maternidade compulsória em meninas (Eve)
Cena 4 = Fred deixa que June veja a bebê para que ela volte a produzir leite	Tia Lidia leva June para uma igreja onde estão Fred e Nick, Fred segura a bebê e deixa June ver ela para que ela volte a produzir leite, e funciona	June fica mal porque apesar de ter tido a filha o seu papel de mãe é controlado pelas regras dos outros, ela não tem a liberdade nem de segurar a própria filha	
Cena 5 = Serena e Fred discutem porque ele deixou June ver a bebê	Serena fica brava de saber que Fred deixou June ver a bebê e propôs que ela voltasse para casa, para amamentar o bebê	Para Serena a maternidade é uma questão de poder sob Offred, nessa cena ela fica brava de ter sido desrespeitada	
Cena 6 = June vê Serena cuidando da sua filha	June assiste da porta do quarto enquanto Serena cuida da sua filha	June fica mal porque apesar de ter tido a filha o seu papel de mãe é controlado pelas regras dos outros, ela não tem a liberdade nem de segurar a própria filha	
Cena 7 = June e Nick conversam na sala	June e Nick conversam sobre como eles queriam fugir com Holly e ser uma família de verdade longe de Gilead	A maternidade aqui é uma esperança, eles sonham com um mundo melhor onde vão poder compor uma família	
Cena 8 = Serena tenta amamentar a bebê	Holly/Nicole está chorando e Serena desesperada tenta amamentá-la, mas não	Serena está tão desesperada para cumprir o papel de mãe sem Offred que	



	tem leite então a criança continua chorando e ela pede desculpas	tenta ate mesmo realizar as atividades biológicas da Aia	
Cena 9 = Fred fala com June na cozinha sobre o seu reencontro com Hannah	Na cozinha Fred pergunta para June se ela tinha ouvido o que eles falaram na casa,ela diz que não porque ela estava com medo e escondida. Ele pergunta porque ela não queria voltar para a casa dele e ela da a desculpa de que queria ficar mais tempo com sua filha antes que ela nacesse, ele pergunta como foi o reencontro com Hannah, ela agradece e ele diz que ficou feliz de dar isso para ela	O fato de June ser mãe e sentir falta da sua filha é usado contra ela como uma forma de manipulação	
Cena 10 = June e Serena cuidam da bebê	Depois da morte de Eve (que abalou a casa toda) Serena deixa June segurar e cuidar de Holly/Nicole	Serena finalmente cede e percebe que precisa da ajuda de June para cuidar da bebê	
TEMPORADA 2 - Episódio 13			
Cena 1 = June confronta Serena ao mostrar que Eve estava lendo a biblia para tentar entendê-la, ela pergunta como Serena vai conseguir manter uma menina segura nessa sociedade	June entra na estufa onde Serena está e mostra que encontrou uma biblia de Eve onde a menina anotava varias coisas, Serena fala que ela estava errada pois estava quebrando a lei por ter lido. June fala que ela tinha apenas 15 anos e queria entender a palavra de Deus que ela tinha que seguir, daí ela confronta Serena sobre como ela vai manter Nicole protegida se ele não vai poder nem ler o que está na bíblia.	June começa a usar o sentimentos maternos de Serena para fazer ela ver os problemas da falta de direitos das mulheres em Gilead	A forma como Serena fica brava e manda June ir embora porque ela sabe que a Aia está certa.
Cena 2 = June mostra para Nick como cuidar da bebê	Nick vai no quarto da bebê e June mostra para ele como segurá-la e cuidar dela	O casal sonha em como seria poder cuidar da bebê juntos, a Martha assiste essa cena e se comove com o amor deles	Ver essa cena faz com que a Martha pense em ajudar June a escapar depois.
Cena 3 = Serena	Serena conversa com	Os sentimentos	Apesar de serem de

conversa com outras esposas sobre as suas preocupações com a sua filha	as outras esposas sobre as suas ideias de que as mulheres também deveriam poder ler, assim como os homens, e descobre que as outras também concordam	maternos de Serena fazem com que ela passe a ver os problemas da falta de direitos das mulheres em Gilead. Ela começa a questionar como ela vai criar uma menina nesse mundo.	classe privilegiada as esposas também percebem que são afetadas pela cultura patriarcal de Gilead. (claro que elas só percebem isso quando são atingidas diretamente pelas suas filhas, mas ainda assim aos poucos elas estão questionando essa sociedade)
Cena 4 = Esposas propõem uma mudança na lei para os comandantes	Serena e as outras esposas vão ao congresso propor uma mudança na lei que possibilite que homens e mulheres possam ler a bíblia. Ela afronta os comandantes lendo partes da bíblia na frente deles.	Os sentimentos maternos de Serena fazem com que ela passe a ver os problemas da falta de direitos das mulheres em Gilead. Ela começa a questionar como ela vai criar uma menina nesse mundo e por isso decide agir.	É interessante notar como nessa cena fica bem claro que a religião é apenas usada de desculpas na série para cometer todas as atrocidades que os homens querem cometer em Gilead. O pedido de Serena não deveria ser tão radical, afinal ela só quer que sua filha possa ler a bíblia, mas isso significaria dar alguma autonomia para mulheres e eles não podem tolerar isso (Opressão justificada através da religião claramente)
Cena 5 = Fred fala para Serena que o que ela fez foi errado	Fred sai da sala e fala com Serena, ela pergunta qual foi a decisão dos comandantes e ele explica que ela não deveria ter proposto aquilo. Ela tenta explicar que fez por causa da filha deles, para dar um exemplo a ela e melhorar suas condições de vida. Ele fica puto e chama os guardas que arrastam Serena para fora e cortam um dos seus dedos (punição por ter lido)	Serena justifica o seu "ato rebelde" para Fred por causa da maternidade, mas ele não se importa com a filha deles da mesma forma que ela.	Independente da sua classe ou posição, quando uma mulher sai do papel que foi determinado a ela, ela se torna uma ameaça e é punida pela sociedade.
Cena 6 = June confronta Fred	June confronta o comandante sobre o que ele deixou fazerem com Serena, ele explica que Serena não foi obediente e tentou mudar o papel que as mulheres têm em Gilead, ele explica que cada um tem o seu	A maternidade de June é usada para tentar manipulá-la a ficar na casa seguindo o papel de Aia. E como Aia a maternidade é usada para aprisioná-la em um papel social dentro de Gilead.	A forma como Fred demonstra claramente que o objetivo de Gilead é subjugar as mulheres (independente de ser a sua própria mulher por exemplo)

	"papel" e que elas devem obedecê-lo. Ele ainda fala que se ela continuar na casa e obedecer como uma boa Aia ela talvez possa ver Hannah de novo, ou seja tenta manipulá-la		
Cena 7 = June convence Serena a deixar ela fugir com a bebê	June esta fugindo com a ajuda da rede de Marthas, mas Serena para ela no portão. Ela consegue então convencer Serena que é melhor deixar ela ir com a bebê para tirá-la de Gilead e assim poder dar um futuro melhor para ela.	O amor materno e a sua experiência tentando questionar o papel das mulheres em Gilead faz com que Serena se comova e deixe Offred fugir com a bebê.	é nesse momento que a gente percebe que durante essa temporada a personagem da Serena realmente mudou e passou a ver a verdade sobre como é Gilead e quais são os seus problemas.
Cena 8 = June foge com a bebê mas pensa em Hannah, por isso decide ficar em Gilead	June está fugindo com Nicole mas para e vê a foto de Hannah, ela tem um flashback da filha e então decide não sair de Gilead, mas ficar e tentar salvar Hannah. No fim ela dá Nicole para Emily (que esta fugindo também) e fica em Gilead.	A maternidade de June é o que faz ela fugir com Nicole, mas também é o que faz ela decidir ficar no final para salvar Hannah	